



Diálogos comunicacionais na América Latina

produção, vivências e afetos

**Maria Cristina Gobbi
Everson Umada Monteiro**
Organizadores

The background of the cover features a stylized, white line-art illustration of a diverse group of people. The figures are depicted in various poses, some looking towards each other as if in conversation. The lines are clean and minimalist, creating a sense of movement and interaction. The overall composition is centered around the text, with the illustration providing a visual context for the theme of communication.

**Diálogos
comunicacionais
na América Latina**
produção, vivências e afetos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Reitor

Laércio Alves de Carvalho

Vice-reitora

Luciana Ferreira da Silva

*Pró-reitora de Extensão, Cultura
e Assuntos Comunitários*

Érika Kaneta Ferri



DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES - EDITORA UEMS

Chefe da Divisão de Publicações

Sandra Espindola Macena

Designer Gráfico

Everson Umada Monteiro

Editora

Eliane Souza de Carvalho

Revisora

Islene França de Assunção

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Nataniel dos Santos Gomes

Conselheiros(as)

Alberto Adriano Cavalheiro

Cíntia Santos Diallo

Claudia Andreia Lima Cardoso

Cristiane Marques dos Reis

Érika Kaneta Ferri

Eliane Souza de Carvalho

Islene França de Assunção

Marcos Antonio Camacho da Silva

Mirella Ferreira da Cunha Santos

Roberto Dias de Oliveira



Maria Cristina Gobbi
Everson Umada Monteiro
Organizadores

Diálogos comunicacionais
na América Latina:
produção, vivências e afetos

EDITORA **UEMS**

© 2024 by Maria Cristina Gobbi e Everson Umada Monteiro.

Capa e projeto gráfico
Everson Umada Monteiro

Revisão final
Islene França de Assunção

D527

Diálogos comunicacionais na América Latina : produção, vivências e afetos / organizadores Maria Cristina Gobbi, Everson Umada Monteiro. – Dourados, MS: Editora UEMS, 2024.
238 p.

ISBN: 978-65-89374-35-0 (Digital).

1. Comunicação social 2. Mulheres latino-americanas 3. Comunicação - América Latina, I. Gobbi, Maria Cristina II. Monteiro, Everson Umada III. Título

CDD 23. ed. - 302.2098

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Bruna Peruffo Vieira - CRB 1/2959.

Autorizamos a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte. Proibido qualquer uso para fins comerciais.

Direitos reservados à

Editora UEMS

Bloco A - Cidade Universitária

Caixa Postal 351 - CEP 79804-970 - Dourados/MS

(67) 3902-2698

editorauems@uems.br

www.uems.br/editora

Editora associada à





SUMÁRIO

7 APRESENTAÇÃO - MATRIZES COMUNICACIONAIS LATINO-AMERICANAS: A PRESENÇA DAS MULHERES

Maria Cristina Gobbi e Everson Umada Monteiro

17 CENÁRIOS COMUNICATIVOS LATINO-AMERICANOS: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO TEMA

Maria Cristina Gobbi

41 CAROLINA, O LUGAR DE FALA QUE ECOA AOS BERROS AO BRASIL DE 22, EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL E DO SINGULAR

Marcos Roberto Souza Brogna

57 NOSSO ROCK E O DELES: O QUE ANGOLA PODE NOS ENSINAR SOBRE O ACRE?

Giselle Xavier D'Ávila Lucena

79 ROSA MARÍA ALFARO: COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA

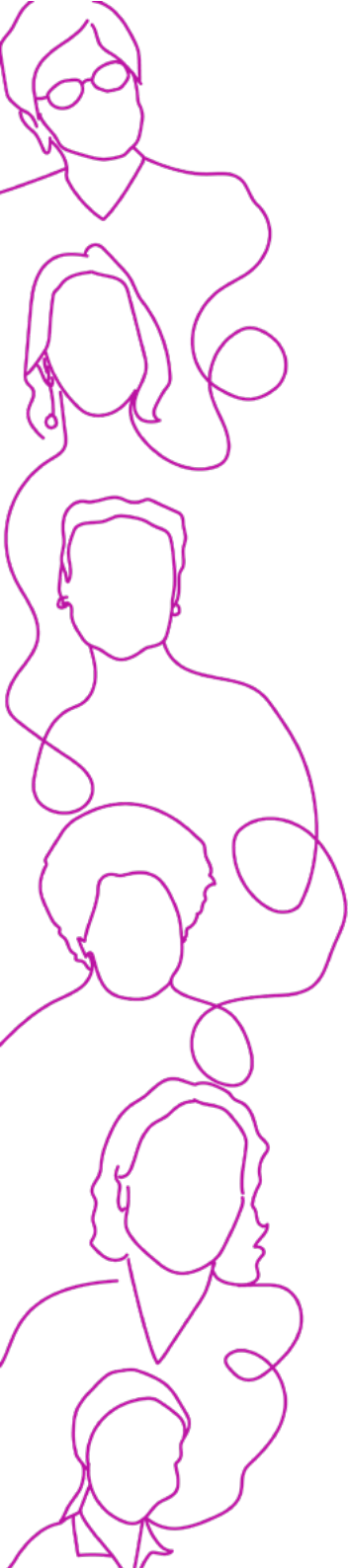
Fernanda Pasian

97 OLHAR PARA AS VIVÊNCIAS: PESQUISAS DE ÂNGELA MARQUES QUE NOS AFETAM

Daniela Borges de Oliveira

127 DOS AFETOS ÀS DIALOGIAS SOCIAIS: TRAJETOS DE CREMILDA MEDINA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Everson Umada Monteiro



145 **COMUNICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO:
MICHÈLE MATTELART E O PENSAMENTO
COMUNICACIONAL LATINO-AMERICANO**

Matheus Santiago Gonçalves

175 **OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO LATINO-
-AMERICANOS E AS CONTRIBUIÇÕES DE
NILDA JACKS PARA A COMPREENSÃO DO
CENÁRIO NO BRASIL**

Gabriela Ribeiro Amorin

197 **NA BUSCA DE CRITÉRIOS DE NOTICIABI-
LIDADE DECOLONIAIS SOBRE E DA AMÉRICA
LATINA**

Alexandre Barbosa

219 **MEMÓRIAS DO CÁRCERE DE HIPÓLITO DA
COSTA**

Jairo Faria Mendes

235 **SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES**



APRESENTAÇÃO

MATRIZES COMUNICACIONAIS LATINO-AMERICANAS: A PRESENÇA DAS MULHERES

Maria Cristina Gobbi e Everson Umada Monteiro

Esta obra reflete os resultados de estudos sobre as contribuições de mulheres latino-americanas para a construção do saber no campo da comunicação. A proposta traz resultados e discussões feitas por discentes e professores durante o segundo semestre letivo de 2021 na disciplina Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas, que integra o rol de especialidades do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

Oferecida periodicamente, a disciplina tem buscado (re)ler, (re)visar e (re)conhecer, na área da Comunicação Social, a produção de autores individuais, editores de coletâneas, organizações, centros de estudos e de pesquisa, universidades, grupos sociais e

sociedade civil dos países latino-americanos, que tem contribuído para a consolidação do Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) e da Escola Latino-Americana de Comunicação (Elacom), como defendida pelo professor José Marques de Melo. Como contribuição para a área, as aulas trazem a discussão sobre as colaborações pioneiras para a cultura midiática na América Latina, sistematizando tendências, definindo amplitudes latino-americanas, relendo autores, reconhecendo sujeitos sociais e temáticas que norteiam toda essa produção.

Os resultados têm possibilitado definir caminhos ainda pouco estudados, percorrer trilhas não exploradas e encontrar atores individuais e grupos diversificados no campo da comunicação, que têm protagonizado processos comunicativos singulares, mas não exclusivistas. Tais perspectivas trazem características essenciais para a compreensão dos fenômenos sociais na América Latina, visões que, inclusive, são distintas das europeias e norte-americanas. Diante disso, a disciplina constitui-se como uma importante ferramenta para a reflexão sobre o pensamento comunicacional latino-americano, pois permite aos estudantes de comunicação social uma amplitude sobre os aspectos teóricos e metodológicos presentes em sua própria realidade.

Fazendo uma breve incursão sobre os espaços de legitimação do campo da comunicação latino-americana no continente, podemos mencionar a criação de diversas instituições de ensino, de centros de pesquisa nacionais e internacionais e de revistas acadêmico-científicas que têm legitimado as produções da área da Co-

municação. Estamos falando de espaços e de produções, como o *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina* (Ciespal), no Equador, de 1959; a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 1977, no Brasil; a *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (Alaic), criada em 1978 e reconstruída em 1989; a Revista Chasqui, no Equador, editada pelo Ciespal desde 1972; a *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, editada pela Alaic, que teve início em 1980; e a *Diálogos de la Comunicación*, publicada pela *Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social* (Felafacs) a partir de 1987, entre muitos outros reforços.

Entre os anos de 2020 e 2021, o mundo foi assolado pela pandemia de covid-19, e, conseqüentemente, tivemos que (re)adequar conteúdos e ampliar as formas de diálogo com os mestrandos e doutorandos. Por meio de atividades remotas, foram necessárias adaptações e ajustes para que os estudos permanecessem ativos. Em 2021, também estava em curso o projeto *Do silenciamento à palavra: a presença da mulher nos estudos em comunicação na América Latina* e a *Agenda 2030*¹, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que, em conjunto com as demandas dos projetos dos estudantes do Programa, possibilitaram o (re)desenho da disciplina. A ementa caminhou no sentido de iniciar os pesquisadores em formação na compreensão das raízes do PCLA e da Ela-

¹ A Agenda 2030 é um plano de ação global, proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU), que reúne 17 objetivos de desenvolvimento sustentável e 169 metas, no intuito de erradicar a pobreza e promover vida digna a todos os cidadãos.

com, mapeando e projetando os estudos realizados por mulheres latino-americanas, de maneira a possibilitar o avanço na produção do conhecimento e (re)conhecer a natureza do espaço comunicativo-produtivo ocupado por elas.

Do mesmo modo, definimos como fundamental a verificação do grau de influência exercida ou não por essas produções na configuração dos imaginários sociais, nas novas formas de sociabilidade e na contribuição para o desenvolvimento de bibliografias para o campo. Ademais, considerando os contornos socioculturais múltiplos e plurais da região, é importante expressar mudanças que podem ser capazes de colaborar para o cumprimento da *Agenda 2030* proposta pela Organização das Nações Unidas, em especial com referência ao objetivo 5, que contempla a Igualdade de Gênero e Empoderamento Feminino. Tal aporte se deve, especialmente, à invisibilidade dos estudos das mulheres na área. Conforme assertiva de Corner (2019, p. 1, tradução nossa), o “[...] exame de como os programas de ensino e a atividade de pesquisa contribuíram para institucionalizar a área com uma identidade acadêmica discreta, embora muito debatida”². Diante disso, definimos o escopo da disciplina e as atividades a serem realizadas no período.

Não há dúvidas de que o alargamento dos espaços de formação possibilitou o ingresso da mulher na educação superior, sobretudo a partir do século XIX³. Porém, o que é possível ainda

² No original: “*the examination of how teaching programmes as well as research activity have helped to institutionalize the area as one with a discrete, if much-debated, academic identity*”.

³ Embora o exercício profissional ainda ocorra, em muitos casos, em uma posição de menor prestígio se comparada com os colegas do sexo masculino.

constatar é que a produção comunicativa feminina continua invisibilizada. Poucas são as referências e as citações utilizadas, quer nos cursos de graduação e/ou de pós-graduação da área. A partir dessas constatações o grupo definiu que a disciplina trabalharia com a perspectiva de ampliar as reflexões para a produção feminina na área, visto que, basicamente, não havia muitas referências de mulheres nos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos.

A disciplina foi desenvolvida de forma a suplantiar a crítica essencialista da dualidade mulher/homem, com foco no gênero enquanto categoria para análise histórica, e não no caráter fixo e permanente da oposição binária presente na construção hierárquica da relação entre masculino e feminino. Assim, a proposta desta publicação traz algumas contribuições de mulheres produtoras de conhecimento comunicativo para que essa produção possa ser consultada, lida, discutida e referenciada na área. Este contíguo cognitivo pode ser encontrado nos textos de Daniela Borges de Oliveira, Everson Umada Monteiro, Fernanda Pasian, Gabriela Ribeiro Amorin, Giselle Xavier D'Avila Lucena, Marcos Roberto Souza Brogna e Matheus Santiago Gonçalves, pesquisadores-estudantes do PPGCom da Unesp, campus de Bauru. Além disso, o semestre contou com as contribuições dos professores Alexandre Barbosa (Memorial da América Latina-SP) e Jairo Faria Mendes (UFSJ), que lecionaram aulas sobre os temas tratados em suas pesquisas de pós-doutorado.

Dessa forma, os estudos comunicativos na América Latina não se esgotam, e a professora Maria Cristina Gobbi, motivada por

essa assertiva, apresentou um projeto de continuidade, objetivando não somente desenhar o perfil comunicacional feminino nos estudos Latino-Americanos protagonizado por diversas autoras, mas também ampliar as sistematizações e, em especial, oportunizar a consulta e o acesso ao material produzido por essas produtoras de conhecimentos também em outros espaços comunicativos e em suas vivências sociais, trabalho que já foi iniciado e que oportunizará outras miradas no quadro das Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas.

A obra inicia com o capítulo intitulado “Cenários comunicativos latino-americanos: uma breve introdução ao tema”, em que a autora Maria Cristina Gobbi traça um panorama sobre o processo histórico de construção dos saberes latino-americanos na América Latina, apresentando os principais feitos para a sua concretização.

No capítulo 2, o autor Marcos Brogna apresenta Carolina Maria de Jesus e sua obra “Quarto de despejo”, um relato pessoal que retrata a mulher negra, favelada, que vive em uma sociedade que invisibiliza suas pautas e a trata com descaso e desprezo. O texto ainda discute a contemporaneidade dos pensamentos da autora considerando a situação atual do país.

O terceiro texto, escrito por Giselle Xavier D’Avila Lucena, traz uma reflexão da autora sobre a tese de doutorado da pesquisadora Melina Aparecida dos Santos Silva, que estudou sobre o *heavy*

metal angolano, e como o trabalho impactou em seus estudos sobre o *death metal* cristão no estado do Acre.

No capítulo 4, Fernanda Pasion relata a trajetória e a produção científica da comunicadora peruana Rosa María Alfaro, que trouxe contribuições importantes sobre a teoria e a prática da comunicação para o desenvolvimento.

Daniela Borges de Oliveira traz, no capítulo 5, uma reflexão sobre as contribuições ao campo da comunicação feitas pela pesquisadora Ângela Marques, que se dedica aos estudos sobre a relação entre comunicação e linguagem, territorialidade e vulnerabilidades e processos midiáticos.

O 6º capítulo apresenta o texto de Everson Umada Monteiro, que aborda as contribuições da professora e pesquisadora Cremilda Medina para o campo comunicacional, relatando sua luta para a emancipação do ensino e da prática jornalísticas frente aos modelos construtivistas impostos historicamente na formação do profissional.

Matheus Santiago Gonçalves traça, no 7º capítulo, o perfil da obra da pesquisadora Michèle Mattelart, mulher, francesa, que viveu no Chile e trouxe inúmeras contribuições sobre estudos de recepção e a relação entre gênero e comunicação.

No 8º capítulo, Gabriela Ribeiro Amorin discute os estudos de recepção latino-americanos e reflete sobre as contribuições da professora Nilda Jacks, que trouxe considerações sobre o assunto numa perspectiva voltada à produção científica brasileira.

APRESENTAÇÃO

O penúltimo capítulo apresenta texto do professor Alexandre Barbosa sobre a sua pesquisa de pós-doutorado, o qual desenvolveu estudos acerca de sua busca por critérios de noticiabilidade decoloniais sobre e da América Latina.

Fechando o volume, o professor Jairo Faria Mendes discorre sobre a sua pesquisa a respeito das memórias do cárcere do jornalista Hipólito da Costa, profissional responsável pela criação do primeiro periódico nacional – *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário* –, em junho de 1908, e que descreveu suas reflexões, com todas as privações e pressões que viveu, na obra *Narrativa da Perseguição*.

Para finalizar, agradecemos a todos os estudantes e docentes parceiros que acreditaram na possibilidade de elaboração desta obra. Gratidão, em especial, à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEC), à Divisão de Publicações (DP) e à Editora UEMS, que, por meio do Edital n° 023/2022 PROEC/DP Editora UEMS, possibilitou a editoração e a divulgação deste trabalho.

REFERÊNCIA

CORNER, J. Origins and transformations: histories of communication study. **Media, Culture & Society**, [s. l.], p. 1-11, 2019. DOI: 10.1177/0163443718820666.



CAPÍTULO 1

CENÁRIOS COMUNICATIVOS LATINO-AMERICANOS: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO TEMA

Maria Cristina Gobbi

* Este capítulo integra a tese de doutorado defendida pela autora no ano de 2002, na Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação do prof. Dr. José Marques de Melo (Gobbi, 2002). O material foi revisto e adaptado para esta publicação.

INTRODUÇÃO

A partir da Conferência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), realizada em 1948, em Paris, um grupo de especialistas, participantes da atividade, definiu que seria necessário dar atenção especial aos países do chamado Terceiro Mundo, especialmente com relação à formação de jornalistas. Kelly (1966, p. 62) afirmou que a Unesco, bastante influenciada pela política dos Estados Unidos, advertia que o jornalismo poderia “[...] agravar, se mal inspirado, os desajustamentos entre grupos, classes e partidos [...] ou atenuá-los até o ponto de extingui-los, se baseado na boa compreensão dos fatos e na lúcida revelação dos mesmos”. Foi dessa forma que, sob a égide da Unes-

co, começaram a se desenvolver, na América Latina, centros de formação de professores.

A fertilidade investigativa, com a criação de novos focos de produção e de irradiação, projetou para a segunda década do século XX as sementes de uma pluralidade de contribuições, trazendo, também, a dicotomia entre a teoria e a prática; entre a qualificação dos comunicadores e a competência dos jornalistas; e entre as temáticas observadas e as metodologias cognitivas. Essa contradição nos espaços tradicionais de pesquisa e no mercado profissional encontrou um cenário fértil para o debate na América Latina.

No início dos anos de 1970, o *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina* (Ciespal), no Equador, que havia sido inaugurado em 1959, reuniu “[...] uma geração inquieta, do ponto de vista das práticas profissionais” (Medina, 2000, p. 140). Esses pesquisadores/profissionais, que frequentavam os cursos do Centro, transformavam as aulas em cenários de discussão das angústias sofridas no dia a dia de suas práticas profissionais, quer fossem acadêmicas, quer combinadas com a profissão. Isso ocorria num ambiente político e social em que o autoritarismo e a violação dos direitos humanos faziam parte do cotidiano latino-americano.

Tais embates evidenciaram que os modelos do funcionalismo norte-americano e do estruturalismo europeu, confrontando metodologias quantitativas e qualitativas que se propagavam como parâmetros de eficiência nos dois lados do Atlântico, não atendiam

aos contornos identitários dos sujeitos produtores de conhecimento e das demandas comunicativas das regiões latino-americanas.

Assim, legitimaram-se atores reais, produtores e difusores de conhecimento, motivados pelas práticas investigativas na busca de uma mudança no cenário comunicacional em nosso continente. A produção bibliográfica de autores latino-americanos se expandiu, mesmo em um ambiente pouco propício, período em que grande parte dos países latino-americanos viviam sob regime de exceção e de pobreza.

Essas iniciativas tiveram seu ápice em 1980, durante a 32^a Conferência Geral da Unesco, ocorrida em outubro, com a aprovação dos 11 princípios do relatório conduzido pelo senador irlandês Sean McBride (1980) sobre a situação dos meios de comunicação¹ naquela conjuntura da Guerra Fria. “Tratou do mais completo in-

1 A Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC), apoiada pela Unesco, acabou por gerar um conflito de interesses entre os países desenvolvidos e os do Segundo e Terceiro Mundos. “Dentre as iniciativas propostas, podemos destacar a eliminação das desigualdades sociais e culturais; liberdade de imprensa e de informação; respeito à identidade cultural” (Andrade, 2000, p. 49), entre outros. Matta (1977, p. 12) afirmou que “A Nova Ordem Mundial da Comunicação pretende dar uma resposta no âmbito comunicativo-cultural aos esforços que, em dimensão mais ampla, se realizam pelo estabelecimento de uma Nova Ordem Econômica Internacional. A emergência política dos novos países afro-asiáticos no período pós-guerra e a articulação de distintos países do Terceiro Mundo para defender um desenvolvimento econômico autônomo, através do controle de suas riquezas básicas, conduziram inevitavelmente à compreensão de que o estabelecimento de um NOIE só pode ser alcançado na medida em que os instrumentos ideológicos, os aparatos da cultura, o sistema de conformação valorativa cotidiana deixem de funcionar a serviço de um centro dominante, convertendo-se em canais de interação e de fluxos informativos, multidimensionais e multidirecionais”.

ventário feito sobre os problemas da comunicação no mundo contemporâneo” (Marques de Melo, 1978, p. 327).

Diante de todas essas realidades conflitivas, fossem elas econômicas, sociais, culturais ou comunicacionais, e das diversas crises e pressões instaladas na região, é possível assinalar que o Ciespal foi um foco pluralista de estímulo agregador. Além de um centro produtor e organizador de documentações produzidas na e sobre a América Latina, transformou-se também em um divulgador das identidades comunicacionais de nosso continente.

1 ANTECEDENTES

São remotos os elementos norteadores da trajetória histórica do PCLA, que teve seu início na compreensão sobre nossa própria identidade e no cenário das lutas para pôr fim à dependência colonial. Por um lado, a construção de uma identidade comunicativa latino-americana passou pela valorização da cultura dos povos indígenas, crioulos e mestiços; por outro, transformou-se em expressão de luta interna e externa contra a dependência sofrida em todo o continente. Surgiu, dessa maneira, o que os estudiosos denominaram de duas Américas: a dos exploradores e a dos explorados. As revoluções populares sobre as burguesias dominantes na América Latina, especialmente a partir dos anos de 1950, mostraram claramente as lutas travadas para pôr fim a um período de dominação.

O desenvolvimento dependente da e na América Latina não esteve ligado somente às situações econômicas, políticas ou sociais.

A diversidade geográfica e cultural entre os países da região eram evidentes e criaram condições para o desenvolvimento de movimentos operários em busca de mudanças significativas na estrutura social dos trabalhadores da cidade e do campo. Esses acontecimentos alarmaram o imperialismo internacional; conseqüentemente, a América Latina passou à ofensiva em todas as frentes. Paulatinamente, quase todo o continente começou a sentir os efeitos dos governos ditatoriais e militarizados, e, devido a esse cenário de “lutas” internas, foram gerados atraso e miséria, que impediram uma sólida organização social e que, até hoje, se refletem no cotidiano local.

A cultura latino-americana, sobretudo nas últimas cinco décadas, e as repercussões nos processos e nas tecnologias comunicacionais têm demonstrado que o desenvolvimento e a consolidação da cultura de massa exigiram, de forma crescente, a qualificação profissional dos quadros para a indústria cultural. A comunicação de e para os trabalhadores ganhou, a partir da segunda metade do século XX, a força e o paradigma de um movimento social, estabelecendo novos canais de comunicação entre a sociedade e o Estado. A consolidação do mercado comunicacional, com o fortalecimento da televisão, da publicidade, da produção editorial, entre outros fatores, permitiu a inserção desses produtos nos mercados internacionais. “O debate sobre os caminhos e descaminhos das culturas nacionais [...]”, em especial as culturas populares, conforme afirma Ferreira (2000, p. 223), “[...] estavam novamente na ordem do dia, agora tendo como centro as investidas da indústria cultural”.

Essas mudanças tiveram como consequência o distanciamento de alguns setores, principalmente no chamado estágio de modernização. A crítica tratava dos processos de exclusão social e econômica sofridos por alguns países, mas também fazia referência à dependência cultural e tecnológica, que não permitia o desenvolvimento da região. Marques de Melo (1998) afirma que a corrente crítica baseada na pesquisa-denúncia passou a estudar a comunicação latino-americana tendo como objetivo básico o entendimento das principais frentes de dominação observadas no contexto desses países. Contudo, o radicalismo da teoria contribuiu, em grande parte, para o seu declínio no campo da produção científica.

As primeiras críticas devidamente fundamentadas ao fluxo informativo na América Latina começaram a ser produzidas em 1967, quando foram divulgados os resultados das pesquisas pioneiras. Em uma delas, sob a égide do Ciespal, foram analisados 34 jornais diários (29 deles pertencentes a 23 países latino-americanos), por duas semanas, no mês de maio de 1962. A outra análise, realizada no dia 30 de junho de 1966, avaliou os 14 diários mais importantes da América Latina. Foram incluídas, nesse grupo de estudos, as investigações realizadas na década seguinte por diversos pesquisadores e centros de pesquisa que já se formavam em toda região. McAnany (1986) sugere que os estudiosos norte-americanos devem prestar atenção a essa produção para dar aos resultados obtidos a importância e o destaque merecido, colocando a América Latina no cenário das pesquisas em comunicação em todo o mundo.

Latin American scholars have produced recurrent self-examination centering on their dependence on foreign sources for their ideas and research models. The ideal has been to create a new social science (Fals Borda, 1973), a new economic approach (Cardoso, 1979), or a new communication science (Beltrán, 1976) that would be appropriate to the Latin American context and its historic necessities [...] Latin American know their own needs and are attempting to build a coherent and scientific communication model for the purpose of knowledge building as well as policy change. Given to the long history of social frustration and political repression in Latin America, most communication researchers are not naïve about the possibilities of social change. [...] the dialogue concerning critical communication in Latin America has a story of some twenty years or more, and yet in many ways it is just beginning [...] One manifestation of this the appearance in the past few years of a number of national bibliographies in the communication area from different Latin American countries. In addition, there are now a number of regularly published journals in both Spanish and Portuguese, not to mention a good record of book publication in Mexico, Brazil, Venezuela, Argentina and Colombia. With this kind of infrastructure, it is becoming possible for the numerous Latin American communication schools to use indigenous works in their teaching of old and often irrelevant US textbooks translated into Spanish and Portuguese. Once genuine incorporation of local material has taken place in the teaching institutions of Latin America, there is real potential for the formation of Latin America communication science. All for of this is an exciting prospect for Latin American communication scholars, and it promises to enrich US critical communication scholars as well (Mcnamary, 1986, p. 28-30).

No final da década de 1980, Philip Schlesinger dedicou uma edição especial da revista inglesa *Media, Culture and Society* à pesquisa em comunicação oriunda da América Latina. Robert White, em 1989, lançou diversas considerações destinadas à comunidade

acadêmica da Europa e dos Estados Unidos sobre o futuro da comunicação na América Latina. Para ele, as riquezas dos debates caminhavam desde a semiótica até a comunicação popular. Também já era possível contabilizar diversas publicações que discutiam e divulgavam a comunicação produzida no continente (Marques de Melo, 1992).

Na década de 1990, um estudo realizado na Universidade de Stanford, por Schaffee, Gómez-Palácio e Rogers (1990), fez uma análise comparativa dos hábitos acadêmicos dos *scholars* norte-americanos e latino-americanos que pesquisavam na América Latina. Tal estudo apresentou como indicadores o comportamento acadêmico desses pesquisadores e as relações mantidas com os pares norte-americanos. Essa investigação teve como resultado a confirmação do conceito da “amigocracia”, utilizado por Robert White (1989). A terminologia admitiu que as pesquisas que estavam sendo realizadas no continente apresentavam um “caráter coletivo”, influenciando ou sendo influenciadas por investigadores da própria região (Marques de Melo, 1992).

Os resultados do trabalho realizado em Stanford, afirma Marques de Melo (1993), comprovaram a existência, na América Latina, de um ambiente de “exclusividade intelectual”, independentemente das preferências por correntes empíricas ou críticas da pesquisa. Contudo, não se tratava de um fechamento das fronteiras do conhecimento e das trocas com os pares internacionais, mas de buscas por uma identidade comunicativa, de um modo de pensar,

agir e sentir com características pluralistas, apropriadas para a região.

Eso no significa la existencia de un clima de xenofobia, pues hay claras evidencias del acompañamiento constante de las tendencias de la investigación en los Estados Unidos o en Europa por los investigadores de la región, a pesar de que no se dejen influenciar por ellas. La explicación para este fenómeno es buscada en la propia coyuntura histórica vivida por los investigadores latinoamericanos, lo que los induce a corresponder a las demandas de la sociedad de forma permanentemente crítica, y en cierto sentido corporativa, mezclando las contribuciones asimiladas de otras regiones y preservando la coexistencia entre diferentes modos de pensar, sentir y actuar (Marques de Melo, 1993, p. 85-86).

Embora sofrendo pela escassez de recursos econômicos e pela instabilidade política, os pesquisadores latino-americanos assumiram uma postura que ultrapassou a fronteira do nacional, desenvolvendo mecanismos capazes de consolidar a ELACOM e o PCLA, como a criação de entidades como a *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (Alaic), em 1978, que estava preocupada em resgatar o conhecimento comunicacional e, para isso, criou bases documentais em diversos países latino-americanos; a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 1977, no Brasil; o Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (Ilet), fundado no México e, atualmente, com sedes no Chile e na Argentina; e o *Instituto Latinoamericano de Comunicación Educativa* (Ilce), também no México. Além disso, foram construídos novos espaços universitários, como a *Universidad Javeriana*, na Colômbia; a Escola de Comunicação e Artes, da Uni-

versidade de São Paulo, no Brasil; a *Universidad Nacional de La Plata*, na Argentina; e outras.

Os desenvolvimentos, as mudanças e os posicionamentos descritos reforçam a perspectiva de que pesquisar o perfil comunicacional da e na América Latina é um redescobrimto de complexas polêmicas, de problemáticas postergadas, de genealogias que interconectam campos e linhas de pensamentos singulares, inclusive, muitas vezes, antagônicas em certos aspectos, extremamente calcadas em tradições acadêmicas e perspectivas teóricas exclusivistas, como baseadas nas práticas e experiências individuais e nas demandas regionais.

Uma parte importante do conhecimento e da evolução latino-americana em comunicação é resultado de produtos que circularam mediante os meios massivos, vinculados diretamente às criações da cultura popular urbana e somados ao desenvolvimento da indústria cultural. Por outro lado, não se pode deixar de considerar as circunstâncias desse desenvolvimento, não raro fruto de análises histórico-culturais próprias da evolução político-social da região. A real aplicação desses estudos desviou-se das perspectivas ortodoxas e convencionais da pesquisa na área e fundamentou-se na prática construtiva de conhecimento e de produtos comunicacionais que atendiam às diversidades comunicativas, sociais, políticas e econômicas da região.

Posteriormente, os resultados de outras pesquisas acabaram reforçando as conclusões das investigações pioneiras quanto à de-

pendência informativa das agências noticiosas norte-americanas e europeias nos meios de comunicação da região, à desigualdade de informação entre a América Latina e os países industrializados e à deformação de muitos acontecimentos, protagonizados em cenários latino-americanos. Mas isso é outra etapa da pesquisa.

2 DESAFIOS REMANESCENTES

Se, desde os anos 1960, os estudos refletiam os modelos exportados pelos norte-americanos e, a partir dos anos 1970, mimitizavam os paradigmas difundidos pelos europeus, foi somente nos anos 1980 que as ciências latino-americanas da comunicação conquistaram sua própria identidade, começando a ganhar relevo internacional. Nesse período, começavam a ser valorizadas as políticas nacionais de comunicação, cuja gênese estava indiscutivelmente na América Latina. Aquele esforço intelectual, em cuja vanguarda estavam pesquisadores latino-americanos, convergiu para a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (Nomic), catalisada institucionalmente por meio do Relatório MacBride.

Já nos anos 1990, os pesquisadores europeus e norte-americanos evidenciaram reflexões que tratavam da operacionalização da tecnologia aplicada aos processos midiáticos. Enquanto isso, a comunidade latino-americana de comunicação passou a se ocupar das pesquisas em torno de análises políticas, estudos de recepção e de impactos culturais. Como afirmou Tufte (1998, p. 45),

CAPÍTULO 1

A modernidade na América Latina é um fato, mas não na acepção com que a definem os norte-americanos e europeus. É um tipo de sociedade e uma espécie de expressão cultural caracterizada pela ‘mestiçagem’ e, portanto, por muito conflito, processo de desenvolvimento descontínuo e completo.

Por outro lado, não se pode falar em desenvolvimento do PCLA e da Elacom tendo por base somente a dependência econômica e político-social ou mesmo o processo de globalização, intensificado a partir da segunda metade do século XX, embora marcado por movimentos antiglobalização frente às desigualdades mundiais. Faz-se necessário discutir os cenários específicos desse pensamento, incluí-lo em um espaço temporal, sem perder de vista os atores dessa difusão, bem como as instituições que contribuíram para o desenvolvimento e a disseminação dessa cultura comunicacional.

O impasse atual das Ciências da Comunicação surgiu, na verdade, de velhas discussões sobre as fronteiras reais de integração com outras ciências, permitindo que se possa adotar, segundo Aguirre (1999), duas estratégias de avanço: a) a necessidade de concepção unificada no campo científico levaria a exigir uma visão teórica coerente, permitindo agrupar diversas disciplinas que não se prendem a uma única corrente teórica; b) as diversas ciências da comunicação se constituem com certa autonomia, estabelecem relações segundo os problemas que buscam solucionar a partir da multidisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Para responder a essas estratégias propostas, Aguirre (1999, p. 8) garante:

En la primera vertiente disponemos de ciertos lineamientos, en la teoría general de la comunicación de los sistemas sociales, esbozada por Niklas Luhmann (Luhmann 1991), al tratar la relación Acción/Comunicación, y que ocoge ciertos planteamientos de Maturana (1980); o también con otro giro más crítico, en la teoría de la acción comunicativa de J. Habermas (1988). A este nivel también se superponen las teorías sociales del rango más general sobre la producción social de comunicación (Martín Serrano 1986) y la estructuración de la sociedad (Giddens 1986).

Já na segunda estratégia, conforme afiança Aguirre (1999), encontramos diversas teorias fragmentárias sobre cada fase do processo de comunicação, que estão mais preocupadas em defender suas próprias fronteiras do que em se integrar. As Ciências da Comunicação necessitam colocar ordem na definição de suas prioridades e constatações para, então, se legitimarem no campo da produção científica dentro das Ciências Sociais. Ainda para Aguirre (1999), faz-se necessário: a) a definição das fronteiras da disciplina, buscando seus centros teóricos ou certos focos teóricos; b) buscar a legitimidade da disciplina, com base em conceitos metodológicos, para ser reconhecida no campo das Ciências Sociais; c) os cursos de pós-graduação devem estar vinculados a instituições de pesquisa, para garantir a formação de cientistas entre as gerações mais jovens.

3 DILEMAS EMERGENTES

É possível afirmar que a América Latina conta com uma massa crítica de investigadores suficientemente legitimada em níveis nacional e internacional para assegurar a consolidação regio-

nal das Ciências da Comunicação. Existe um conjunto de pensadores que, mesmo vindo das mais diversas disciplinas, tem focalizado sua atenção no diagnóstico e na solução de problemas comunicacionais na região. Eles têm tratado do conjunto regional, ou segmentado a megaregião em Estados-nação com uma historicidade comum (Aguirre, 1999). Conjugando a auto e a heteropercepção dos trabalhos desenvolvidos no campo das Ciências Sociais, existe um pensamento latino-americano de comunicação sério, enraizado nos problemas regionais, específico em seu conjunto, apesar dos desenvolvimentos desiguais em nível nacional e internacional e das desvantagens linguísticas e editoriais. Está em desenvolvimento um conjunto de transformações paradigmáticas de grande repercussão (Aguirre, 1999), que tem assumido contornos sociais, políticos, econômicos e de qualidade informativa.

Dessa forma, revisar hoje o “estado da arte” em comunicação na América Latina é revelar um número grande de crises², no sentido definido por Sonntag (1988, p. 141-142), quando afirma:

Las crisis son períodos más o menos prolongados de transformaciones y modificaciones de un sistema. [...] Es posible que mucho de los conceptos y categorías con los que se había venido trabajando no concuerden ya con la realidad porque ésta ha cambiado, y que los métodos con que se ha intenta-

2 No Dicionário Unesco de Ciências Sociais, “[...] las crisis sociales no son necesariamente disfuncionales, ya que pueden constituir un importante factor de cambio, [...] las situaciones de crisis o de anormalidad pueden quedar configuradas, bien por una irrupción o alteración violenta o bien pueden configurarse como el resultado lógico y previsible de un proceso más o menos lento, pero continuado en el tiempo” (Martínez-Cachero, 1987, p. 587). Fuentes Navarro (1998, p. 48), por sua vez, argumenta que “Al postular una crisis múltiple, se hace referencia a procesos de cambio simultáneos, pero de distinta intensidad y ‘velocidad’, y de sentido tanto ‘favorable’ como ‘desfavorable’ para la estructura del campo académico”.

do aprehender su esencia no sirvan porque ésta en sus nuevas formas de apariencia, se resiste a aquellos. Pero es igualmente posible que la complejidad de los fenómenos engendrados por la crisis cree confusiones, haga crecer desmesuradamente las limitaciones y siembre incertidumbres, todo lo cual podría degenerar [...] en un cuestionamiento interno de los criterios del quehacer científico-social, agravado por el externo que proviene de las corrientes neoclásicas, neoliberales y neopositivistas, y subsiguientemente en silenciar al pensamiento y las ciencias sociales de América Latina.

No que se refere à contribuição institucional para essas mudanças, vale ressaltar o papel pioneiro do Ciespal, que passou a constituir um dos principais organismos latino-americanos dedicados à formação de especialistas, à pesquisa e à produção de documentação em comunicação social. Também foi por meio do Ciespal que se realizou a primeira Conferência de Especialista em Comunicação, em Costa Rica, no ano de 1973. Dentre as principais conclusões, Beltrán (1986) destacou: a busca de um marco conceitual, com a adoção de metodologias com o perfil latino-americano; maior ênfase nas análises qualitativas; as pesquisas deveriam primar por temáticas fora do contexto político, social, econômico e cultural; priorizar os trabalhos interdisciplinares; etc.

Para Aguirre (1999), o processo de identificação coletiva de um pensamento caminha ao lado do fenômeno de autoconhecimento, e este, por seu turno, pode obedecer a diferentes fronteiras identificáveis. No caso da macrorregião da América Latina, há bases históricas e políticas suficientes para um projeto de identificação nacional. As teorias comunicacionais na América Latina, a Elacom e o PCLA se apresentam, ainda, como um conjunto de saberes em

processo de estudos e de legitimação. Faz-se necessário discutir os cenários específicos desse pensamento, incluí-lo em um espaço temporal, sem perder de vista os atores dessa difusão e as instituições que contribuíram para o desenvolvimento e a disseminação dessa cultura comunicacional.

Criar uma universalidade em torno do PCLA e da Elacom torna-se mais difícil quando são analisados os componentes geográficos e as variáveis que deram origem às bases do desenvolvimento da megarregião. Assim, a pretensão de se constituir uma ciência unificada de comunicação para a América Latina não é possível, mas é razoável redimensionar as expectativas sobre essa possibilidade (Aguirre, 1999).

É importante considerar que esses delineamentos ocorreram, basicamente, a partir da década de 1980, em que o interesse pelas pesquisas dos fenômenos comunicacionais ganhou espaço tanto nas universidades quanto nas empresas de comunicação. Ambas passaram a buscar evidências empíricas, consolidadas pela cientificidade peculiar das universidades, qualificando profissionais, de forma a orientá-los nos novos caminhos das “engrenagens midiáticas”.

Dessa forma, o desenvolvimento da pesquisa, caracterizado até então pela atuação coletiva, embora fortemente influenciado por personalidades-instituição, deu lugar a uma comunidade científica, composta por jovens pesquisadores, atuando, como afirma Marques de Melo (1998, p. 69), “[...] organicamente, porém de forma sintonizada com as demandas locais e nacionais”. Foi somente a

partir do final do século XX que a produção comunicacional começou a ser marcada pela inter/pluri comunicação entre os diversos pesquisadores, que, “ilhados dentro dos campi”, passaram a buscar o intercâmbio das experiências acumuladas. Para o autor, o grande dilema dessa comunidade acadêmica, formada por pesquisadores, analistas de discurso e estudiosos das mediações culturais, na atualidade, é buscar os elementos capazes de fortalecer sua identidade acadêmica e sua singularidade cultural (Marques de Melo, 1998).

Essa busca na assimilação de conteúdos tem permitido o aprendizado de metodologias indispensáveis à produção e à difusão científica. A compreensão das teorias relativas aos efeitos socioculturais da mídia e seus sistemas de produção tem delineado o perfil profissionalizante dos cursos de comunicação. Os resultados podem ser visualizados por meio dos estágios, intercâmbios e financiamento das pesquisas. Essa interação entre a práxis e a teoria tem permitido a difusão e a consolidação do campo da comunicação social, não só no Brasil, como também em outras regiões da América Latina.

Acreditamos, porém, que há muito para conhecer, refletir, desenvolver, estudar, analisar e produzir. Um grande desafio tem sido a busca por modelos teórico-metodológicos capazes de fomentar o conhecimento sobre as especificidades do campo e de seus objetos de estudo, sem, contudo, abandonar a identidade cultural e a autonomia científica, do mesmo modo, respeitando a realidade comunicacional multifacetada e complexa da América Latina, sem o reducionismo à dimensão meramente instrumental.

Igualmente, faz-se necessário sistematizar o conhecimento já produzido, incluindo nesse repertório a produção comunicativa das mulheres, “[...] aprofundar a interpretação dos fenômenos já conhecidos; observar sistematicamente os novos fenômenos, dando-lhes registro crítico-descritivo e cambiar as análises dos fenômenos globais com os casos específicos” (Marques de Melo, 1998, p. 75-90). Dessa maneira, será possível o desenvolvimento de pesquisas calcadas nas demandas e realidades latino-americanas, considerando evidentemente os estímulos externos, mas não os priorizando. Como afirmou Moragas Spa (1981, p. 199),

La práctica totalidad de los países latinoamericanos dispone en la actualidad de centros especializados en la formación de comunicadores y en la investigación de la comunicación. Los consejos emanados de la UNESCO en los años cincuenta en relación con la importancia de la existencia de estos centros tuvieron amplia y rápida acogida en Latinoamérica, que, en este terreno, se situó al frente de los países en vías de desarrollo. Aunque se haya dicho que aquella proliferación de escuelas respondía a una estrategia de dominación, lo cierto es que las cosas nunca fueron tan simples y que en estas escuelas y centros se fueron abriendo paso una reflexión crítica sobre la comunicación de masas que a través de distintas etapas ha conseguido colocarse en el vértice, en muchos aspectos, de la actual investigación mundial de la comunicación. En Latinoamérica, por la viveza del cambio social y las transformaciones comunicativas, han aparecido más claramente que en ningún otro contexto mundial las implicaciones políticas de la investigación de la comunicación.

Finalmente, é indispensável que a investigação em comunicação auxilie as transformações sociais, acumulando conhecimentos que realmente mostrem o cotidiano latino-americano, auxiliando

do a “[...] construir novos modelos de produção e distribuição das riquezas, de criação e reprodução da cultura” (Marques de Melo, 1998, p. 100). Embora com saldo positivo, os conhecimentos legitimados nesse campo precisam contribuir para a construção de sistemas democráticos de comunicação, capazes de atuar como motores das sociedades latino-americanas.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, J. M. Anagnorisis de uma ciência bastarda. **Revista Científica Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americana – PCLA**, [s. l.], v. 1, n. 1, out./dez. 1999. Disponível em: <http://www.metodista.br/unesco/PCLA/index.htm>. Acesso em: 20 ago. 2002.

ANDRADE, A. de. Comunicação: integração e desenvolvimento na América Latina. Desunidos sobreviveremos? *In*: MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C. (org.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2000.

BELTRÁN, L. R. **Estado y perspectivas de la investigación en comunicación en América Latina**: textos escogidos. México: Iteso, 1986.

FUENTES NAVARRO, R. **La emergencia de un campo académico**: continuidad utópica y estructuración científica de la investigación de la comunicación en México. México: Iteso, 1998.

GOBBI, M. C. **Escola Latino-Americana de Comunicação: o legado dos pioneiros.** 2002. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2002.

KELLY, C. **As novas dimensões do jornalismo.** Rio de Janeiro: Agir, 1966.

MARQUES DE MELO, J. Universidad, cultura y comunicación. *In: CICLO DE ESTUDIOS INTERDISCIPLINARIOS DE LA COMUNICACIÓN*, 1., 1978, Santos. **Anais** [...]. Santos, SP: Intercom, 1978, p. 327.

MARQUES DE MELO, J. **Comunicación latinoamericana: desafíos de la investigación para el siglo XXI.** São Paulo: Alaic; Eca/USP, 1992.

MARQUES DE MELO, J. Investigación en comunicación: tendencias de la escuela latinoamericana. **Boletín ALAIC**, Guadalajara, n. 7-8, 1993.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARTÍNEZ-CACHERO, L. A. Crisis. **Diccionario Unesco de ciências sociais.** Barcelona: Platena-agostini, 1987. v. 1.

MATTA, F. R. El encandilamiento informativo de América Latina. Derivaciones de un estudio de la prensa internacional de la región. *In: MATTA, F. R. **La información en el Nuevo Orden Internacional***. Ilet: México, 1977.

MCANANY, E. Seminal ideas in latin american critical communication reseach: and agenda for the north. *In: McANANY, E.; ATWOOD, R. **Communication & Latin America society***. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

MCBRIDE, S. *et al.* **Un solo mundo voces múltiplas**. México: Unesco/Fondo de Cultura Econômica, 1980.

MEDINA, C. O Ciespal e o resgate das vozes do hemisfério sol. *In: MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C. (org). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO*. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2000.

MORAGAS SPA, M. **Teorias da Comunicação**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

SCHAFFEE, S.; GÓMEZ-PALÁCIOS, C.; ROGERS, E. Mass communication research: Latin American: views from here and there. **Journalism Quarterly**, [s. l.], v. 67, n. 4, 1990.

SONNTAG, H. R. **Duda, certeza, crisis**: la evolución de las ciencias sociales de América Latina. Caracas: Nueva Sociedad, 1988.

CAPÍTULO 1

TUFTE, T. Estudos de Mídia na América Latina. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 25, 1998.

WHITE, R. La teoría de la comunicación en América Latina. **Telos**, Madrid, n. 19, 1989.



CAPÍTULO 2

**CAROLINA, O LUGAR DE FALA QUE
ECO AOS BERROS AO BRASIL DE 22,
EM PRIMEIRA PESSOA DO
SINGULAR E DO PLURAL**

Marcos Roberto Souza Brogna

Nos anos de 1980, não se ouvia falar sobre Carolina Maria de Jesus em escolas. Hoje, no entanto, vê-se adolescentes fazendo trabalhos sobre ela, e talvez seja um começo interessante, uma tendência importante em um Brasil que, em pleno século XXI, espelha uma realidade muito parecida com a retratada por essa mulher – um Brasil que voltou ao mapa da fome, da qual tinha saído em 2014, conforme reportagem de Petropouleas (2022). Talvez Carolina esteja começando a se integrar ao ensino que já se fazia sobre Martin Luther King e a luta dos negros norte-americanos, sobre Zumbi dos Palmares e os longos tempos de escravidão no Brasil. A mulher negra, latino-americana, brasileira, favelada, catadora de papelão e que se tornou autora de livros, talvez esteja, finalmente, ocupando um lugar pedagógico, como merece estar e como precisamos que ela esteja.

Luther King é fundamental no entendimento da luta dos negros encampada na América do “andar de cima”, assim como Zumbi dos Palmares é baluarte da resistência aos 300 anos de escravidão no Brasil. E Carolina pode ser o que ecoa de uma luta que não terminou em Luther King e em Zumbi, mas continua viva no estômago que ronca de negras e negros segregadas e segregados de oportunidades no Brasil (e em vários cantos do planeta), porque não se trata apenas de uma história enquadrada no tempo, mas de um processo histórico que não termina, sobre o qual temos responsabilidades e diante do qual somos desafiados a nos posicionar, como transformadores ou cúmplices. Essa história ainda sangra tanto no sufocamento de George Floyd como nas pauladas que mataram Moïse, o congolês (negro, pobre, refugiado) “morto como um animal peçonhento” no Rio de Janeiro, conforme lembra reportagem do *Correio Braziliense* (Tavarez, 2022).

Carolina Maria de Jesus é, possivelmente, quem melhor descreve, no livro *Quarto de despejo* (1960), a fome de uma negra que não é escrava e que vive em um país dito livre para todos, mas que não é livre e está acorrentada na miséria da cidade de São Paulo, tão grande quanto rica. Cidade rica, mas para poucos. Em um país que produz tanta comida, mas voltou a ter tanta fome. Um país de miséria, principalmente para os que têm pele escura.

Escrito em forma de diário, o livro é um convite à realidade, sem filtros. Um soco no estômago a nos acordar para a cruel desigualdade social, racial e de gênero que nos assolava (e nos assola) enquanto nação. Um soco no estômago atual e (ainda) necessário

nos tempos sombrios que vivemos entre 2018 e 2022, aniquilados pela desconstrução de programas sociais e legitimação da segregação dos mais pobres, das minorias sociais e dos mais vulneráveis (Governo [...], 2022).

A realidade pulsante de suas palavras escritas no livro-diário tem um porquê, e ele é claro: Carolina Maria de Jesus realmente sentia fome, sendo das pouquíssimas habitantes do “planeta fome” (citando uma expressão de outra mulher negra inspiradora, Elza Soares) que chegou a ser autora.

Tal qual todas as segregações sociais, raciais, de gênero etc. que há no Brasil, ser escritor é, também, um privilégio de homens brancos e de classe média alta. Uma pesquisa feita pela Universidade de Brasília (UnB), divulgada em 2018, aponta que 72,7% dos escritores no Brasil são homens, sendo que 93,9% são brancos. Carolina autora, portanto, é um ponto fora da curva, que se escancara não apenas em uma, mas em cinco obras publicadas, sendo elas *Quarto de despejo* (1960), *Casa de alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963), *Pedaços da fome* (1963) e *Diário de Bitita* (1962).

Sendo Carolina um ponto fora da curva, destoando da normatividade dos que publicam livros, seu legado nos faz lembrar outra escritora latino-americana, brasileira e negra que estudou justamente o lugar de fala e sua relação com representatividade: Djamila Ribeiro. Djamila, a primeira mulher negra a assumir a Academia Paulista de Letras, em 2022, alerta para o fato de que não existem pessoas que ocupam todos os lugares de fala, como

muitas vezes pretendem os que detêm privilégios (inclusive o privilégio de escrever obras literárias, técnicas ou científicas) e acreditam ser legítimo falar por outros a quem não é dada a voz:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus social* consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (Ribeiro, 2017, p. 88).

A voz de Carolina vem de um *locus social* que quase nunca produz um livro ou gera um documento para a história. Por isso, *Quarto de despejo*, escrito na primeira pessoa de uma favelada faminta e em busca de sobrevivência, é um convite para que os grupos sociais privilegiados consigam enxergar as hierarquias que Djamila cita em seu livro. Carolina não romantiza a miséria, tampouco usa estereótipos para falar dela. Ela fala com a propriedade de quem vive aquela realidade.

As gerações de Carolina e Djamila são distintas; tempos diferentes de um mesmo Brasil, que foi e voltou a ser cruel e desumano. Carolina viveu os tempos da comunicação analógica e da invisibilidade das negras jogadas às sarjetas e à servidão perante brancos dominantes, em um contexto hipócrita de “democracia racial”. Já Djamila povoa os tempos de comunicação digital, de empoderamento de muitas minorias conectadas, mas também de tantos ódios

fermentados em bolhas algorítmicas; tempos em que marcas e produtos abraçam causas identitárias pelas redes, nem sempre engajadas nas causas de fato, mas sempre no consumo e no contexto do neoliberalismo individualizante (e hipócrita). Os tempos de Djamilia são, também, de racismo e machismo que persistem.

Ambas, Carolina e Djamilia (assim como Elza e outras tantas guerreiras de uma luta sem fim), estão conectadas, mesmo ocupando tempos e contextos distintos. Carolina virou *best-seller* explicando, em primeiríssima pessoa, o que são a fome e a miséria no dia a dia, em detalhes. Djamilia, cuja obra vem sendo traduzida até em países europeus, estudou e explicou a legitimidade representativa da fala de quem ocupa o lugar sobre o qual discorre. Assim, nos convida ao lugar de escuta quando estamos diante de outros grupos, pois jamais podemos falar por eles.

É como se Djamilia explicasse o tamanho do soco no estômago dado por Carolina em todos os que leem a sua obra: Carolina falou com a alma, do seu lugar, sem representar ninguém além de si própria e de sua classe social e seu grupo étnico abandonado pelo sistema, e sobre algo que não é ficção nem releitura: é a verdade nua e crua; é real e cruel; é incômodo aos que têm um mínimo de humanidade dentro de si. E Elza, em duas frases de músicas diferentes, juntou as duas e arrematou: “A carne mais barata do mercado é a carne negra” – na canção “A Carne” (2002) – e “O meu país é o meu lugar de fala” – na canção “O que se cala” (2018). O racismo é um fato histórico, presente e a ser combatido; gera

vítimas diárias; e são os grupos que sofrem tal violência que têm a legitimidade de enfrentá-la com a própria voz.

Quarto de despejo é uma brecha na “regra”, uma fissura no racismo estrutural (tão bem trabalhado por Silvio Almeida em *Racismo Estrutural*, de 2019), um grito publicado dos porões do *apartheid* social brasileiro que é escondido sob a falácia da democracia racial. Invisível como todos que habitam as sarjetas e as favelas, Carolina, neta de um escravizado, escreveu, publicou, vendeu livros em 13 países e chegou a leitores soviéticos e japoneses (Gortázar, 2021). É a exceção das exceções. Por isso, continua com potência para inspirar gerações que nasceram bem depois de sua morte e podem se conectar, junto a seu legado, a causas identitárias e minorias.

Carolina não é passado nem história que acabou; é o alerta vivo de uma chaga aberta, uma ferida que não cicatrizou e, nos últimos anos, sob um governo abertamente racista, misógino, classista e com vocação nazifascista, vem infeccionando ainda mais. Ler Carolina é entender o Brasil de Zumbi, o Brasil da própria Carolina e o Brasil de hoje, de Djamila, de Elza:

15 de julho de 1955 - Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão [...] Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. Passei o dia indisposta. Percebi

que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei a tossir. Resolvi não sair à noite para catar papel (Jesus, 1960, p. 9).

O trecho abre o livro *Quarto de despejo*. Retrata um tempo anterior aos anos 1960 e que poderia ser do Brasil de 2022, atolado na fome novamente, com milhares de Carolinas de Jesus perambulando pelas ruas, famintas, humilhadas, sem ter como alimentar os filhos com estômago roncando. Um Brasil repleto de Carolinas que não escrevem diários, ainda segregadas do direito de se expressar e existir, tanto no mundo das letras impressas quanto entre os algoritmos da polarização cacofônica e infodêmica da era digital (donde surgem racistas sem nenhuma vergonha de vomitar ódio contra todos os tipos de minorias sociais).

A fome de Carolina é viva e próxima. É atual. Um exemplo: em plenos anos 2020, noticiou-se, em vários veículos de comunicação, sobre filas de pessoas para comprar ossos em açougues. Na foto de uma das reportagens sobre o fato, vê-se um cartaz que informa: “Osso 4 Reais. Osso é vendido, não dado” (Osso [...], 2021). As filas traduzem a fome de quem não tem dinheiro para comprar a carne ou qualquer outro tipo de alimentação que nutra e sustente (então, resta o osso). Os cartazes completam a humilhação e a crueldade, fazendo-se pagar por aquilo que seria jogado fora, ou seja, a miséria gerando lucro a quem dela tira proveitos, como sanguessugas de um sistema horripilantemente cruel e desumano.

Ana Paula dos Anjos, de 38 anos, é uma Carolina Maria de Jesus do Brasil desse novo velho Brasil. Mãe de quatro filhos com

fome, ela relata o que passou em uma das filas por ossos no Brasil que é terra do agronegócio (chamado pela maior emissora de TV, a Rede Globo, de “*tech*, pop e tudo”), que, apesar de gigante e lucrativo, é incapaz de alimentar a própria população. Em reportagem do jornal *El País*, Ana Paula desabafa:

Estou me virando, passando por necessidade. Sou eu quem sustento a casa e muitas vezes deixo de comer para alimentar meus filhos. Três vezes na semana estou aqui. Meus filhos choram querendo as coisas para comer e o jeito é pedir ajuda (Marcel; Betim, 2021).

Celina Moura, de 56 anos, complementa a narrativa da tragédia, na mesma reportagem:

Conversei com o rapaz lá e ele me arranhou essas verduras, que eu cozinho um pedaço a cada dia. Com os ossinhos vai ajudar. Dá para ir vivendo. Eu faço ensopado, frito, corto tudinho e congelo para ir comendo durante a semana. E assim vou me virando (Marcel; Betim, 2021).

A proximidade da tragédia atual com o que Carolina descrevia, no final dos anos 1950 em seu *Quarto de despejo*, é impressionante. Em um dos trechos do livro, a autora relata a humilhação ao ter de pegar (também!) ossos para comer. A diferença é que, nos tempos de Carolina, os ossos eram dados: “Passei no frigorífico para pegar os ossos. No início eles nos davam linguiça. Agora, nos dão ossos. Eu fico horrorizada vendo a paciência da mulher pobre que se contenta com qualquer coisa” (Jesus, 1960, p. 104). O questionamento dela serve de pergunta, também, ao Brasil de hoje: até

quando vai haver essa paciência? Da mulher, dos homens, dos jovens e velhos, dos grupos mais diversos (e até em maioria numérica) de um país cruelmente desigual, onde pouquíssimos se aproveitam da tragédia?

Em plena crise sanitária, que atingiu o mundo todo com a pandemia do coronavírus em 2019, e sob um governo de extrema-direita abertamente defensor dos mais ricos e dos desvalores da ditadura militar que acentuou nossas desigualdades e mazelas, o Brasil foi o segundo país do mundo onde os já ricos ficaram ainda mais ricos, enquanto milhares passaram a buscar comida no lixo, sem emprego, sem ajuda do governo, sem dignidade. Um levantamento do banco *Credit Suisse* aponta que o 1% mais rico do Brasil passou a concentrar nada menos que a metade (metade!) de toda a riqueza produzida pelo país. O diário de Carolina, portanto, poderia preencher os calendários digitais dos anos 2019, 2020, 2021.

Voltando a ele (o diário de Carolina), em outro trecho, a autora relata o terror de acordar com fome e de saber que não tem comida em casa, e que a procura por sobrevivência dependerá de mais e mais humilhação:

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duros, mas estavam recheados com pernas de baratas. Joguei fora e tomamos café. Pus o único feijão para cozinhar. Peguei a sacola e saí. Levei os meninos. Fui na Dona Guilhermina, na Rua Carlos de Campos. E pedi para

ela um pouco de arroz. Ela deu-me arroz e macarrão. E eu fiquei conversando com seu esposo. Ele deu-me umas garrafas para vender. E eu catei uns ferros. Depois de conseguir algumas coisas para os meninos comerem, reanimei-me. Acalmei o espírito (Jesus, 1960, p. 89-90).

Eis uma realidade que está longe de ter ficado no passado ou restrita a algum grupo pequeno de pessoas. A fome relatada é a mais pura descrição do Brasil de agora. Pesquisa coordenada pelo do Grupo de Pesquisa Alimento para Justiça: Poder, Política e Desigualdades Alimentares na Bioeconomia, com sede na Universidade Livre de Berlim, apontou, em 2021, que nada menos que 125 milhões de brasileiros sofrem de insegurança alimentar. São a maioria da população (ou 59,3%) de um país que, ironicamente, está entre os maiores produtores de alimentos do planeta.

Reportagem publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* aponta detalhes dessa tragédia: “Casas com crianças de até 4 anos apresentam índices de segurança alimentar ainda mais críticos que a média nacional: 70,6% vivem em algum nível de insegurança alimentar” (Damasceno, 2021).

A mesma *Folha*, em reportagem que citamos no primeiro parágrafo deste texto, de janeiro de 2022, traz, em seu título, que “Volta do Brasil ao Mapa da Fome é retrocesso inédito no mundo, diz economista”. A matéria apresenta uma entrevista com um dos criadores do Programa Fome Zero, criado em 2003, Walter Belik. Ele é taxativo: o Brasil vive um desmonte de programas sociais que visam mitigar a fome e a miséria de parte considerável da população:

Estamos numa situação de retrocesso que é única no mundo. Não há sequer um caso na história documentado pela FAO de um país que saiu do Mapa e voltou. Nenhum. Esse é o tamanho da tragédia que estamos vivendo. A tragédia que estamos vivendo com a fome choca qualquer pessoa que trabalha na área ou vê a situação. Deve ser prioridade número um na cabeça de qualquer programa de governo. Lógico que, vindo do Bolsonaro, não é algo sério, é eleitoreiro. Mas diria que os outros têm uma preocupação com isso e, nas campanhas, será fundamental (Petropouleas, 2022).

A história de *Quarto de despejo* e o surgimento da escritora Carolina de Jesus começou numa reportagem. O jornalista Audálio Dantas cumpria uma pauta sobre a favela do Canindé, que se expandia à beira do Rio Tietê, na cidade de São Paulo. Diz o próprio jornalista, no prefácio do livro:

Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem. A história da favela, que eu buscava, estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela (Jesus, 1960, p. 3).

Audálio Dantas acabava de entender o que Djamila iria escrever décadas mais tarde: o lugar de fala de Carolina não poderia ser trocado pelo de um homem, ainda que jornalista, mas branco e de classe média, que não morava numa favela nem sabia como a fome doía o estômago, nem que a fome tinha uma cor. Sim, uma cor! Carolina deu cor para a fome. Ela diz que é amarela e que en-

torpece, dá tontura, não como a do álcool, que faz dançar. É muito pior. Muito cruel. Em um dos dias do diário de Carolina, o 26 de agosto, ela resume em uma frase, que talvez sintetize um dos nossos piores problemas do país e a temática central de sua obra: “A pior coisa do mundo é a fome!” (Jesus, 1960, p. 105), palavras de quem já sentiu a tontura de não ter nada no estômago.

Sobre o título do livro, a autora atribui ao fato de as pessoas que vivem em favelas serem constantemente despejadas. Faz lembrar o que Caetano Veloso chamou, na música “Sampa”, da “força da grana que ergue e destrói coisas belas”. Segundo Carolina (1960), a favela está sempre à mercê do despejo, porque quem mora nela é como entulho e é constantemente removido quando o lugar valorizou e nele será erguido um prédio.

Voltando a Caetano, e fazendo articulações com a temática central da obra de Carolina Maria de Jesus, na música “Gente”, o cantor e compositor baiano que criou a Tropicália nos deixa um recado importante: “Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome” (Veloso, 2018). Carolina brilhou para nos dizer isso na primeira pessoa do singular, do plural e do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Liter-**

atura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 31, p. 87-110, jan./jun. 2008.

DAMASCENO, V. Mais de 125 milhões de brasileiros sofreram insegurança alimentar na pandemia, revela estudo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/mais-de-125-milhoes-de-brasileiros-sofreram-inseguranca-alimentar-na-pandemia-revela-estudo.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2022.

GAVRAS, D. Entenda como os ricos ficaram mais ricos na pandemia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 nov. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/entenda-como-os-ricos-ficaram-mais-ricos-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2022.

GORTÁZAR, N. G. Carolina Maria de Jesus, para além dos clichês. **El País**, São Paulo, 08 oct. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-08/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-da-favela-que-virou-fenomeno-editorial.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

GOVERNO Bolsonaro destrói programa alimentar mesmo com avanço da fome, diz site. **Carta Capital**, [s. l.], 06 jun. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-bolsonaro-destroi-programa-alimentar-mesmo-com-avanco-da-fome-diz-site/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MARCEL, R.; BETIM, F. Ossos de boi, arroz e feijão quebrado formam cardápio de um Brasil que empobrece. **El País Brasil**, [s. l.], 25 jul. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-25/arroz-quebrado-bandinha-de-feijao-e-ossos-de-boi-vao-para-o-prato-de-um-brasil-que-empobrece.html>. Acesso em: 12 fev. 2022.

“OSSO é vendido, e não dado”: placa é retirada de açougue após fiscalização em SC. **G1**, [s. l.], 08 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/10/08/placa-de-acougue-de-sc-sobre-venda-de-osso-e-retirada-apos-fiscalizacao.ghtml>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PETROPOULEAS, S. Volta do Brasil ao Mapa da Fome é retrocesso inédito no mundo, diz economista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-retrocesso-inedito-no-mundo-diz-economista.shtml?origin=uol>. Acesso em: 12 fev. 2022.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TAVAREZ, J. V. MP: Moise foi morto como um “animal peçonhento”. **Correio Braziliense**, 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4987617-mp-moise-foi-morto-como-um-animal-peconhento.html>. Acesso em: 12 nov. 2022.



CAPÍTULO 3

**NOSSO ROCK E O DELES: O QUE
ANGOLA PODE NOS ENSINAR
SOBRE O ACRE?**

Giselle Xavier D'Avila Lucena

APRESENTAÇÃO

O encontro com Melina Aparecida dos Santos Silva ocorreu durante a II Conferência Internacional de Pesquisa em Sonoridades – Sonoridades Fronteiriças, em 2021. Na ocasião, apresentamos o trabalho “Identidade e estética: aproximações entre o cristianismo e o *death metal*”, no GT Sons, Tecnologias e Decolonialidade. No papel de mediadora do GT, Melina fez duas observações a respeito do artigo proposto. A primeira refere-se à entrada brusca do subgênero *death metal*, desprezando importantes questões caso considerasse o *heavy metal* de modo mais amplo. Para pensar a relação entre o cristianismo e esse gênero musical, a pesquisadora sugeriu “dar um passo para trás” e observar como o *heavy metal*, desde sua origem, esteve atrelado ao cristianismo em suas inspirações. O *death metal*,

um subgênero do metal, tem como um dos seus aspectos possíveis uma abordagem satânica e/ou anticristã, por isso a opção inicial em apontar o paradoxo das bandas cristãs que executam esse estilo.

Outra observação que Melina fez foi quanto às referências bibliográficas do trabalho. Ela comentou que, naquele momento, durante a apresentação, reproduziu-se uma visão norte-americana e eurocêntrica do *heavy metal*, e, portanto, seria interessante pensar em outras perspectivas, como a partir da América Latina ou da América do Sul, tanto em questões teóricas quanto empíricas.

Tais críticas não fizeram muito sentido naquele momento, mas ficaram claras e tomaram corpo durante a disciplina de Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas, e com a leitura da tese de Melina (Silva, 2018) para realização desta resenha (uma resenha meio ensaio, meio memorial). Assim, apresenta-se, neste trabalho, um relato de experiência sobre como a leitura da tese *Wê Do Rock Tóo: os percursos do gênero musical metal ao longo do movimento do rock angolano* (Silva, 2018), junto à disciplina, esclareceu pontos importantes para definições teóricas e metodológicas para nossa pesquisa sobre bandas acreanas cristãs de *death metal*.

Os objetos de pesquisa são, aparentemente, insociáveis: o *heavy metal* em Angola e o *heavy metal* realizado por grupos cristãos do Acre. No entanto, os percursos e as inquietações de estudo se mostram complementares ao abordar objetos não tratados com evidência em pesquisas sobre o *heavy metal* no Brasil, envolvendo ambientes frequentemente tomados por preconceitos e estereótipos.

A ideia inicial da tese era “[...] compreender como os músicos angolanos dialogavam com os códigos culturais do subgênero *death metal* para interpretar problemas sociais inerentes aos conflitos armados pelos quais Angola passou” (Silva, 2018, p. 20). Em outras palavras, seu argumento seria pensar sobre como aqueles músicos “[...] criavam um enquadramento da memória, utilizando-se das convenções técnicas e temáticas do *death metal*?” (Silva, 2018, p. 22). Porém, ao longo de seu desenvolvimento, o trabalho foi redirecionado, e a autora considerou o gênero *rock* de modo mais amplo, pois precisou repensar as noções que, ela própria, enquanto jornalista, fã, musicista, carregava sobre o *heavy metal*.

Assim, uma das primeiras problemáticas apontadas pela pesquisadora foi em relação à definição de gênero musical e ao que define o *rock* e o *heavy metal*. Inserida no contexto das Ciências Humanas, Melina transita entre aportes da Etnomusicologia da Comunicação e da Antropologia. A partir de Fabian Holt (2007), a autora considerou o “[...] gênero musical como uma rede cultural fluida que engloba rituais, territórios, tradições, grupos de pessoas diferenciados e não apenas as práticas musicais” (Silva, 2018, p. 22). Desse modo, a crítica que a pesquisadora fez ao trabalho apresentado naquele GT está diretamente relacionada ao que ela enfrentou em sua pesquisa: como observar o *heavy metal* em Angola tendo como referência padrões de conhecimento e práticas europeus e norte-americanos?

Logo, a autora passou a considerar a realidade local e os “desafios para alcançar condições ideais de solidificações das prá-

ticas musicais nos espaços urbanos” (Silva, 2018, p. 20). Para isso, observou o acesso aos instrumentos musicais, a profissionalização de músicos, o acesso ao conhecimento técnico, os festivais locais, as gravadoras e experiências de gravações etc. Seu questionamento passou a ser: “Como o metal é ressignificado ao longo do movimento do *rock* angolano?”. Essa pergunta nos possibilitou esboçar a seguinte: “Como os músicos cristãos, no Acre, ressignificam os códigos culturais globais do *heavy metal*?”.

Para realização da pesquisa, a autora realizou visitas ao país e se comunicou com os *rockers* por meio de grupos nas redes sociais na *internet*. Realizou, também, trabalhos de campo durante os períodos em que residiu na casa de pessoas ligadas aos movimentos. A partir disso, a pesquisa assumiu caráter participativo, com a evidência de histórias de vida. A autora trouxe a proposta etnográfica para sua imersão no contexto, porém, a partir de Ingold (2017), apresentou uma perspectiva crítica a respeito de observação e objetificação. “Observar não é, em si, objetificar. É notar o que as pessoas estão dizendo e fazendo, assistir e ouvir e responder na sua própria prática. Ou seja, a observação é uma forma de participar de forma atenta e é por esta razão uma forma de aprender” (Ingold, 2017, p. 23 *apud* Silva, 2018, p. 27).

Tendo isso em mente, a prática antropológica assumida por Melina se preocupa em “trabalhar com as pessoas e não trabalhar sobre elas” (Silva, 2018, p. 27). A pesquisadora integrou a equipe do selo angolano *Cube Records*, administrando perfis em redes sociais; atuou na produção do Festival Rock no Rio Catumbela; e, como

jornalista, colaborou para a produção de conteúdo sobre bandas angolanas. No que se refere à pesquisa em andamento, a respeito das bandas no Acre, refletimos sobre como, de fato, podemos gerar uma contribuição à cena pesquisada: escrever resenhas sobre as bandas, organizar uma plataforma para disponibilizar conteúdos históricos, de fotografias e depoimentos etc., ao mesmo tempo que se coleta materiais empíricos para a pesquisa.

É interessante destacar que, ao longo do trabalho, a autora expôs como a pesquisa a instigou a promover uma autoanálise enquanto agente de consumo e produção de conteúdo e informação sobre o *heavy metal*. “Durante estes anos de correspondências com o movimento do *rock* angolano, deparei-me com um universo de vivências que me levaram a repensar minha identidade como mulher, como fã de metal e moradora do Brasil” (Silva, 2018, p. 29).

A tese de Melina está dividida em duas partes, com base nas quais este trabalho também se dividirá. A primeira se chama “Muzangola Rock” e é dedicada à contextualização do rock a partir dos anos 1960 e ao cenário da guerra civil angolana. Nessa parte, a autora também apresenta o estado da arte dos estudos que abordam Angola nas Ciências Sociais, nas Letras, na Etnomusicologia. Na segunda parte da tese, intitulada “Filhos dessa luta”, a autora insere uma discussão sobre a decolonização do metal, para compreender como o gênero se revela em Angola, e imerge nesse cenário descrevendo e analisando festivais, videoclipes, CDs e aspectos específicos do movimento, como as movimentações em torno de instrumentos musicais, o acesso às técnicas de gravação, entre outros.

1 MUZANGOLA ROCK

Na parte introdutória da tese, Melina apresenta questões históricas e políticas de Angola que apontam para o isolamento dos produtos culturais em relação a outras regiões, o que forjou uma lógica interna de circulação e consumo e produção. A autora contextualiza a vida social da época, os processos de urbanização, industrialização e crescimento da produção fonográfica, as políticas culturais que geraram aberturas e fechamentos aos produtos externos, e anuncia a sua preocupação no que se refere às “[...] negociações global-local e local-local das canções criadas pelos grupos musicais” (Silva, 2018, p. 53). Em diálogo com Regev (2006), a autora traz uma questão importante relacionada à ideia de “cosmopolitismo estético”, sobre a “[...] concepção essencialista da música como forma de expressão de singularidade cultural” (Silva, 2018, p. 55).

Alinhar o “isolamento cultural” proporciona reflexões interessantes acerca de uma arte tida como global. O contexto vivido pelos angolanos a partir do fim dos anos 1970 permitiu que os músicos locais “[...] criassem suas composições com a ideologia *Do It Yourself* (Faça Você Mesmo, em português), defendida pelas bandas de *punk rock*” (Silva, 2018, p. 58). Esse ponto se assemelha ao contexto do Acre: o estado viveu momentos específicos de efervescência financeira durante os períodos que são chamados de “Ciclos da Borracha”: o primeiro, datado de 1879 a 1912, e o segundo, de 1942 a 1945. Contudo, somente em 1962, o Acre foi reconhecido como Estado da Federação Brasileira. Já em 1969, foi realizado o

I Festival Acreano de Música Brasileira, mas, até os anos 1970, o contato com o mundo afora era difícil: a Universidade do Acre foi criada em 1971 e se tornou entidade federal em 1974, e os meios tradicionais de comunicação ainda estavam por ser popularizados.

[...] muitos jovens eram enviados para estudar fora - a maioria no Rio de Janeiro ou Brasília, e, em suas idas e vindas, voltavam com as malas cheias de jornais, livros e revistas importadas de outras regiões brasileiras. Foi em 1974, também, que chegou a TV no Acre, ainda a ser popularizada muito tempo depois [...]. O primeiro jornal diário da região surgiu em 1969, o jornal O Rio Branco, pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Tais questões enfatizam ainda mais, a “distância” do Acre em relação aos grandes centros do país (Lucena, 2014, p. 64).

No capítulo 2, “Uma avalanche de roupas pretas: o *rock* durante a guerra civil angolana”, a autora se concentra nas histórias de vida dos integrantes dos movimentos musicais, explorando os espaços de encontros de jovens que passaram a compartilhar um objetivo em comum: ter uma banda de *rock* e como a cena local se iniciou.

Uma das principais fontes de contato dos jovens com o gênero musical, os quais montaram bandas ou se tornaram mediadoras do movimento, como produtores e locutores, a partir da década de 1990, foi o ambiente familiar e o círculo de amizades. Pais, irmãos e primos mais velhos indicavam bandas ou músicas consideradas clássicas como as britânicas *Beatles*, *Rolling Stones*, *Pink Floyd*, *Black Sabbath* e *King Crimson*, para estes jovens, os quais procuraram por

CAPÍTULO 3

outras inspirações musicais vindas com a década seguinte (Silva, 2018, p. 62).

A pesquisadora aponta os desafios daqueles jovens em vivenciar o *rock*, como os altos custos para acesso aos instrumentos musicais e a ausência de lojas, bem como a necessidade de importação. No Acre, por conta desses mesmos motivos, além da peculiaridade do chamado “Custo Amazônico” – que consiste em um custo adicional em bens e produtos, devido às dificuldades de deslocamento, transportes, logística etc. –, é comum que os músicos se desloquem até a fronteira para adquirir instrumentos com preços mais acessíveis em Cobija, na Bolívia.

Em seu levantamento, em Angola, Melina observa também as performances musicais dos artistas, como eles acessam o ensino da música, o autodidatismo, a transição do trabalho *cover* para o autoral, bem como a expansão da circulação dos grupos de *rock* de bares e discotecas para eventos populares de rua, entre outros, sempre ressaltando que, nas negociações com os códigos culturais do metalafinal, outros códigos também podem ser identificados, como o do *country* e o *reggae*.

2 FILHOS DESSA LUTA

Após contextualizar o cenário político e social em Angola e suas musicalidades no que se refere ao *rock*, a segunda parte da tese se volta ao que é vivido e experimentado entre os artistas de *rock* naquele país, e se divide em quatro capítulos. O capítulo 3 do trabalho, intitulado “Fica tudo muito aqui à nossa maneira: descolonizar

o metal para compreender a rede musical”, apresenta os conteúdos que consideramos como os que mais trouxeram contribuições para nossa pesquisa. A autora aponta e justifica a necessidade de um discurso não etnocêntrico sobre o *heavy metal*, de modo a possibilitar a compreensão de diferenças e heterogeneidades. A perspectiva etnocêntrica do *heavy metal* está baseada em uma “[...] fetichização do metal europeu e norte-americano com uma representação da normalidade” (Nilsson, 2016 *apud* Silva, 2018, p. 100).

Dessa forma, a pesquisadora observa como os atores em Angola, ao flertar e romper com convenções sonoras, visuais e comportamentais, levam o pesquisador a descentralizar de sistemas de classificação. Para isso, ela considera a expressão do gênero musical em diferentes aspectos: a) a performance ao vivo; b) os festivais locais e as relações entre banda e público; c) a presença de técnicas e instrumentação; e d) as ansiedades e expectativas do *rockers* referentes à música gravada.

O *heavy metal* surgiu em uma conjuntura social e política que o vinculou a aspectos de resistência e de crise econômica, porém isso pode variar entre os locais por onde o metal se difundiu. “O que é considerado resistência na produção do metal em um local não significa que terá o mesmo peso na criação do gênero musical em outro” (Greene, 2011 *apud* Silva, 2018, p. 101). Isso nos faz elaborar a questão: o que é considerado resistência para os grupos de *heavy metal* cristão?

A partir disso, um dos desafios de Melina é alinhar os conceitos de gêneros aos de cenas musicais. Como explica a autora, desde os anos 1980, o metal esteve articulado em espaços locais e internacionais graças às trocas de cartas e fitas cassete, fanzines, além da circulação de álbuns e turnês e, depois, via *internet*. “Portanto, os limites geográficos das cenas foram reconfigurados, visto que as práticas musicais do metal foram ampliadas para além do contexto cultural britânico e norte-americano” (Silva, 2018, p. 102).

Para fundamentar sua tese, a pesquisadora apresenta um panorama dos estudos de *heavy metal*, os conceitos de gênero e cenas musicais; defende que, mais que música, o metal é um contexto. Suas variantes não dizem respeito somente a um tipo de instrumentação sonora, mas também às dimensões afetivas e partilhas em comum. Trata-se não apenas de um gênero, mas de um valor social. Nesse ponto, somos convidados a refletir: seria possível classificar o “metal cristão” como um gênero musical?

A autora se dedica a descrever detalhes técnicos e musicais quanto a melodia, texturas sonoras, atmosferas visuais e textuais para identificar os aspectos do metal no *rock* angolano. Mas, para isso, apresenta outros estudos sobre a disseminação do metal pela Europa Ocidental, EUA, Austrália, América do Sul e Japão. Fazendo referência a pesquisas sobre diferentes tipos de metal distribuídos pelo mundo, torna-se possível pensar aspectos que definem e caracterizam uma cena musical local, como suas relações com os espaços *offline* e *online*: os espaços urbanos de circulação e o contato via *internet*, afinal, os modos como se acessam as informações

e se constroem as referências configuram-se as cenas translocais, construídas por meio do “[...] contato regular dos integrantes de cenas locais diferentes em torno do mesmo interesse musical” (Silva, 2018, p. 111).

A pesquisadora trabalha as relações entre identidade, diferença e representação, com ênfase no conceito de comunidades imaginadas, fazendo-nos pensar: é possível sistematizar e regular um conjunto de aspectos que devem ser seguidos pelos artistas a fim de integrá-los em determinado gênero musical? Essa não seria uma espécie de colonização do saber? E quando determinadas formas não se ajustam aos sistemas de classificações? Assim, fazemos a seguinte reflexão: como decolonizar as formas sobre como aprendemos a pensar o *headbanger*, o acreano e o cristão? Afinal, segundo Silva (2018), há uma expectativa mundial em relação à música que é feita nos países da África, o que ocorre também em relação às manifestações artísticas localizadas no Acre.

[...] a ideia de distanciamento desta estética da globalização seria celebrada, em pesquisas acadêmicas, em artigos jornalísticos e na própria produção fonográfica, pelo fato de (supostamente) proporcionarem culturas independentes das expectativas construídas pelas matrizes culturais globais. No entanto, este caráter de isolamento cultural não elimina a possibilidade de que tais produções musicais estejam conectadas com as influências cosmopolitas e globais (Silva, 2018, p. 141).

Um recorte interessante do depoimento de um dos entrevistados enfatiza a ideia das relações do músico angolano mundo afora e que também expressa um período vivido no Acre:

[...] a maior parte de nós nunca saiu do país. Os concertos que assistimos, as músicas que ouvimos, é tudo através da *internet*, é porque alguém trouxe um DVD, mostrou para nós, ou passou em um filme ou outro caso que viu na televisão. A maior parte dos *rockers* não passou por uma escola de música. Ninguém aqui passou por uma escola de música. É tudo autodidata com aquilo que lê, com aquilo que ouve, com aquilo que troca de experiência com outros. Um ensina isso, outro ensina aquilo, eles aprendem e vão fazendo. Nunca fomos lá para fora para estar numa comunidade [do *rock*], para viver o dia a dia, por exemplo, na Inglaterra, onde tem *rock* muito bom, queridíssimo, suave. Nunca tivemos este contato. Então, é tudo muito autodidata. Fica tudo muito feito aqui à nossa maneira (Entrevista realizada em Benguela, em outubro de 2017) (Silva, 2018, p. 141).

No capítulo seguinte, a pesquisadora apresenta uma etnografia da sua experiência nos festivais *Rock* no Rio Catumbela e ORLEI. A partir disso, ela trata da importância dos festivais para uma cena musical, em especial em Angola. “Procuro observar como o *rock* angolano é constituído em um entre lugar formado pelo cruzamento de variados gêneros musicais, como o metal” (Silva, 2018, p. 149). Sua análise resulta de sua experiência pessoal como atuante na equipe de produção dos festivais, observando as dinâmicas interativas entre os agentes envolvidos. A autora discute o conceito de

performance e gênero musical, analisa os conteúdos das bandas, vestuários, bem como apresenta seus diálogos com os músicos e as entrevistas que realizou para canais de comunicação e para a tese. Aborda pontos específicos, como a composição das programações, os espaços para ensaios e a convivência dos atores no dia a dia, além da necessidade de profissionais especializados na operação de áudio, captação de som e gravação.

O capítulo 5, “Tu não tens uma banda sem material”, compreende os instrumentos musicais como portadores de códigos culturais, o deslocamento de equipamentos e as técnicas musicais como reveladores de dinâmicas sociais. Afinal, perguntar a um músico “quando e como teve acesso ao seu primeiro instrumento?” pode revelar dados importantes sobre o contexto musical: as redes interativas, as comunidades de apoio, as situações econômicas. Em diálogo com teorias antropológicas e sociológicas, a autora compreende as dinâmicas sociais estabelecidas em torno do consumo de objetos.

[...] a associação entre instrumentistas, os equipamentos musicais, os locais de ensaios e a transmissão de técnicas musicais consiste em uma das formas de organização desta rede musical. Movimentos, como emprestar um equipamento, ceder um local de ensaio, permitem que observemos quais caminhos têm sido tomados pelos atores ao longo desta história local, construindo uma rede baseada no ideal de reciprocidade e de comunidade (Silva, 2018, p. 204).

Esse é mais um ponto que evidencia que o metal não é apenas um conjunto de códigos sonoros, afinal, a musicalidade resulta

de uma adaptação às mídias e às técnicas disponíveis. São como um “sistema de montagens simbólicas” (Mauss, 2009, p. 204 *apud* Silva, 2018, p. 206). Nesse aspecto, a autora faz uma ponte com a musicologia, a partir de Dawe (2003), para destacar que “[...] os gêneros musicais e os afetos são adquiridos, afetados e construídos socialmente e culturalmente em torno dos instrumentos musicais” (Silva, 2018, p. 207). As construções ocorrem conforme acontecem as interações sociais, as trocas de conhecimentos, experiências etc. Se determinados instrumentos possibilitam determinadas técnicas, o acesso a eles é o que possibilita forjar o estilo e suas variantes. Os instrumentos também comunicam, são aparatos sociais carregados de significados, expressam visualidades e sonoridades. Por isso, a pesquisadora observa e destaca as marcas dos instrumentos, modelos etc.

Assim, aponta-se para um dos aspectos ligados ao diálogo com a globalidade do *heavy metal* e às adaptações locais que são complexas de se abordar, seja como decisões ou posicionamentos deliberados para construção de uma performance ou estilo, seja a partir de delimitações impostas pelas restrições internas do país. De modo geral, a autora resume em dois pontos alguns dos principais aspectos que observou sobre a cena angolana:

- a) gênero musical metal e os códigos culturais surgem em narrativas referentes aos domínios de técnicas musicais, à busca de uma sonoridade internacional e próxima dos instrumentistas consolidados, como no consumo de tutoriais na internet para incrementar as formas de tocar e na aquisição de ins-

trumentos assinados pelos ídolos dos rockers angolanos; b) as associações apresentadas ao longo da rede musical são desenhadas pelas trocas de informações sobre técnicas e equipamentos musicais, pelo empréstimo ou pela disponibilidade de venda de equipamentos usados, pela cessão de espaços de ensaios, pelos laços familiares e de amizades que possibilitam o envio ou a compra de equipamentos musicais no exterior, cenários que constituiriam um sentido de comunidade em torno de humanos e não humanos (Silva, 2018, p. 223).

Por fim, no sexto e último capítulo, ela trata dos itinerários da música gravada, portanto, sobre “[...] as tecnologias de produção e de reprodução musical e as ansiedades dos instrumentistas angolanos para produzir música gravada segundo os parâmetros de gravação da tecnologia e da cultura *rock*” (Silva, 2018, p. 228). Observa as condições de acesso às tecnologias de gravação, acompanhando as produções do EP *Chegando*, da banda Black Soul; faz uma análise do primeiro álbum lançado pela banda M’vula, *Focus*; e, por fim, do selo angolano Cube Records: a gravação da coletânea *You Failed, Now We Rule* e as movimentações para o lançamento do álbum da banda Dor Fantasma, incluindo a análise de um videoclipe. Assim, ela aborda tanto objetos físicos (capas, videoclipes, propostas estéticas), quanto experiências vividas em estúdio. Nessa vivência, observa, por exemplo, a re-territorialização de códigos, como a banda M’vulaque apresentou aspectos de rap-metal-rock.

Nessa parte final do trabalho, fica mais evidente a questão das comunidades imaginadas e as negociações com os aspectos globais do rock.

[...] o exterior é desejado e imaginado como o caminho para sair dessas limitações locais e condições abusivas de fazer música. O exterior é um tipo ideal e uma comunidade compartilhada: facilitaria a criatividade, insistiria em altos padrões técnicos e musicais; exige o máximo de desempenho de performances e valores; forneceria o material de produção necessário [orçamento e apoio promocional]; que opera se baseando na relação profissional e não racial; e que recompensa com reputação e respostas. Exterior é sobre trocas, não isolamento. Exterior é uma empresa que está livre de política do Estado e mais perto de se distanciar de preconceitos raciais contemporâneos (Meintjes, 2011, p. 242-243 *apud* Silva, 2018, p. 280-281).

Portanto, o diálogo com o “mundo-afora”, com a comunidade imaginada do *heavy metal*, acontece a partir de expectativas locais, expectativas de um ambiente ideal de liberdade e justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de pesquisa de Melina, seus processos, dificuldades e mudanças ao longo do percurso sinalizam decisões que também podem ser vividas ao estudarmos músicos acreanos. O objeto de análise de Melina foi sendo forjado enquanto a pesquisa acontecia, conforme a pesquisadora construía seus relacionamentos com os atores envolvidos. “Minha dificuldade de perceber como o social era desenhado no movimento do *rock* angolano devia-se pela ideia consolidada de que existe um social homogêneo a ser descrito pelo cientista social” (Silva, 2018, p. 225).

Um dos pontos importantes é que a tese nos trouxe perspectivas para se pensar a ideia de uma cena musical: observá-la como um circuito em movimento, formado por lojas, estúdios, bares, políticas públicas (leis de incentivo), festivais, bandas, imprensa (*blogs, sites, rádio, tv, jornal, escolas etc.*), além de escolas e espaços de ensino. Afinal, é importante considerar a “[...] circulação e o consumo de artefatos culturais, o suporte de estabelecimentos como bares, lojas de álbuns e de instrumentos musicais, a circulação de práticas musicais de músicos e de profissionais amadores, o compartilhamento de vivências e de conhecimentos entre gerações [...]” (Silva, 2018, p. 192). No caso do nosso objeto, é necessário incluir os ambientes das comunidades religiosas (ministérios, grupos caseiros, ações de evangelismo, cultos etc.), bem como lembrar de outras redes que podem estar associadas, como moto clubes e afins.

É importante, ainda, deixar que os sujeitos envolvidos – os atores – manifestem a sua própria perspectiva a respeito de cena e gênero musical, pois, conforme Melina aponta, “[...] participar de uma rede musical significa coexistir com comportamentos e práticas diferenciadas, e mais fluidas, do que se pode esperar de um grupo dedicado a um gênero musical” (Silva, 2018, p. 197). Reproduzindo a pergunta: “Quão importante é a música para o metal?”, também podemos nos perguntar: “Quão importante é a música para o cristão?”, e, disso, obter boas reflexões sobre como e por que o gênero metal é, muitas vezes, rejeitado ou aceito no meio religioso.

Finalizamos a leitura do trabalho de Melina com a evidência da necessidade de decolonizar a construção de saberes, descon-

truindo representações e trazendo outras narrativas possíveis a um campo de estudo. A leitura nos permitiu esboçar algumas perguntas que norteiam nossa própria pesquisa, algumas já apontadas ao longo deste trabalho, como: a) Qual é o argumento central da música *heavy metal* expressa por bandas com integrantes cristãos? b) Quais são os códigos culturais do *heavy metal* aceitos socialmente e replicados pelos discursos cristãos? c) O que é considerado resistência para os grupos de *heavy metal* cristão? d) Seria possível classificar o “metal cristão” como um gênero musical? No que se refere a um recorte direcionado ao contexto acreano, a tese de Melina nos direcionou para a seguinte questão: Como os músicos cristãos, no Acre, ressignificam os códigos culturais globais do *heavy metal*?

Em suma, pensar o *heavy metal* produzido por músicos cristãos significa repensar modos de saber e sistemas de classificação tratados a partir de delimitações.

Abordar as fronteiras é analisar os limites, não somente espaciais, do que seria o eu e o outro, o que é reconhecido como fora ou dentro nas associações. As demarcações observadas pelos autores seriam de dimensão simbólica, desenhadas no espaço cultural e social, delimitando os espaços que cada personagem pode ocupar em relação ao grupo e a sua cultura” (Souza, 2014 *apud* Silva, 2018, p. 256).

Uma produção cultural que rompe com demarcações e transita em fronteiras, à margem, tanto na própria cena quanto nos estudos acadêmicos, não rompe apenas como uma sonoridade ou com um conjunto de temas abordados em letras ou visualidades, mas coloca em confronto redes sociais, formas de identidade, de

existência, bem como de entendimento sobre o que é viver e ser resistência.

REFERÊNCIAS

DAWE, K. The cultural study of musical instruments. *In*: CLAYTON, M.; HERBERT, T.; MIDDLETON, R. (ed.). **The cultural study of music: a critical introduction**. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2003.

HOLT, F. **Genre in popular music**. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2007.

INGOLD, T. Anthropology contra ethnography. **HAU, Journal of Ethnography Theory**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 21-26, 2017.

LUCENA, G. X. D. **O Acre (não) existe: um estudo sobre identidade, memória e midiaticização**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

REGEV, M. **Pop-rock music: aesthetic cosmopolitanism in late modernity**. Cambridge: Polity Press, 2013.

SILVA, M. A. dos S. **We do rock too: os percursos do gênero musical metal ao longo do movimento do rock angolano**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018.

OUTRAS REFERÊNCIAS DE MELINA APARECIDA DOS SANTOS SILVA

SILVA, M. A. dos S. Filhos desta luta: posicionando a produção do rock e do metal angolanos no cenário global-local. **LOGOS**, [s. l.], v. 25, p. 224-239, 2018.

SILVA, M. A. dos S. Uma fusão no estilo mwingolé: uma perspectiva decolonial do rock angolano. **E-Compós**, [s. l.], v. 23, 2020a. DOI: 10.30962/ec.2104.

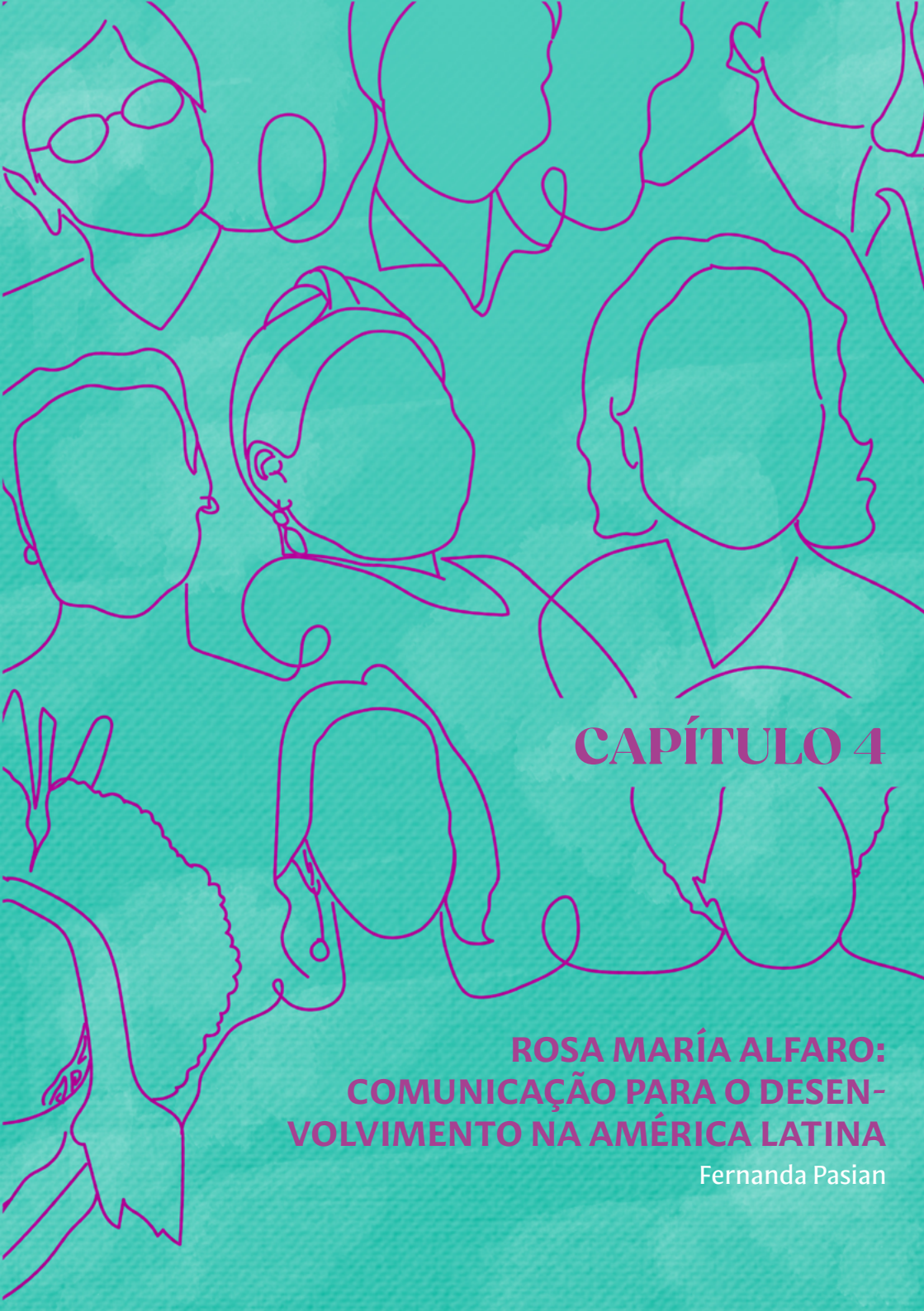
SILVA, M. A. dos S. Recrutando rockers: festivais de música como mediadores da disseminação da cultura do rock na sociedade angolana. **GALÁxia**, São Paulo, v. 1, p. 127-140, 2020.

SILVA, M. A. dos S. O que significa descategorizar a música? **Música Hodie**, [s. l.], v. 21, p. 1-20, 2021.

SILVA, M. A. dos S.; SILVA, J. M.; GUTFREIND, C. Um grito de revolta: notas sobre o discurso midiático afropessimista e a narrativa do filme *Death Metal Angola*. **LOGOS**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 194-213, 2020.

SILVA, M. A. dos S.; SILVA, J. M.; GUTFREIND, C. O oposto da destruição?: *Death Metal Angola* e a negociação com imaginários midiáticos das produções culturais angolanas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: ASSOCIAÇÃO NACIONAL

DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 2019.



CAPÍTULO 4

**ROSA MARÍA ALFARO:
COMUNICAÇÃO PARA O DESEN-
VOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA**

Fernanda Pasian

INTRODUÇÃO

O lançamento dos livros *Mujeres de la comunicación* (2020) e *Pioneras en los estudios latinoamericanos de comunicación* (2021) trazem indícios de que, nos últimos anos, há esforços significativos no campo acadêmico para identificar, recuperar e divulgar o trabalho das mulheres dentro dos estudos de Comunicação na América Latina. Por uma série de motivos, a produção delas é pouco referenciada ou não consta nas referências de estudos da área, como em bibliografias de disciplinas de cursos, dossiês temáticos e livros teóricos.

Neste capítulo, apresentamos a trajetória profissional e a produção científica de Rosa María Alfaro, comunicadora nascida no Peru, que produziu estudos relevantes para a área, especialmente sobre o conceito e a prática de comunicação para o desenvolvi-

mento e suas relações com a política, a educação e a cidadania. O levantamento realizado indica que sua primeira obra foi lançada em 1983 e, desde então, inúmeras publicações foram produzidas pela pesquisadora, que atuou no campo acadêmico e institucional.

Inicialmente, há uma breve biografia de Rosa María Alfaro, destacando sua atuação profissional em universidades e os cargos ocupados em organizações, seguida da menção a artigos que a posicionam como referência e pioneira nos estudos de Comunicação na América Latina. A produção intelectual é apresentada a partir dos conceitos e reflexões presentes em três publicações: o livro *Una comunicación para outro desarrollo: para el diálogo entre el norte y el sur*, publicado em 1993 e reeditado em 2015, que é a obra mais conhecida e discutida da autora; o artigo “Politizar la ciudad desde comunicaciones ciudadanas”, publicado na revista *Diálogos de la comunicación* (2002), e o capítulo “Ciudadanos de la ciudad: cambios e incertidumbres comunicativas”, que compõe o livro *La ciudad, escenario de comunicación* (1999).

Esse percurso destaca a perspectiva de comunicação, desenvolvimento e aportes para pensar sobre experiências práticas no campo. A contribuição de Alfaro dialoga com outras áreas do conhecimento e segue atual para pensarmos as teorias e estratégias no campo da Comunicação, sobretudo a partir das experiências na América Latina. Portanto, ao final deste capítulo, há uma lista de textos disponíveis *online* para leitura e aprofundamento.

1 ROSA MARÍA ALFARO

Rosa María Moreno Alfaro (Peru, 1941) é educadora e comunicadora. No campo acadêmico, foi professora da Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Lima durante 25 anos, da Universidade Nacional de San Marcos (de 1981 a 1988) e na *Pontificia Universidad Católica del Perú*. Marisol Castañeda (2020, p. 28-30, tradução nossa), que trabalhou com Rosa María, afirma que ela considerava a pesquisa como parte da intervenção comunicacional e via como responsabilidade “[...] devolver a sociedade nossos aprendizados, através de diversas iniciativas e serviços acadêmicos, para posicionar uma comunicação integradora no âmbito do Estado, da cooperação, da sociedade civil e dos meios”¹.

No campo institucional, foi diretora executiva da *Veeduría Ciudadana de la Comunicación Social*, conselheira da emissora *Milenio Radio*, presidenta do *Colectivo Radial Feminista*, coordenadora do Programa de Comunicação Popular do Conselho de Educação de Adultos da América Latina (CEAAL) de 1991 a 1995 e atuou como consultora em diversas organizações nacionais e internacionais. Fundou a *Asociación de Comunicadores Sociales (A.C.S.) Calandria*, na qual ocupou cargos de diretora e conselheira. Tal associação de comunicadores é especializada em comunicação estratégica para o desenvolvimento a partir de um enfoque cidadão e tem como missão dar visibilidade aos atores sociais da agenda pública e política e

¹ No original: “*Rosa María consideraba un desafío y responsabilidad profesional el devolver a la sociedad nuestros aprendizajes, a través de diversas iniciativas y servicios académicos, para posicionar una comunicación integradora en el ámbito del Estado, la cooperación, la sociedad civil y los medios. Desafío y responsabilidad que cumplió a cabalidad*”.

fortalecer o diálogo entre Estado, sociedade civil, mídia e empresas, com o objetivo de ampliar oportunidades.

Alfaro possui doutorado em educação aplicada ao campo comunicacional e é uma das pioneiras da corrente latino-americana de “comunicação para o desenvolvimento”, proposta a partir do enfoque cidadão, que implica na participação ativa das pessoas em diversos processos sociais. Realizou estudos sobre educação popular, rádio, televisão e trouxe a perspectiva de gênero em muitas de suas produções científicas. É membra honorária de *La Asociación Española de Investigación de la Comunicación* (AE-IC). Em 2015, recebeu uma homenagem devido aos 54 anos de trabalho e anunciou a aposentadoria dos campos acadêmicos e institucionais. Em 2010, recebeu o *Premio Córdoba a la Comunicación* pelo trabalho realizado no Peru e em outros países da América Latina, por sua excelência acadêmica e compromisso social e político².

2 PIONEIRA NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

No artigo “A contribuição das mulheres para a pesquisa crítica em comunicação na América Latina”, Sarah Corona Berkin (2018, p. 124) destaca como as mulheres foram “pouco ou não mencionadas nas histórias da comunicação na América Latina”, e cita Alfaro, ao lado de Mabel Piccini, Ana María Nethol, Anamaria

² Biografia construída com informações do texto *Ao vuelvo de una Calandria*, de Marisol Castañeda, e de publicações nos sites Observatório da Imprensa (Brasil), *A.S.C. Calandria* (Peru) e *Asociación Española de Investigación de la Comunicación*.

Fadul, Patricia Anzola, Susana Roker e outras. Berkin (2018, p. 124) afirma que “[...] o trabalho dessas mulheres inaugurou de diferentes maneiras o campo da pesquisa em comunicação”, levando-as a temáticas como participação política, comunicação popular e democratização da comunicação.

Rosa María Alfaro também é citada por Aimée Vega Montiel — pesquisadora mexicana referência em comunicação e feminismo —, em entrevista a Ana Carolina Escosteguy e Lirian Sifuentes. Quando questionada sobre valorização da Europa em relação à produção acadêmica latino-americana, Aimée (Escosteguy, 2013, p. 573) explica que já foi considerada objeto de marginalização, porém, nos últimos anos

[...] as comunidades europeias e norte-americanas foram reconhecendo a consistência e as chaves fundamentais da investigação de nossa região, em autoras e autores como Rosa María Alfaro, Rossana Reguillo, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Antonio Pasquali, entre outros.

Isso evidencia, mais uma vez, a relevância dos estudos da Alfaro em outros países.

O livro *Mujeres de la comunicación*, publicado em 2020, reúne 20 capítulos sobre vivências e conceitos de mulheres que ajudaram a construir, estudar e formar a comunicação na América Latina. Há um capítulo sobre Rosa María Alfaro, assinado por Marisol Castañeda Menacho, que apresenta a “comunicadora, mestra e amiga” e percorre uma breve linha do tempo, que começa com a publicação de *Comunicación para outro desarrollo* e segue com a men-

ção às principais temáticas desenvolvidas e marcos importantes da carreira.

A pesquisadora também é mencionada em *Pioneras en los estudios latinoamericanos de comunicación* (2021), de Yamila Heram e Santiago Gándara, que discute a presença das mulheres no campo da Comunicação. Embora não seja contemplada no desenvolvimento dos capítulos, devido ao recorte temporal da edição, é citada como uma das precursoras dos estudos e do ensino em comunicação, sobretudo no Peru. Na introdução, os autores destacam a contribuição de Alfaro sobre recepção midiática, que foi lançada a partir dos anos 80.

Em entrevista ao veículo *La iniciativa de comunicación* (2002), ao ser questionada sobre considerar a si mesma como pioneira dos estudos de comunicação latino-americanos, Alfaro menciona que o mais importante são os relatos de que é lida e de que as pessoas são impactadas por seus escritos:

Yo creo que uno con los años uno aprende que no hay que ser petulante, no le interesa; a mí lo que más me emociona es cuando otra gente dice “yo leísteo que fue central para mí”, esas cosas emocionan. [...] Estudiantes que además se enorgullecen de que una peruana pueda hablar, porque no hemos tenido mucha producción en el campo de la comunicación en el Perú [...] a veces me encuentro con gente de provincia que haleído algo y te ven como una diosa, te tocan” (Alfaro, 2002).

3 COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

Um dos livros mais importantes e mais discutidos de Rosa María Alfaro é *Una comunicación para outro desarrollo: para el diálogo entre el norte y el sur* (2015), publicado em 1993 e reeditado em 2015. Sobre esse livro, Castañeda (2020, p. 15, tradução nossa) destaca que “[...] o texto, pioneiro em sua época, aborda os aspectos conceituais de um novo modelo de comunicação e desenvolvimento, destacando a dimensão sociocultural, a construção de identidades, a relação entre o educativo e o comunicativo e o papel democratizador dos meios”³.

Na introdução, somos apresentadas à perspectiva de comunicação para o desenvolvimento proposta pela autora, que a vê de diversas formas: como aporte auxiliar e metodológico, objetivo de transformação da sociedade e dos sujeitos que a compõem, como aspecto e estratégia global; e como uma proposta comprometida com modelos, projetos e procedimentos, pois “[...] toda concepção de desenvolvimento supõe uma concepção comunicativa e vice-versa”⁴ (Alfaro, 2015, p. 11, tradução nossa).

Outro ponto relevante é que, para ela, o desenvolvimento não se refere somente ao campo econômico, mas considera o que é

3 No original: “*El texto pionero en su época aborda los aspectos conceptuales a un nuevo modelo de comunicación y desarrollo, destacando la dimensión sociocultural, la construcción de identidades, la relación entre lo educativo y comunicativo, el rol democratizador de los medios*”.

4 No original: “*Está así comprometida, consciente o inconscientemente, con modelos y proyectos, macro y microsociales, y con los procedimientos que se implementan para plasmarlos, porque toda concepción de desarrollo supone otra comunicativa y viceversa*”.

social, cultural e político, unindo técnica e ética e os mundos públicos e privados, para potencializar resultados. Nesse sentido, o “crescimento” é considerado a partir de várias perspectivas, que operam na resolução de conflitos e se tornam motores para impulsionar o desenvolvimento, que deve unir “eficácia com democracia” e “organização e participação” (Alfaro, 2015, p. 11-13).

O conceito de comunicação aplicado ao desenvolvimento é a de “comunicação como relação”. Alfaro (2015) afirma que, nessa perspectiva, o conceito de “poder” também opera e é entendido como uma relação complexa e interativa entre a sociedade, os meios e as relações existentes. A autora destaca que,

Cuando hablamos de comunicación, no nos referimos únicamente a los medios, aunque reconoceremos que estos son aparatos culturales y no solo tecnológicos, muy importantes y que se articulan a la conformación e intercambio de culturas, a la organización económica social y a la construcción de consensos y disensos políticos en una sociedad (Alfaro, 2015, p. 27).

Na segunda parte do livro, a autora apresenta experiências concretas e práticas de comunicação para o desenvolvimento, mencionando: *o desenvolvimento institucional*, no qual a democracia, a formação de instituições fortes e a existência de redes são fundamentais para a mudança e o desenvolvimento, perspectiva em que a comunicação tem um papel-chave; *o desenvolvimento local e regional*, entendido como um processo que passa por diferentes etapas, como a) envolver a população, para que se torne sensível à agenda; b) gerar condições básicas de desenvolvimento; e c) implementar pro-

postas específicas de desenvolvimento; *o diálogo e a articulação de âmbitos e atores*, que propõe diferentes caminhos para uma relação mais ampla com as áreas locais, regionais e centrais; *a educação a partir dos meios massivos*, que opera sobre a intervenção na opinião pública e a cultura comunicativa que será promovida; *a igualdade e complementaridade de gênero*, que aborda a importância da perspectiva de gênero na implementação de projetos, da igualdade e do olhar atento à participação das mulheres na sociedade e traz exemplos de organizações populares; e, por fim, *a importância da pluralidade cultural e criativa*, ou seja, a importância de conectar expressões típicas da cultura “especializada” com manifestações culturais mais informais, para que se tornem um fenômeno educativo humanizante e comprometido com o desenvolvimento (Alfaro, 2015).

Na terceira parte do livro, Alfaro (2015) compartilha uma série de estratégias comunicativas para o desenvolvimento, trazendo sua experiência e apontando caminhos para refletir, por exemplo, sobre metodologias e para gestão de projetos em comunicação envolvendo vários atores sociais no processo. Sobre esse último item, expõe passos importantes para orientar projetos de comunicação ligados ao desenvolvimento, como a escolha de temas legitimados para uma comunicação útil (saúde e alimentação, pacificação e democracia cidadã, educação ambiental, orientação e recomposição familiar); a atenção às diferenças entre promoção e comunicação massiva e as estratégias de avaliação, que incluem modos de organização da proposta; as características do discurso, a recepção das pessoas envolvidas e a transparência dos mecanismos de avaliação.

4 COMUNICAÇÃO, CIDADE E CIDADANIA

Nas páginas iniciais do artigo “Politizar la ciudad desde comunicaciones ciudadanas”, Alfaro (2002) fala sobre a importância de pensar as dinâmicas comunicativas da cidade contextualizadas a questões ligadas à globalização da economia e da cultura, que “reorganiza as formas e sentidos de construção do poder”. Para a autora, é necessário “[...] construir novos enfoques e propostas em que os cidadãos tenham outro peso e lugar como poder social” (Alfaro, 2002, p. 35-40), no qual

Los medios entretejen las identidades ciudadanas relacionadas con las territoriales, las políticas y las subjetividades colectivas que las ciudades producen y reproducen extendiéndose en medios y en el propio corazón de la vida cotidiana (Alfaro, 2002, p. 40).

Nesse sentido, a cidade é um lugar de novas cidadanias, e a falta de poder local gera frustrações e despolitizações. A transformação desse cenário para a construção de práticas cidadãs passa por questões relacionadas à cidade e à localidade, a poderes políticos e econômicos e dos meios de comunicação (Alfaro, 2002). Na visão da autora, uma comunicação cidadã vai além da propaganda e prevê uma estratégia comunicativa que promove democracia e desenvolvimento:

Para elaborar una estrategia comunicativa politizada, es necesario proceder a en marcar cualquier propuesta en un proceso de definiciones que si bien deber ser operativas parten de conceptos e imágenes de una sociedad mejor a la que se pretende ir. Es necesario saber qué tipo de ciudadanía promuevo, emulo y busco, pero también qué modelo comunicacional me sirve como

matriz principal o secundaria de mi accionar. La relación entre comunicación y política que sugerimos no es sólo circunstancial, ambas dimensiones están sustancialmente unidas (Alfaro, 2002, p. 48).

As discussões expostas também são apresentadas no capítulo “Ciudadanos de la ciudad: cambios e incertidumbres comunicativas”, que compõe o livro *La ciudad, escenario de comunicación* (1999), no qual Alfaro (1999, p. 118) afirma que a cidade é um lugar de novas cidadanias e “[...] um cruzamento de palavras, medo, imagens dos meios de comunicação, silêncio diante de conflitos, necessidade de protestar. É a própria comunicação, destino de diálogos que não se podem formular”. A autora finaliza o texto questionando se uma nova comunicação é possível. A publicação traz um comentário de Marena Briones Velastegui (1999, p. 122) sobre o texto, reforçando que “[...] a cidade é um lugar e sentido político” e que essa perspectiva sintetiza a articulação entre os conceitos de cidade, comunicação e cidadania trabalhados por Alfaro ao longo de sua trajetória.

Já em artigo publicado em 2002, Alfaro dá continuidade a essas reflexões, apresentando modelos comunicacionais e dimensões de atuação importantes: explica que a comunicação é um saber técnico, prático e teórico que “marca formas diferenciadas de atuar e definir políticas comunicacionais” (Alfaro, 2002, p. 49, tradução nossa). Apresenta três modelos comunicativos que alimentam muitos projetos de cidade: 1) transmissão de informação; 2) *city marketing*; 3) redes de diálogo e produção simbólica. Para Alfaro (2002, p. 47), o terceiro modelo é o que melhor se aplica à perspecti-

va de educação cidadã e reconstrução da política “desde a cidade”, na qual

Una comunicación que construya poder en la línea ya trazada, pensamos, por lo tanto, en una comunicación que sea una visibilización del poder, pero que a la vez produzca “empoderamiento” en los ciudadanos y su relación con el espacio y los gobiernos locales. Es decir, pensamos en una comunicación que relacione al ciudadano con el poder municipal y le otorgue un lugar preponderante, sumamente comprometida con la gestión y los sentidos políticos que allí se trabajan (Alfaro, 2002, p. 49).

A pesquisadora finaliza o artigo indicando linhas de trabalho relevantes para expressão política e social a serem aplicadas. Entre elas, destacam-se (Alfaro, 2015, p. 49-52): 1) “toda estratégia comunicativa deve colocar a cidade como tema recorrente”, para organizar e reorganizar as notícias em diferentes meios; b) a “vigilância cidadã da gestão pública” promove uma participação comprometida com a gestão local da cidade e a existência de fóruns, reuniões de trabalho e iniciativas de transformação política; c) a perspectiva de “comunicação educativa”, essencial para a existência de uma comunicação pública focada na cidadania e centrada na aprendizagem. Para concluir, identifica-se que, nesses caminhos, podem estar as respostas para o questionamento “outra comunicação é possível?” que finaliza o capítulo do livro publicado por Alfaro em 1999. Se não as respostas, é, ao menos, um bom exercício de prática profissional para comunicadoras(es) e sociedade civil.

Em entrevista ao *La iniciativa de comunicación* (2002), ao ser questionada sobre as pessoas latino-americanas que contribuem

para suas reflexões, Alfaro cita Jesús Martín-Barbero (responsável pelo prefácio de um de seus livros), Mario Kaplún, Néstor García Canclini e Rossana Reguillo. A autora também menciona a importância das reflexões de Chantal Mouffe sobre sujeitos comunicativos que repensam a democracia e a cidadania, e as de Adela Cortina, uma referência recorrente em seus artigos para discutir o conceito de cidadania. Tanto no capítulo do livro mencionado anteriormente como no artigo científico, Alfaro trabalha com as ideias de Adela Cortina, Renato Ortiz, Alicia Entel e Armando Silva.

5 LISTA DE CONSULTA

No repositório da Associação de Comunicadores Sociais Calandria, há um documento chamado *Publicaciones de Rosa María Alfaro*, que apresenta uma lista com 104 publicações da autora, que incluem livros, artigos científicos, capítulos de livros, campanhas, ações educativas, ensaios para revistas e jornais. No *site* da associação, é possível acessar parte da bibliografia da autora, disponibilizada em espanhol.

Como ponto de partida, recomenda-se o livro *Una comunicación para outro desarrollo: para el diálogo entre el norte y el sur*, essencial para compreender a perspectiva sobre a temática na qual Alfaro é referência – comunicação para o desenvolvimento – e entender o modelo proposto, que se conecta com a dimensão política, cidadã e democrática. Destacam-se outras produções relevantes:

- *Ciudadanías y medios: veedurías desde la participación ciudadana* (2013);
- *De lo estatal a lo público: medios de quién y para qué* (2006);
- *Educación y comunicación: ¿a la deriva del sentido de cambio?* (2000);
- *Comunicación y educación: una alianza estratégica en los nuevostiempos* (1999);
- *Culturas populares y comunicación participativa* (1999);
- *Tejerlo público en la conversación ciudadana* (1995);
- *De la conquista de la ciudad a la apropiación de la palabra* (1988).

Para comprender a trajetória acadêmica-institucional de Alfaro, a obra indicada é *Otra brújula: innovaciones en comunicación y desarrollo* (2006), que reúne reflexões sobre o trabalho de comunicação para o desenvolvimento realizado pela instituição Calandria durante 23 anos. Está dividido em três capítulos: discussões de conceitos que partem de uma convergência entre comunicação e desenvolvimento, e não da proposta de uma teoria; aprendizagens práticas, sobretudo a partir da comunicação alternativa; e exemplos de políticas e experiências comunicativas inovadoras na América Latina.

REFERÊNCIAS

ALFARO, R. M. M. Politizar la ciudad desde comunicación es ciudadanas. **Diálogos de la comunicación**, [s. l.], n. 65, 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2371709>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ALFARO, R. M. M. Ciudadanos de la ciudad: cambios e incertidumbres comunicativas. *In*: CARRION, Fernando Carrion; WOLLRAD, Done (org.). **La ciudad, escenario de comunicación**. 1. ed. Quito, EC: Fundacion Friedrich Ebert Stiftung e Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 1999. p. 91-118.

ALFARO, R. M. M. **Una comunicación para otro desarrollo**: para el diálogo entre el norte y el sur. 2. ed. Lima, PE: Asociación de Comunicadores Sociales – Calandria, 2015.

ASOCIACIÓN DE COMUNICADORES SOCIALES CALANDRIA. **Publicaciones de Rosa María Alfaro**. Peru, [20--]. Issu: calandriaperu. Disponível em: <https://issuu.com/calandriaperu/stacks/b51c83c8fa844cf3990240772d6be08f>. Acesso em: 7 fev. 2022.

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN. **ROSA María Alfaro Moreno - Socia de honor**. Barcelona: AE-IC, 2020. Disponível em: <https://ae-ic.org/rosa-maria-alfaro-socia-de-honor/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

BERKIN, S. C. A contribuição das mulheres para a pesquisa crítica em comunicação na América Latina. **Comunicação e Educação**, [s. l.], n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/149271>. Acesso em: 7 fev. 2022.

BRIONES, M. Comentario sobre Rosa María Alfaro. *In*: CARRION, F. C.; WOLLRAD, D. (org.). **La ciudad, escenario de comunicación**. 1. ed. Quito, EC: Fundacion Friedrich Ebert

Stiftungl e Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 1999. p. 121-126.

CASTAÑEDA, M.; ALFARO, R. M. M. Al vuelo de una calendario: 5 rutas en la búsqueda de una comunicación para otro desarrollo. *In: RODRÍGUEZ, C. et al. **Mujeres de la comunicación***. Bogotá, CO: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina; Fundación Friedrich Ebert, 2020. Disponible en: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/la-comunicacion/17702.pdf>. Acceso en: 29 dez. 2021.

CASTILHO, C. V. Perfil de Rosa María Alfaro. **Observatório da Imprensa**, Campinas, 2006. Monitor da imprensa. Disponible en: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/perfil-de-rosa-maria-alfaro/>. Acceso en: 30 jan. 2022.

ESCOSTEGUY, A. C.; SIFUENTES, L. Feminismo e comunicação: questão científica e política. Entrevistada: Aimée Vega Montiel. **Revista FAMECOS**, [s. l.], v. 20, p. 567-577, 2013. Disponible en: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/13779>. Acceso en: 30 jan. 2022.

HERAM, Y.; GÁNDARA, S. **Pioneras en los estudios latinoamericanos de comunicación**. 1. ed. Buenos Aires: Teseo-Press, 2021.

OBREGÓN, R.; VEJA, J. Entrevista con Rosa Maria Alfaro. Entrevistada: Rosa Maria Alfaro. **La iniciativa de comunicación: comunicación y medios para el desarrollo de América Latina y**

el Caribe. Lima, PE: [s. n.], 2003. Disponível em: <https://www.comminit.com/la/node/67296>. Acesso em: 30 jan. 2022.

RODRÍGUEZ, C. *et al.* **Mujeres de la comunicación**. Bogotá, CO: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina; Fundación Friedrich Ebert, 2020. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/la-comunicacion/17702.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2021.



CAPÍTULO 5

OLHAR PARA AS VIVÊNCIAS: PESQUISAS DE ÂNGELA MARQUES QUE NOS AFETAM

Daniela Borges de Oliveira

INTRODUÇÃO

Pensar a comunicação é pensar as tramas da vida humana em sociedade. Ela está presente não somente na tradicional imagem de uma conversa entre pessoas ou notícias lidas em jornais, mas também nos momentos em que o próprio silêncio gera significado. Está nos gestos, nas expressões faciais, nas rodas de dança, no grafite das ruas etc. Como sugere o jornalista e sociólogo brasileiro Muniz Sodré (2016), podemos pensar a comunicação como um lugar de criação de vínculos e tensões na vida cotidiana, em que são produzidos sentidos. Para ele, a área da Comunicação Social deve compreender esses sentidos e observar como são criados vínculos, não só por meio de aparatos técnicos que compõem as mídias, mas

ao observarmos as dimensões afetivas envolvidas no relacionamento entre as pessoas e o mundo (Sodré, 2016).

Essa ideia nos ajuda a compreender os caminhos percorridos pela comunicadora Ângela Cristina Salgueiro Marques e seu olhar sensível ao campo da Comunicação, tanto em suas pesquisas como em sua postura pessoal. Esse é o propósito deste texto: mostrar um pouco da trajetória dessa mulher que, cada vez mais, é referenciada nas pesquisas de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros.

Conheci Ângela Marques em minha primeira participação como monitora do Grupo de Trabalho “Comunicação e Experiência Estética”, no Encontro Anual da Compós, em 2020¹, ainda como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Bauru. Na ocasião, a pesquisadora apresentou um texto sobre obras de mulheres sobreviventes de genocídio – casos da austríaca Ceija Stojka e da franco-ruandesa Scholastique Mukasonga – e refletiu como tais relatos convocam o receptor a pensar situações de vulnerabilidade e de violência e, conseqüentemente, gerar um sentimento de empatia, conforme o sentido trabalhado em seu último livro:

A empatia traz em si a ideia de estar junto, de viver com o outro, entender e vivenciar, nos meus limites, suas sensações. É me deslocar daquilo que sou na tentativa de entender qual afeto está mexendo com a pessoa naquele momento. Requer um esforço a mais para construir uma ponte no sentido do outro,

1 XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, de 23 a 25 de junho de 2020.

para viver a emoção junto com o outro (Martino; Marques, 2020, p. 106).

O tema, pensado nas experiências vividas e na memória histórica de eventos bárbaros, cativa pelo apelo ao sentimento de humanidade que sobrevive em cada um de nós e pela ênfase aos estudos de Comunicação e Experiência Estética, área desconhecida por muitos pesquisadores. Ângela Marques contribui, cada vez mais, com suas pesquisas e organizações de livros que discutem e apresentam autores que trabalham o tema da experiência estética e os traduzem – às vezes, literalmente – para os pesquisadores brasileiros.

Um exemplo é sua abordagem sobre ideias e metodologias elaboradas pelo filósofo francês Jacques Rancière. Ângela Marques entrevistou Rancière durante a pandemia e organizou o livro *Pequena máquina anti-hierárquica: entrevista sobre o método da cena Jacques Rancière*, que nos ajuda a pensar como se configuram as experiências, o espaço e demais aspectos envolvidos nas experiências sensíveis dos sujeitos em sociedade (Marques; Prado, 2021).

Um ponto singular da pesquisadora é sua disposição para contribuir para o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas de seus pares. Foi dessa forma que ficou marcado o meu segundo encontro com a autora, quando participei, já mestranda da Unesp, do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom Nacional 2021². Na ocasião, além de utilizar seus textos sobre a

² Participação no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 9 de outubro de 2021.

relevância de diálogos com dissensos construtivos como referência, para além do foco em consensos nos processos comunicativos – ideia proveniente de análises do texto de Rancière –, também a citei como mulher pesquisadora em destaque nos estudos de experiência estética, uma vez que ainda usamos muitos autores homens, principalmente europeus, para referenciar nossos trabalhos em Comunicação.

Em resposta à apresentação de trabalho naquele congresso, a pesquisadora, atenciosamente, recomendou estratégias para melhorar minha investigação no decorrer da pós-graduação. A indicação foi sugestiva: procurar saber acerca do método de cartografia com dimensão afetiva, para pensar as interações sensíveis e entrelaçamentos envolvidos nas relações entre sujeitos permeados por uma sociedade midiaticizada. A atitude de Ângela inspira acadêmicos a realizar contribuições nas pesquisas de seus pares, na busca por fazer a ciência crescer.

Ângela Marques é um dos exemplos de pesquisadora que supera o entendimento instrumental da comunicação, que serviria somente para informar. Tal aceção marcou os primeiros estudos de comunicação no Brasil, principalmente nos anos de 1960, com o modelo funcionalista³. A comunicadora se apropria, sim, de al-

Apresentei o texto “Podcasts no contexto da pandemia: apontamentos teóricos a partir de leituras sobre comunicação e experiência estética”, de minha autoria com o professor, doutor e orientador de mestrado Laan Mendes de Barros. Cf: Oliveira; Barros (2021).

3 No texto “A estrutura e função da comunicação na sociedade” (traduzido do original de 1948), Harold D. Lasswell (1978) defendia que todo processo comunicativo era composto por elementos, encontrados com as seguintes perguntas: quem fala?; diz o que?; em qual canal?; para quem?; com que efeito?.

gumas obras clássicas dos estudos em Comunicação, sobretudo de dois autores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, que surge entre os anos de 1920 e 1970. Em destaque, aparecem, em seus artigos recentes, premissas da *Minima Moralia*, escritas por Theodor Adorno (1903-1969) em seu período de exílio nos Estados Unidos, à época da Alemanha nazista; e, de forma mais ampla, os trabalhos sobre esfera pública e “inclusão do outro”⁴, de Jünger Habermas. No entanto, as contribuições de Ângela a respeito dos estudos desses autores vão além do uso de seus conceitos em pesquisas, de modo que tais contributos mantêm seus pensamentos atualizados. Como exemplo, podemos citar seu artigo publicado recentemente, que aborda revisões sobre a ideia de esfera pública para Habermas (Martino; Marques, 2022).

As produções da autora dão ênfase à pluralidade de possibilidades comunicacionais no cotidiano, muitas vezes não percebidas por teorias fundantes que deixam de observar as ricas trocas populares e movimentos políticos de minorias na sociedade, como se constroem e as transformações que causam. Entretanto, antes de abordar, de forma sintética, a trajetória de vida e as produções da pesquisadora, vale explicar como este capítulo é dividido.

Algumas temáticas são recorrentes em seus estudos. Por isso, apresentamos os assuntos nesta ordem: 1) Contribuições para estudos sobre comunicação organizacional; 2) Abordagem sobre vulnerabilidades, territorialidades e temporalidades; e 3) Dimensão

⁴ Título, inclusive, de um dos livros de Habermas que Ângela Marques mais cita em recentes pesquisas: *A inclusão do outro: estudos de teoria política* (Martino; Marques, 2021b; Marques; Mafra; Martino, 2021).

afetiva do ser e do fazer pesquisa. Os últimos dois tópicos são mais explorados em razão de serem os temas com os quais mais nos identificamos.

Considero que Ângela Marques seja referência importante tanto no Brasil como na América Latina, uma vez que a região é marcada pela efervescência de variedade cultural popular e movimentos sociais e políticos. É um cenário de migrações e questões de desigualdade social, como a invisibilidade política, que marcam vulnerabilidades de grupos em situação de fome, racismo, preconceito de gênero e contra a comunidade LGBTQ, ataques às comunidades indígenas etc. O olhar da pesquisadora se dá nas trocas e lutas desses públicos, trazendo esses coletivos ao espectro visível.

Podemos resumir a trajetória acadêmica de Marques da seguinte forma: Ângela fez da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o lar de sua formação acadêmica e profissional. Nessa instituição, completou sua graduação em Comunicação Social e deu continuidade aos estudos nos cursos *stricto sensu* de mestrado e doutorado na mesma área. Atualmente, Ângela é professora associada do Departamento de Comunicação Social da UFMG. É interessante notar que a pesquisadora construiu sua história apoiada no fomento público, primeiramente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), durante a graduação, e, no mestrado e no doutorado, com o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁵.

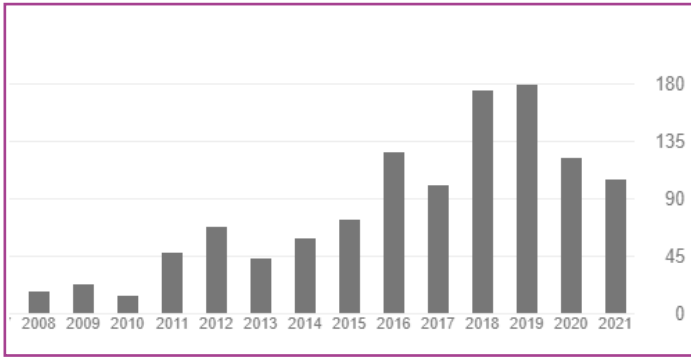
⁵ Destaco essa informação, pois vivemos um momento de cortes de orçamento e desestruturação do órgão que ajuda a financiar a ciência brasileira.

Hoje, é bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ) do CNPq, Nível 1D, benefício destinado aos pesquisadores de destaque em suas áreas, mesmo em tempos de cortes das verbas destinadas à ciência no Brasil⁶. Ser mulher e bolsista de produtividade pelo CNPq é, em si, uma forma de resistência – especialmente no estado de Minas Gerais, que possui a maior diferença entre o número de mulheres e homens que recebem o benefício. Dos agraciados com esse tipo de bolsa, na última década (2010-2021), somente 35,3% são mulheres, sendo que, conforme a classificação aumenta, a desigualdade de gênero também cresce. Nas Ciências Sociais Aplicadas, as mulheres representam 36,2% das bolsistas (Andrade, 2022).

Um breve exemplo da relevância dos trabalhos de Ângela Marques na contribuição para a área da Comunicação é a sua contínua produção científica. Segundo informações disponíveis em seu Currículo Lattes, de 2001 até o final de 2021, a autora produziu mais de 200 artigos, 24 livros e 69 capítulos. As produções são constantemente consultadas, e o número de citações a seus trabalhos cresce conforme os anos, de acordo com dados reunidos pelo Google Acadêmico. De 2016 a fevereiro de 2022, foram 828 citações a seus trabalhos, o que equivale a quase 70% das realizadas em anos anteriores (Angela [...], 2021).

6 Em 2022, a CAPES e o CNPq perderam mais da metade da verba destinada às pesquisas científicas comparado aos últimos dez anos. O contexto também reflete os vários cortes de verbas do governo de Jair Bolsonaro para a área de Ciência e Tecnologia, com risco de paralisação de projetos de pesquisa.

FIGURA 1 – Número de citações aos trabalhos de Ângela Marques em pesquisas no decorrer dos anos



Fonte: Angela [...] (2021).

Os dados sobre a quantidade de publicações e de citações da autora ilustram sua relevância na área, pois esses são os fatores mensurados que ajudam a determinar a relevância de seus trabalhos para a área de Comunicação. Embora os índices bibliométricos⁷ ainda sejam a marca para a avaliação da relevância das produções científicas, é interessante pontuar que existem outros indicadores para perceber a contribuição de pesquisadores, como a repercussão nas mídias sociais (Pierro, 2016).

Entre suas linhas de pesquisa, Ângela se dedica a estudar relações entre comunicação e linguagens; processos comunicativos e práticas sociais; comunicação, territorialidades e vulnerabilidades; processos midiáticos: tecnologia e mercado; além da temática que esteve associada ao pós-doutoramento na França, *Les mutations*

⁷ Critérios que avaliam o desempenho de produções científicas.

de l'espace public, sociétés et cultures latino-américaines (em tradução livre: “Mutações do espaço público, sociedades e culturas latino-americanas”), que faz parte do *Groupe de Recherche en Sciences Sociales sur l'Amérique Latine* (Grupo de Pesquisa em Ciências Sociais na América Latina) da Universidade Pierre Mendès France. Também fez parte do *Groupe de Recherche sur les Enjeux de la Communication* (Grupo de Pesquisa em Questões de Comunicação) da Universidade Stendhal.

A experiência mostra sua dedicação à internacionalização de experiências e de suas pesquisas. Como exemplo, podemos citar o seu artigo com maior número de citações, produzido em língua inglesa: “*Every day conversation in the deliberative process: an analysis of communicative exchanges in discussion groups and their contributions to civic and political socialization*” (traduzido livremente para “A conversa cotidiana no processo deliberativo: uma análise das trocas comunicativas em grupos de discussão e suas contribuições para a socialização cívica e política”), publicado em coautoria com Rousiley Celi Moreira Maia, em 2010, pelo *Journal of Communication*.

Os temas que investigou na pós-graduação mostram possíveis origens para seu interesse em estudos sobre sobrevivências populares, minorias e formas de construção e reconhecimento de identidades. Sua dissertação de mestrado intitula-se *Da esfera cultural à esfera política: representações de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a busca por reconhecimento*, e sua tese de doutorado, *O processo deliberativo a partir das margens: o programa Bolsa-Família na mídia e na fala das beneficiárias*, ambos sob orientação da professora Rousiley Maia.

É importante destacar sua contribuição para novas gerações de pesquisadores, com orientação de trabalhos na graduação, no mestrado no e doutorado, de forma bem distribuída durante os anos. Em especial, em 2021, sua orientanda Francine Altheman teve a tese de doutorado premiada em 1º lugar no Prêmio Compós de Teses e Dissertações.

Como mencionado, sua produção bibliográfica é marcada por artigos completos publicados em periódicos, seguido de livros e trabalhos em anais de eventos. Contudo, um aspecto interessante e que não costuma ser valorizado no ramo acadêmico (com menor pontuação em avaliações) são suas produções técnicas, como pareceres para revistas científicas⁸. Nesse sentido, Ângela Marques me parece um modelo de pesquisadora a ser seguido, que pode inspirar, principalmente, as jovens pesquisadoras que ingressam na área da Comunicação.

1 CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDOS SOBRE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Das palavras-chave mais usadas em suas publicações, “comunicação organizacional” está em segundo lugar, atrás apenas de “política” (UFMG, 2022). Ângela é membra da Associação Brasi-

8 Uma curiosidade é que, nos últimos anos, há um movimento na Comunicação, principalmente em Jornalismo, para valorizar as revisões sugeridas para artigos posteriormente publicados em revistas científicas, de forma a ajudar na construção de conhecimento. Em 2021, a revista *Brazilian Journalism Research* instituiu um prêmio anual para os melhores pareceres submetidos. A primeira pessoa premiada foi uma mulher: Estrela Serrano, do Instituto de Comunicação da Nova (ICNova).

leira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas (ABRAPCORP), sendo vice-presidente durante o período de 2014 e 2016. Nos últimos cinco anos, participou como organizadora de dois livros da área: *Comunicação Organizacional: vertentes conceituais e metodológicas* (2017) e *Comunicação e poder organizacional: enfrentamentos discursivos, políticos e estratégicos* (2018).

Possui diversos artigos publicados na *Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – Organicom*, vinculada à Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP). Nessas pesquisas, a autora discorre sobre o diálogo como ferramenta para troca efetiva de opiniões nas organizações, para a resolução de problemas coletivos (Marques; Mafra, 2013); sobre reconhecimento e afirmação de lideranças femininas no ramo corporativo (Marques; Souza, 2016); e expõe as dificuldades encontradas na comunicação pública, das instituições públicas e privadas, para instaurar locais de diálogo democrático com a sociedade civil. Percebemos que é marcante, também, sua preocupação com a representação de grupos sociais em situação de vulnerabilidade e invisibilidade, assim como a importância de se instaurar diálogos transformadores mesmo em situações de desentendimento ou dissensos.

2 DISCUSSÃO SOBRE VULNERABILIDADES, TERRITORIALIDADES E TEMPORALIDADES

No geral, os trabalhos de Ângela Marques abordam a temática de minorias de gênero, classe, etnia e nacionalidade, dando ênfase à quebra de preconceitos. Além disso, são recorrentes suas abordagens com foco em movimentos sociais e ativismo, como tema que orientou a respeito do movimento dos secundaristas⁹. Por isso, destacam-se conceitos usados com frequência por Marques: vulnerabilidade, territorialidade e temporalidade.

Nosso campo teve e tem tido forte influência de trabalhos que tratam das mediações cotidianas e da cultura popular, como as pesquisas de Jesús Martín-Barbero. A meu ver, os autores e conceitos trazidos por Ângela Marques atuam para aprofundar, ainda mais, o entendimento sobre a esfera das vivências cotidianas e coletivas, sobretudo quando se trata de observar diferenças sociais, de raça e de gênero.

Vale dizer que, em 2021, o programa de mestrado e doutorado em Comunicação Social da UFMG, em que Ângela é docente, criou a linha de pesquisa “Comunicação, territorialidades e vulnerabilidades”. Essa novidade é sintomática da importância dos temas trabalhados pela autora nos últimos anos.

⁹ Tema da tese *Cenas de dissenso, arranjos disposicionais e experiências insurgentes: processos comunicativos e políticos em torno da resistência de estudantes secundaristas*, de Francine Altheman, que recebeu o Prêmio Compós de Tese 2021. Trabalho orientado por Ângela C. S. Marques, no PPGCOM da UFMG.

A linha de pesquisa articula territorialidades e vulnerabilidades como dimensões comunicacionais ligadas aos enfrentamentos e dissensos políticos; às dinâmicas de formação de públicos e da opinião pública; às disputas políticas travadas nos territórios digitais, institucionais e corporais; aos fluxos estratégicos, éticos e afetivos que marcam experiências artísticas de exploração de paisagens, passagens e experimentações que produzem espacialidades e temporalidades de escuta, diálogo, conflito e articulações. [...] envolve as diferentes maneiras de investigar territorialidades e vulnerabilidades a partir de dinâmicas afetivas, políticas, corporais, sonoras, artísticas e institucionais. Explora-se o modo como territórios surgem a partir de dinâmicas comunicacionais de negociação, de exposição de vulnerabilidades, de hostilidade, mas também de hospitalidade, o que requer a construção conjunta de metodologias e tentativas de produção de interfaces entre agenciamentos, experiências e arranjos que expandem os limiares nos quais se aproximam a política, os afetos, as corporeidades, a arte e as institucionalidades (Área [...], [20--]).

Essas três categorias que identificam o contexto de produção de Ângela Marques e da mais recente linha de pesquisa da UFMG ajudam a pensar a formação de identidades e como nos colocamos no mundo: “A aparição dos corpos demarca territórios, exposições, vulnerabilidades e afetividades, associando ética, estética e política” (Martino; Marques, 2021a, p. 18). Entre as formas de observar a contribuição da autora para o campo da Comunicação, acredito que a relação entre a experiência estética, individual e coletiva e a política é central, especialmente para meus percursos de pesquisa. Isso condiz com a forma como Rancière (2009, p. 16), autor de des-

taque nos trabalhos de Marques, discute a partilha sensível, como “[...] quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce”.

Tomar parte, nesse caso, pode ser entendido no sentido de presença política: ser ouvido. E quando o autor (Rancière, 2009) fala da atividade que se exerce, podemos pensar como as desigualdades da sociedade atuam para impedir que determinados grupos sociais exerçam algumas atividades de prestígio, como pode ser observado, por exemplo, no menor número de homens e mulheres negras em cargos de liderança ou a percepção do impacto da maternidade na produtividade acadêmica das pesquisadoras, situação que, recentemente, passou a ser reconhecida e incluída no Currículo Lattes (CNPQ, 2021).

Ângela produziu estudos sobre as percepções dos corpos, mais especificamente das diferentes formas de vida e da quebra de padrões estéticos (no sentido de aparência), ao avaliar experiências que reivindicam reconhecimento frente à falta de representação midiática e preconceitos na sociedade. Em artigo recente, por exemplo, aborda como o corpo gordo de mulheres é representado em grupos brasileiros no *Facebook* (Martino; Marques, 2021a). Nesse sentido, dois autores se destacam em seus trabalhos: Judith Butler, principalmente com o conceito de vulnerabilidade, constantemente acionada para tratar das invisibilidades produzidas por normas e pela mídia para trabalhar a ideia de encontro com o outro e acolhimento (Marques; Martino, 2020, 2021; Martino; Marques, 2021b; Martino; Ama; Marques, 2021); e Michel Foucault, com a noção

de biopolítica (Marques; Martino, 2020; Martino; Ama; Marques, 2021).

Em análise dos referenciais teóricos dos recentes artigos de Ângela Marques, é possível perceber os principais autores de referência. Além dos já abordados (Adorno, Habermas, Rancière, Butler e Foucault), também são citados Gilles Deleuze (1925-1995), Emmanuel Lévinas (1906-1995), George Didi-Huberman e Jean-Luc Moriceau. A interseção entre esses autores a partir do olhar de Ângela também é comum, provocando diálogos entre conceitos de cada um (Marques; Prado, 2018; Marques, 2018; Marques; Souza, 2018a; Marques; Souza, 2018b; Martino; Ama; Marques, 2021).

Apesar da preferência por reflexões de autores europeus e norte-americanos, percebe-se que Ângela destina uma atenção especial aos latino-americanos, quando, por exemplo, estuda a situação de migrantes na região, para propor diferentes olhares, mais humanizados, para sua figura estigmatizada. É o caso de sua análise das imagens fotográficas de haitianos no Brasil feitas por Brunno Covello (Marques; Therrier, 2020) e sua reflexão sobre as temporalidades envolvidas na vulnerabilidade de migrantes cubanos, no intuito de compreender o sentido coletivo dado à migração ao longo do tempo e como ela transforma a relação com o espaço e a sociedade, sobretudo na construção da identidade (Marques; Hernández, 2021).

Seus trabalhos trazem muito das ações cotidianas, do olhar e da percepção, da condição ideológica e social estabelecida e como

resistir. Na América Latina, marcada por movimentos políticos, regimes totalitários, desigualdades, parece-me extremamente pertinente pensar esses atravessamentos, observar aquilo que nossos olhos nem percebem mais e ressignificar os processos comunicacionais da sociedade contemporânea a partir dessa perspectiva.

Já a ideia de temporalidades faz referência justamente aos diferentes “tempos”, não como horários fixos, mas momentos de vivência possíveis. Gosto de como Ângela Marques definiu o conceito em uma aula magna, *online*, proferida no canal do *Youtube* da Cásper Líbero:

Espaço e tempo, eles se conectam de formas diferentes para grupos de pessoas, para indivíduos. A temporalidade não é a mesma para os indivíduos. É isso também que caracteriza uma grande dificuldade para construir processos de comunicação, porque existe o tempo da vivência coletiva, mas existem também as temporalidades dos cotidianos atravessadas por inúmeras formas de poder, de violência, mas também de resistência (Faculdade Cásper Líbero, 2021).

Na mesma oportunidade, abordou o conceito de territorialidade ao mostrar que a noção de espaço não é só física, como política, ideológica e social, incluindo-se as diversas formas de “habitar” e “vivenciar” o espaço, por exemplo, quando nas lutas e resistências de movimentos sociais. Isso significa pensar não só o lugar físico, mas também o virtual de nossas experiências e reivindicações. O cotidiano é o fator-chave, nesse sentido, para entender as vivências em território, tempo e condição social.

Por isso, existem diversas formas de se pensar a territorialidade. Marques (Faculdade Cásper Líbero, 2021) sugere saídas no contexto de estudar a resistência de grupos, ou, como chama, (re) existências: pensar a territorialidade presente no que é dito e não dito, por meio das imagens, da escrita (remetendo às autoras Margaret Rago, Conceição Evaristo e Scholastique Mukasonga, sobre a experiência da escritura), pelo corpo e pelos afetos, que são os outros modos de ser, enfrentar e habitar o mundo etc. Muito influenciado pela ideia de heterotopias de Foucault, que, de forma resumida pela pesquisadora, seria a produção de espaços como utopias possíveis e localizáveis na vida das pessoas, isso pode ser até o “espaço” da troca de mensagens com seu/sua namorado/a, para se ter uma ideia (Faculdade Cásper Líbero, 2021).

A questão central das discussões de Ângela me parece ser sintetizada pela pergunta: quem é reconhecido e por quê? – tema de recente artigo de Martino e Marques (2010b). Os reconhecimentos abarcam uma estrutura desigual, hierárquica, de representações sociais, e que precisam ser pensadas para além de uma ideia de “perceber” o outro e não mudar sua condição. Por isso, importam muito as narrativas sobre o “outro” e como são construídas e expressas – seja na mídia convencional ou em formas alternativas, como grafites e apropriação das redes sociais.

É na condição de pensar os indivíduos e os grupos vulneráveis, desfavorecidos, que é possível ter maior dimensão da problemática do reconhecimento. Reconhecer não é pedir para saberem o que você é ou já foi, mas é se colocar em transformação. Reco-

nhecer é se colocar em afetação frente ao outro e afetar o outro (Martino; Marques, 2021b).

3 DIMENSÃO AFETIVA DO SER E DO FAZER PESQUISA

A noção de afetar se assemelha a se colocar em encontro com algo ou alguém. Na linha das pesquisas de Ângela, o afeto no sentido de afetação está presente desde o momento em que o pesquisador se expõe diante do fenômeno que investiga, até o movimento de ser transformado pela teoria e pelo objeto de sua pesquisa. Deixar-se afetar é uma potência para se ter novas percepções, fabulações, para quebrar concepções hegemônicas.

O afeto é conceito fortemente presente em diversos momentos da trajetória acadêmica de Ângela Marques. No sentido de afetar os sujeitos, a descrição de meus encontros com a pesquisadora, no início deste texto, é uma ilustração de como sua passagem na vida dos pares é transformadora. As sugestões relevantes da professora, juntamente com a sensação de acolhimento às temáticas dos colegas e de reconhecimento do outro, me fazem perceber como “afetar” e ser “afetada” são premissas da forma de ser e pesquisar.

O tema está presente em diversos projetos da autora. Podemos citar o livro *Afetos, teses e argumentos* (2021), organizado juntamente com Sônia Caldas Pessoa e Carlos Magno Camargos Mendonça, que surgiu de um curso oferecido na conferência *Afetos, teses e argumentos*, feito em parceria com Jean-Luc Moriceau, o qual reúne

11 capítulos sobre a virada afetiva das pesquisas acadêmicas. A virada afetiva se comunica com outros tipos de viradas, como as críticas decoloniais, as teorias feministas e o *queer*. A “virada” é crítica ao nosso modo de fazer Comunicação, ao nosso sistema capitalista e às formas de governar. Na obra, Ângela também foi responsável por traduzir, do francês, o primeiro capítulo, intitulado “Escritura e afetos”, originalmente elaborado por Jean-Luc Moriceau.

Algumas contribuições podem ser destacadas: pensar o pesquisador não como um observador distante, mas envolvido ética e politicamente em todo o processo das pesquisas, e, em geral, ultrapassar uma noção instrumentalista para pensar as Ciências Sociais e Humanas como lugar de incluir aspectos humanos. Na apresentação da obra, a explicação acerca do posicionamento afetivo do investigador descreve bem como vejo a atuação de Ângela Marques ao lidar com seus temas e seus companheiros professores e alunos.

[...] poderíamos mostrar como pesquisadores podem assumir o protagonismo de seu “aparecer” no texto acadêmico, evidenciando também suas vulnerabilidades enquanto potência para a abertura, o avizinhamento e o acolhimento de tantos “outros” que conosco compõem a trajetória e a posição ética, estética e política de “colocar-se em pesquisa” (Pesoa; Marques; Mendonça, 2021, p. 12).

Essa problematização da participação mais íntima dos acadêmicos nos textos é importante para pensarmos o campo da Comunicação, um tipo de “escrita comunicacional”, como denomina Barbosa (2020), visto que essa não é uma ciência “dura”, cujos cálculos podem chegar a conclusões de causa e efeito, como ocorre nas

áreas das Ciências Exatas e Biológicas. Por tratar do ser humano em sociedade, em sua complexidade, não poderia ser diferente que os estudos em Comunicação fossem afetados pelas percepções individuais de quem pesquisa, seu momento histórico, sua presença no mundo.

Como busco demonstrar, a afetividade nas pesquisas não é aspecto pontual de Ângela Marques. No capítulo “O enigma do outro: contribuições do pensamento de Emmanuel Lévinas para a pesquisa com afetos”, ao lado de outros pesquisadores, a autora faz referência a Emmanuel Lévinas (1906-1995), sobre um movimento de alteridade e transformação nas investigações:

A nosso ver é aí que talvez a perspectiva dos afetos possa trazer uma contribuição importante, seja para a sociabilidade humana, seja para a realização de pesquisas no campo das humanidades: os afetos ajudam a fabular um imaginário político no qual não é o “eu” que constitui o Outro, mas, ao contrário, o eu é constituído pelo enigma do rosto do outro (Marques *et al.*, 2021).

Esse constante “se colocar” no mundo de forma aberta às transformações, por meio das interações com o “outro” diferente de nós, parece-me ser a essência de uma troca dialógica, no sentido de diálogo transformador, que é fundamental para pensarmos a Comunicação Social. Ao desbancar a posição do cientista distante de seu objeto e colocá-lo em interação, acolhimento e vivência, é mais fácil que preconceitos sejam quebrados e que novos entendimentos surjam.

É perceptível, nos trabalhos da pesquisadora, a presença de filósofos franceses para tratar de dimensões sensíveis de vida e da pesquisa acadêmica, que levam a pensar as relações políticas na sociedade. Além dos já citados autores abordados pela autora, Jacques Derrida (Marques; Martino, 2021; Martino; Marques, 2021b) é acionado sobre noções de alteridade e acolhimento.

Outras obras a respeito do tema que Ângela Marques ajudou a produzir foram *AFETOS: pesquisas, reflexões e experiências em 4 encontros com Jean-Luc Moriceau* (2019) e *Afetos na pesquisa acadêmica* (2020), com tradução de exposições do mesmo pesquisador francês. São obras que vinculam a noção de comunicação com a experiência estética, no sentido de pensar as experiências vividas em relações sensíveis na sociedade.

São diversos livros, além dos já citados, em que Ângela Marques discute ou tangencia as relações sensíveis e cotidianas envolvidas na investigação científica. Entre eles, citam-se: *Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas* (2018), organizado por Marques; *Diálogos e dissidências: Michel Foucault e Jacques Rancière* (2019), organizado com Marco Aurélio Máximo Prado; *Ética, mídia e comunicação: relações sociais em um mundo conectado* (2018) e *Mídia, ética e esfera pública* (2016), junto a Luis Mauro Sá Martino¹⁰; *Comunicação e direitos humanos* (2019), organizado com Daniel Reis Silva e Fábila Lima; *Imagens e alteridades* (2019), com Frederico Vieira; *Apelos solidários: enunciação e visibilidade na fala política de vítimas em sites de redes sociais* (2017), com Angie Biondi.

10 Com quem produziu, e produz, diversos trabalhos, de artigos a livros.

Mais recentemente, seu último lançamento reforça a posição da importância da dimensão afetiva para o olhar da professora. Junto com Sá Martino, a autora publicou o livro *No caos da convivência: ideias práticas sobre a ideia de lidar com os outros*, obra que, a partir de diversos autores que conheceu conforme os anos em suas pesquisas científicas e em suas experiências de relacionamento como orientadora de trabalhos de alunos, traz reflexões e práticas do ramo acadêmico que podem contribuir para sabermos lidar com o outro, com as pessoas, mesmo que muito diferentes de nós, para que haja convivência e reconhecimento (Martino; Marques, 2020).

Encerro o texto, que tenta sintetizar a trajetória de Ângela Marques e minha admiração pela professora, com sugestões de leituras de obras da autora que enriquecem nosso repertório sobre seus trabalhos, e discussões amplas acerca da importância da dimensão sensível do fazer pesquisa em Comunicação, na esperança de que, assim como foi comigo, a pesquisa da autora também possa afetar os leitores e leitoras. São elas: Marques (2011); Cardoso Filho, Almeida e Campo (2020); Moriceau (2020); Pessoa, Marques e Mendonça (2019); Martino e Marques (2021B).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. de O. Desigualdade entre homens e mulheres marca a distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, ano 23, n. 311, jan. 2022.

ANGELA Cristina Salgueiro Marques. **Google Scholar**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?user=Iea0rV4AAAAJ&hl=en>. Acesso em: 02 dez. 2021.

ÁREA de Concentração e Linhas de Pesquisa. **PPGCOM UFMG**. Belo Horizonte, [20--]. Disponível em: <http://www.ppgcom.fafich.ufmg.br/arealin.php>. Acesso em: 19 jan. 2021.

BARBOSA, M. **Comunicação e método**: cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

CARDOSO FILHO, J.; ALMEIDA, G.; CAMPOS, D. **Políticas do sensível**: corpos e marcadores de diferença na Comunicação. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. CNPq anuncia inclusão do campo licença-maternidade no Currículo Lattes. **Gov.br.**, Brasília, 07 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/cnpq-anuncia-inclusao-do-campo-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes>. Acesso em: 14 set. 2022.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO. **14º Interprogramas Cáspes Pesquisa**. set. 2021, 1h 36min 7s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eMtTpM6TRDA&t=6s>. Acesso em: 19 jan. 2021.

LASSWELL, H. D. A estrutura e função da comunicação na sociedade. *In*: COHN, G. (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Nacional, 1978. p. 105-117.

MARQUES, Â. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 25-39, dez. 2011.

MARQUES, A. C. S. Habermas e Foucault: crítica social, ética e interações comunicativas. *In*: MATTOS, M. A.; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. (org.). **Metapesquisa em comunicação**: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018.

MARQUES, Â.; BIONDI, A. A vítima enunciada em redes: o dissenso como experiência estética. *In*: MENDONÇA, C. M. C.; DUARTE, E.; CARDOSO FILHO, J. (org.). **Comunicação e sensibilidade**: pistas metodológicas. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016. p. 165-188.

MARQUES, Â. C. S.; HERNÁNDEZ, E. Temporalidades migratórias na sociedade cubana: interações comunicativas e estruturas morais. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, [s. l.], v. 9, n. 17, jan./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/qt.2021.917.07>

MARQUES, Â. C. S.; MAFRA, L. M. Diálogo no contexto organizacional e lugares de estratégia, argumentação e resistência. **Organicom**, [s. l.], v. 10, n. 19, p. 72-84, 2013. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2013.139193

MARQUES, Â.; MAFRA, L. M.; MARTINO, L. M. S. Les Relations Publiques au carrefour des tensions démocratiques de reconnaissance et justice. **ESSACHESS - Journal for Communication Studies**, [s. l.], v. 14, p. 37-64, 2021.

MARQUES, Â. C. S.; MARTINO, L. M. S. Entre o digno e o precário: enquadramento biopolítico de mulheres em fotografias jornalísticas sobre o Programa Bolsa-Família. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [s. l.], v. 15, p. 33-60, 2020.

MARQUES, Â.; MARTINO, L. M. S. Comunicação e o enigma da alteridade. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAP-COM**, [s. l.], v. 5, p. 45-59, 2021.

MARQUES, Â.; MARTINO, L. M. S.; MORICEAU, J.-L.; VIEIRA, F.; HERNANDEZ, E. O enigma do outro: contribuições do pensamento de Emmanuel Lévinas para a pesquisa com afetos. *In*: PESSOA, S. C.; MARQUES, A. S.; MENDONÇA, C. M. (org.). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. p. 65-81.

MARQUES, A. C. S.; PRADO, M. A. (org.). **Diálogos e dissidências**: Michel Foucault e Jacques Rancière. Curitiba: Appris, 2018.

MARQUES, Â.; PRADO, M. A. M. (org.). **Pequena máquina anti-hierárquica**: entrevista sobre o método da cena Jacques Rancière. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

MARQUES, Â. C. S.; SOUZA, F. C. V. de. Ultraje do rosto: embates discursivos e reconhecimento da liderança feminina na Petrobras. **Organicom**, [s. l.], v. 13, n. 24, p. 56-69, 2016. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2016.139316

MARQUES, A. C. S.; SOUZA, F. C. V. A escuta do rosto nas imagens: aproximações entre Lévinas, Butler e Didi-Huberman. *In*: RIBEIRO JÚNIOR, N.; AGUIAR, D. V. B. de.; RIAL, G.; CARVALHO, F. R. de (org.). **Amor e justiça em Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2018a.

MARQUES, Â.; SOUZA, F. Politics and aesthetics in rancièrè and lévinas: scene of dissensus, face and constitution of the political subject. **Kriterion**, [s. l.], v. 59, p. 7-33, 2018b.

MARQUES, Â.; THERRIER, D. Figurações e legibilidades de migrantes haitianos em imagens fotográficas: dimensões estéticas e políticas da consideração da alteridade. *In*: BARROS, L. M. de; MARQUES, J. C.; MÉDOLA, A. S. (org.). **Produção de sentido na cultura midiaticizada**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2020. p. 221-242.

MARTINO, L. M. S.; AMA, V. P.; MARQUES, Â. Crossings of time and look in the journalistic image of precarious lives in “Cracolândia” (SP). **Brazilian Journalism Research**, [s. l.], v. 17, p. 452-487, 2021.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, Â. C. S. **No caos da convivência**: ideias práticas sobre a arte de lidar com os outros. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, Â. C. S. “Toda gordinha tem o direito de se vestir bem e estar na moda”: consumo, dissenso e insurgência em grupos sobre moda plus size no Facebook. **dobra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [s. l.], n. 33, p. 16–37, 2021a. DOI: 10.26563/dobras.i33.1427.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, Â. C. S. Reconhecer a vida e a experiência do outro: **E-COMPÓS**, Brasília, v. 24, p. 1-22, 2021b.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, Â. C. S. Lendo Habermas com Habermas: um estudo do prefácio de 1990 da obra Mudança estrutural da esfera pública. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, [s. l.], n. 14, p. 39-63, 2022. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_14_2

MORICEAU, J.-L. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

OLIVEIRA, D. B. de; BARROS, L. M. de. Podcasts no contexto da pandemia: apontamentos teóricos a partir de leituras sobre comunicação e experiência estética. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife. **Anais [...]**. Recife: Unicap, 2021.

PESSOA, S. C.; MARQUES, A. S.; MENDONÇA, C. M. C. (org.). **Afetos**: pesquisas, reflexões e experiências em quatro encontros com Jean-Luc Moriceau. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019.

PESSOA, S. C.; MARQUES, A. S.; MENDONÇA, C. M. C. (org.). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

PIERRO, B. de. Impacto além da academia. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 250, dez. 2016. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/impacto-alem-da-academia/>. Acesso em: 14 set. 2022.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: 34, 2009.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINHAS GERAIS. **Somos UFMG**: dados da trajetória acadêmica da professora Ângela Cristina Salgueiro Marques (produção intelectual, produção bibliográfica, orientações, especialidade, coautores, palavras-chave). Belo Horizonte: UFMG, 2022. Disponível em: <http://somos.ufmg.br/professor/angela-cristina-salgueiro-marques>. Acesso em: 15 set. 2022.



CAPÍTULO 6

DOS AFETOS ÀS DIALOGIAS SOCIAIS: TRAJETOS DE CREMILDA MEDINA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Everson Umada Monteiro

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma revisão bibliográfica da trajetória profissional e acadêmica de Cremilda Medina, jornalista, escritora e professora titular sênior da Universidade Estadual de São Paulo (USP), que, no decorrer de sua carreira, trouxe diversas contribuições para o campo da Comunicação. Com formação em Letras e Jornalismo, Medina acumula uma experiência de cinco décadas, com uma vasta produção científica acerca do papel do jornalista e da necessidade do diálogo social e da comunicação dos afetos para a superação dos reducionismos causados pelas práticas positivistas da profissão.

Em sua carreira acadêmica, Cremilda realizou diversos trabalhos e projetos laboratoriais no intuito de sensibilizar o estu-

dante de Jornalismo para atuar de maneira dialógica, complexa e interacional. Para a autora, o jornalista deve realizar seu trabalho baseado em uma perspectiva de mediador social, de modo que as notícias ou reportagens abarquem a pluralidade cultural existente, num relato que traga a essência humana em uma lógica que supere a objetividade e englobe a emoção e a essência da realidade apresentada.

Na perspectiva da autora, as técnicas usuais da narrativa não são capazes de relatar a complexidade dos conflitos sociais, pois não permitem que o jornalista “sinta” a realidade. Por isso, o olhar dialógico permite ao jornalista uma relação sem hierarquia entre entrevistador e entrevistado, que possibilita um diálogo afetuoso e que traz, como resultado, um relato realmente autoral (Medina, 2008).

A pesquisadora também chama a atenção para a necessidade de troca entre os saberes inter e transdisciplinares para o jornalismo. Afirma que a confluência do conhecimento científico e do campo comunicacional é importante para o intercâmbio epistemológico e para o reconhecimento dos problemas em comum das diferentes áreas. Embasada nessa perspectiva, a autora realizou projetos de pesquisa e oficinas pedagógicas no curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), que tiveram como resultado a publicação de uma série de livros que abordam a dialogia entre a comunicação e outras áreas do conhecimento científico (Medina, 2014).

A seguir, ressaltamos a trajetória acadêmica da autora de maneira mais aprofundada. O trabalho foi dividido em três partes. Inicialmente, é traçado o percurso da autora desde Portugal, seu país de origem, até suas vivências no *campus* da USP. Em seguida, são explorados os conceitos de dialogia social e de relações inter e transdisciplinares na prática jornalística, temas presentes em suas obras. Por fim, são abordadas algumas críticas e discussões da autora acerca da prática do jornalismo nas redações.

1 CAMINHOS PERCORRIDOS: DE PORTUGAL À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Nascida em 1942, na cidade de Vila Nova de Gaia, em Portugal, Cremilda Celeste de Araújo Medina veio para o Brasil ainda com 10 anos de idade, em 1953, instalando-se com sua família na cidade de Porto Alegre - RS. Em 1960, iniciou sua formação acadêmica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde cursou, simultaneamente, os cursos de Jornalismo e Letras Clássicas. Curiosamente, formou-se em Jornalismo na mesma data em que ocorreu o golpe militar de 1964 no país – dia 31 de março –, regime que a afastaria temporariamente de sua vida acadêmica nos anos seguintes. Nessa época, conheceu o Sinval Medina, colega que se tornou seu companheiro de vida (Winch, 2018; Medina, 2015).

Entre os anos de 1967 e 1970, Cremilda iniciou suas atividades como docente no curso de Jornalismo da UFRGS. Instiga-

da pela abertura do curso de pós-graduação em Comunicação da USP, o primeiro da América Latina, a pesquisadora muda-se para a cidade de São Paulo e ingressa na universidade como auxiliar de ensino, em 1971. Para ela, a oportunidade de pesquisar e construir conhecimentos novos fizeram com que a mudança para a capital paulistana fosse inevitável.

Em 1973, em parceria com Paulo Roberto Leandro, lança a obra *A arte de tecer o presente*, um estudo sobre a reportagem jornalística brasileira, em que a autora cria parâmetros para a leitura sobre as tendências dos principais jornais da época. O título foi retomado em uma segunda obra, em 2003, que não é uma reedição, mas, sim, uma nova perspectiva da reportagem embasada pelas epistemologias, a prática do diálogo social e o contato do jornalismo com o mundo das artes (Medina, 2014).

Na USP, Cremilda entra para o programa de pós-graduação da instituição e torna-se a primeira mestra em Ciências da Comunicação da América Latina, em 1975 (Winch, 2018; Medina, 2014). A dissertação, intitulada *A estrutura da mensagem jornalística*, resultou em uma de suas principais obras, considerada uma referência para os estudos em jornalismo. Com o título *Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial* (1988), o estudo traz uma das primeiras reflexões da autora sobre o jornalismo interpretativo, com discussões acerca do gênero notícia como produto de comunicação de massa e críticas às limitações que a perspectiva frankfurtiana acarretava no que se refere à formação profissional (Winch, 2018).

Em 1975, a comunicadora, juntamente a mais três colegas, acaba se afastando da universidade devido a perseguições do governo militar vigente. Durante o afastamento, Cremilda se dedica às atividades do jornalismo e inicia sua atuação como editora e repórter da editoria de artes e cultura do jornal *O Estado de S. Paulo*.

A vivência de 10 anos na prática profissional permitiu o convívio com artistas e escritores que faziam parte de movimentos sociais contra a censura e a repressão ocorridas na época, fato que possibilitou a conjugação das suas duas formações humanísticas e trouxe a perspectiva da dialogia social para a interpretação da reportagem (Medina, 2019). Segundo a autora, “[...] organizar – editar e narrar – o caos conflitivo das múltiplas vozes (polifonia) e dos múltiplos significados (polissemia) que o repórter (e/ou comunicador social) colhe na rua é um ato subversivo para os porta-vozes monológicos do poder” (Medina, 2014, p. 11).

A autora só regressa às atividades acadêmicas após a queda do governo militar, momento em que retoma as pesquisas na USP e inicia seu doutorado, em 1986. O retorno à vida acadêmica faz florescer a sua visão sobre a teoria e a prática da linguagem dialógica, tema frequente em suas atuações como escritora, pesquisadora e educadora. Mesmo com a aposentadoria em 2011, Medina permanece na instituição como professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes e continua com suas atividades acadêmicas e de pesquisa, permanecendo atuante no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa

de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM), ambos da USP.

2 A DIALOGIA SOCIAL E A INTER E TRANS-DISCIPLINARIDADE COMO PROPOSTAS DE COMUNICAÇÃO

A vivência como repórter e editora cultural e o aprofundamento das pesquisas sobre a dialogia social permitiram a Cremilda um amplo currículo nas pesquisas sobre a linguagem dialógica. Na tese doutoral, intitulada *Modo de ser, mo'dizer*, Cremilda trouxe narrativas baseadas em personagens que viviam no bairro de Higienópolis, em São Paulo, demonstrando como seus relatos se moviam no presente e, também, na história do bairro (Medina, 2014).

A tese deu origem ao livro *Entrevista: o diálogo possível* (1986), que trata da importância do contato e da observação da cena real de um fato, tanto para a produção simbólica como para a compreensão do personagem e de sua história (Medina, 1986). A obra traz uma série de observações sobre o modo de condução realizado nas entrevistas jornalísticas e critica o tratamento dado aos entrevistados e a suas falas, em razão da falta de empatia e sensibilidade.

Para a autora, a entrevista acaba por se tornar um importante ato comunicacional que permite a ligação de diferentes sujeitos e pontos de vista, de forma que somente por meio da dialogia social, da abertura do jornalista perante seu entrevistado, realizada de maneira profunda, é que se pode quebrar o isolamento social de

grupos e indivíduos marginalizados e possibilitar maior democracia e pluralidade de vozes na sociedade (Medina, 1986). Por isso, a pesquisadora aponta o jornalismo como um espaço possível para a pluralidade de ideias, uma vez que é na atuação dialógica da profissão que as múltiplas vozes da coletividade podem dialogar de maneira horizontal, eficaz e, ao mesmo tempo, complexa.

Outro tema bastante discutido pela autora está relacionado à perspectiva do profissional de comunicação no ato presencial. Na obra *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano* (2003), Medina discorre sobre como a vivência do profissional da realidade narrada possibilita uma superação da superficialidade das perspectivas e, consequentemente, contempla a dialogia social. A autora busca estimular os jornalistas em busca de narrativas que vão além dos manuais de redação e dos projetos técnico-formais, que engessam a narrativa.

Medina (2008, p. 109) afirma que a prática do diálogo do afeto, feita por contato e movimento, renova e cria uma narrativa “rigorosa, sutil e solidária”, resultando em uma “intervenção transformadora”. Isso ocorre porque, ao sentir o que o outro diz e comunica, o repórter consegue, empaticamente, compreender a percepção do entrevistado frente à sua história, o que traz uma maior imersão do jornalista na realidade narrada e possibilita ao leitor uma experiência profunda de sentidos.

Essa vertente de mediador social permite, assim, uma “linguagem humanizada”, que compreende as diferentes percepções de mundo e permite o partilhamento de novos olhares. “Se não

se acrescentar à excelência sociológica a arte de tecer os desejos coletivos e as sabedorias intuitivas, a rede de sentidos não atingirá o tom maior da generosidade” (Medina, 2003, p. 80). Com base nesse ponto de vista, a autora realizou laboratórios epistemológicos que influenciaram gerações de estudantes de comunicação e que deram origem à série *São Paulo de Perfil*.

Escrita entre os anos de 1980 e 1990, a coletânea possui 27 edições, com mais de 500 autores, em sua maioria, alunos de graduação. O projeto reafirmou a sua proposta de narrativa da contemporaneidade e possibilitou realizar observações sobre a preferência dos leitores por histórias humanizadas e que estejam presentes em uma narrativa sensível e poética (Medina, 2014).

Outra vertente defendida por Cremilda está na relação inter e transdisciplinar na mediação jornalística. A consideração dessa perspectiva nasceu das dificuldades encontradas pela autora ao atuar na mediação jornalística entre o conhecimento científico e a sociedade. Tal reflexão fez com que Cremilda tomasse a iniciativa da elaboração do 1º Seminário Inter e Transdisciplinar, em 1990. O evento reuniu 10 pesquisadores, de diferentes campos, e trouxe a discussão da transdisciplinaridade para a área. Como resultado, Medina criou a oficina pedagógica *Saber Plural e a Crise de Paradigma*, que deu fruto à série *Novo Pacto da Ciência*, com 11 publicações que reúnem seminários, artigos e reportagens-ensaio (Medina, 2014).

A coletânea reflete sobre o caráter plural decorrente das trocas de saberes entre as ciências consideradas “duras” e as “moles”,

além das relações entre ciência e arte. Para a autora, o diálogo do jornalista com outras áreas dá subsídios para interpretar o conhecimento. O contato entre diferentes domínios traz, assim, a percepção dos impasses em comum entre artistas, cientistas e filósofos, o que permite a formação de uma transdisciplinaridade.

Quando o grupo de díspares disciplinados flagra as contradições comportamentais da competição acadêmica e reconhece a visão de mundo perturbada diante dos espantos da contemporaneidade, fala mais alto o ato solidário, o laço da angústia do diferente (Medina, 2008, p. 99).

Medina (2018, p. 81) pontua que o projeto documenta uma trajetória acadêmica que possibilitou o encontro entre o conhecimento científico, saberes locais, sabedorias transcendentais e as expressões da arte:

Da química às neurociências, da paramatemática à educação, da física à sociologia ou da química à história, a quebra de paradigmas registrada nos anais do “Novo Pacto da Ciência” (ECA/USP, 1991) oferece sólidos e transdisciplinares alicerces para a comunicação social.

Desse modo, tal intercâmbio oferece novas abordagens, dialógicas e plurais, que desestabilizam os reducionismos encontrados em manuais de jornalismo.

3 CRÍTICAS À PRÁTICA DO JORNALISMO

Medina sempre foi crítica sobre as perspectivas do jornalismo existentes na imprensa brasileira. Para ela, a demanda social

necessita de uma mediação dialógica que supere as fórmulas reducionistas ditadas pelos manuais de jornalismo, pois a prática profissional que busca apenas fontes oficiais de fatos cria um relato simplista (Medina, 1996). Em sua obra *Povo e personagem* (1996), a autora afirma que a comunicação deve ser encarada como uma mediação dialógica, que atua com o mundo das ideias, do imaginário coletivo e dos comportamentos culturais. Tal perspectiva possibilita, portanto, a participação ativa dos protagonistas das ações no processo comunicacional, o que proporciona uma linguagem mediadora efetivamente social. Nesse cenário, o jornalista estabelece nexos com a realidade e traz a marca autoral para a narrativa.

Baseada na perspectiva de Buber (1878-1965), a autora propõe uma prática jornalista com base em uma relação Eu-Tu, em contraponto com a perspectiva Eu-Isto. Nesse sentido, a vida comunitária é importante na relação entre os indivíduos, em que a pessoa deixa-se impactar e se atravessar pela presença viva do outro, isto é, o diálogo ocorre em um clima no qual o outro não é visto como objeto, mas, sim, como sujeito (Buber, 1979, p. 8). Assim, a relação perpassa por uma tentativa de superação do distanciamento entre o jornalista e a fonte, o que traz a oportunidade de o entrevistador se aprofundar na realidade do outro.

Para a autora, o jornalismo deve ser baseado no afeto e na sensibilidade, de modo que a relação do jornalista com sua fonte parte da relação sujeito-sujeito (Medina, 2008). Em outras palavras, a mediação jornalística frente ao seu entrevistado perpassa por uma relação afetiva e aberta à percepção de mundo do outro, em um

diálogo horizontal, sem hierarquias e aberto aos saberes coletivos. Tal posicionamento visa realizar uma superação da consolidada lógica positivista do ensino do jornalismo, herdada da tradição dos Estados Unidos.

Para a autora, o positivismo ocasiona uma redução da sensibilidade do entrevistador com a fonte, por não contemplar toda a multiplicidade existente na vida. Como consequência, a narrativa acaba por não trazer a visão particular do autor, o que, segundo Medina (2008), não faz sentido para a prática jornalística, devido a ter como resultado um “texto frio”. A pesquisadora afirma que, ao encarar um fato como um momento passível de ser descrito em um esquema de pirâmide invertida, em um formato de *lead* e com padronizações, a narrativa acaba por não contemplar toda a complexidade factual, o que inibe o processo criativo (Medina, 2008).

De acordo com Medina (2003, 2008), o jornalismo brasileiro foi moldado com base no conhecimento científico do final do século XIX, respaldado pela perspectiva funcionalista; como resultado, temos um jornalismo que cultua a objetividade e as estruturas baseadas em técnicas precisas de como relatar o fato, e isso, segundo a autora, perpetua um *déficit* criativo histórico nas narrativas.

Tendo isso em vista, Medina critica os manuais de imprensa por estarem fixados nessa filosofia e, portanto, serem incapazes de dar conta da complexidade da realidade. Para sua superação, propõe um “jornalismo dos afetos”, que substitui a divulgação pela relação e possibilita uma formação de comunicador social atento ao

mundo e à visão do outro (Medina, 2008). Por isso, a ação comunicacional deve se alimentar em uma ética solidária, na técnica da partilha e na poética da afetividade, no intuito de ampliar o sentir do profissional perante as realidades relatadas.

Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir que é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade, por certos esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado (Medina, 2008, p. 30).

Cremilda chama a atenção, também, para as relações de forças contidas no processo de produção jornalístico, bem como nos fatos noticiados. Para a pesquisadora, emissora, grupos externos (econômicos, políticos, sociais e culturais), forças culturais e até o próprio comunicador interferem no processo, de modo que o comunicador deve atuar como um mediador social, com sensibilidade de compreender o outro em uma visão sutil e indiscreta, capaz de reconhecer a polifonia e a polissemia presentes no contexto socio-cultural (Medina, 1996).

Na mediação dialógica, o jornalista atua por um processo decifrador, cognoscivo, em que expressa uma cosmovisão e consegue administrar as interferências externas ao seu trabalho. Só assim, o comunicador é capaz de se afastar das narrativas monológicas e embasadas em técnicas que tornam os relatos superficiais (Medina, 1996). Dessa forma, o comunicador desempenhará um papel social importante na sociedade, ao contribuir com narrativas que contemplem toda a pluralidade existente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indispensável reafirmar a importância do diálogo social para a prática jornalística. Assim como afirma Medina (2008b), é somente pelo contato com o outro que se pode estimular a sensibilidade solidária do jornalista, inteligência que contribui tanto para a originalidade da narrativa quanto para o aperfeiçoamento das instituições e da cidadania.

Nesse sentido, as contribuições de Cremilda Medina para o campo comunicacional são indiscutíveis. Com uma vasta produção teórica sobre dialogia e afeto na profissão, a autora traz críticas condicentes sobre o papel e a formação do comunicador e destaca a importância de esse mediador social estar verdadeiramente comprometido com o diálogo social para a busca de uma comunicação democrática, que, conseqüentemente, produzirá uma narrativa que vá além das prerrogativas reducionistas dos modelos empregados pelos manuais de redação, que são estruturados com lógicas funcionalistas, assim como são incapazes de abordar toda a complexidade de nossa realidade latino-americana.

Ao término deste trabalho, destaco a minha experiência com a professora Cremilda Medina e exponho como seu trabalho exerceu grande influência para a construção de minha dissertação de mestrado (Monteiro, 2017). Tive o privilégio de ser aluno de Cremilda Medina no ano de 2016, na disciplina Narrativas da Contemporaneidade, de que participei por intermédio do Progra-

ma de Cooperação Acadêmica (PROCAD)¹ durante os anos em que realizei minha pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A vivência da disciplina me proporcionou novos olhares para a prática jornalística, numa abordagem em que a mediação social, a dialogia e a interdisciplinaridade possibilitam observar o que a comunicação social pode oferecer para o debate público sobre as diversas culturas existentes na sociedade.

Ao estudar a representação dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul em situações de conflitos de terras pelos principais cybermeios jornalísticos sul-mato-grossenses, tema de minha dissertação, as obras de Medina (1988, 1996, 2003, 2008) trouxeram uma perspectiva importante sobre a necessidade de aproximação do jornalista com a realidade narrada e como tal interação contribui para um relato mais humanizado e compreensivo, principalmente em populações marginalizadas historicamente, como no caso dos povos indígenas *kaiowá* e guarani.

Para a autora, a busca por uma maior sensibilidade às vivências do cotidiano permite ao jornalista trazer, em seu trabalho, a superação da superficialidade das situações sociais e a contemplação de uma narrativa mais plural e democrática (Medina, 2003). Nessa vertente, pude observar como a vivência do jornalista *in loco*

1 OPROCAD é um programa financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que possibilita o intercâmbio de alunos dos programas de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade Estadual de São Paulo (USP).

trouxe uma narrativa mais humanizada, demonstrando o quanto o contato e o diálogo aberto oferecem a oportunidade compreender o outro em sua plenitude.

Diante da contribuição de Cremilda Medina para os estudos e pesquisa em Comunicação, pode-se afirmar que seus esforços trouxeram um olhar mais aberto aos saberes plurais e interdisciplinares para o meu trabalho, bem como para todo o campo da Comunicação Social.

REFERÊNCIAS

BUBER, M. **Eu e tu**. 2. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

MEDINA, C. C. de A. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, C. C. de A. **Notícia**: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 6. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, C. C. de A. **Povo & personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MEDINA, C. C. de A. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C. C. de A. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008a.

MEDINA, C. C. de A. **Povo & Personagem**: sociedade, cultura e mito no romance latino-americano. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008b. v. 3.

MEDINA, C. C. de A. Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. **Tríade**, Sorocaba, v. 2, n. 4, p. 8-22, 2014.

MEDINA, C. C. de A. Memórias: virada dos anos. **In Texto**, Porto Alegre, n. 34, p. 770-781, set./dez. 2015.

MEDINA, C. C. de A. Da explicação pronta à compreensão incerta. **Folios**, [s. l.], v. 39, p. 77-87, 2018.

MEDINA, C. C. de A. Aos autores da narrativa da contemporaneidade. **REU**, Sorocaba, v. 45, n. 2, p. 463-473, dez. 2019.

MONTEIRO, E. U. **Os cibermeios e a representação dos povos indígenas kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul**: estudo de caso da retomada do território indígena YvyKatu. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.

WINCH, R. R. Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo. **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa v. 5, n. 2, p. 89-105, jul./dez. 2018.



CAPÍTULO 7

COMUNICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: MICHÈLE MATTELART E O PENSAMENTO COMUNICACIONAL LATINO-AMERICANO

Matheus Santiago Gonçalves

INTRODUÇÃO

“Quantas páginas de livros nas bibliotecas do mundo inteiro apagaram e silenciaram o papel das mulheres na história?”. Essa pergunta abre o livro *Lutadoras: história de mulheres que fizeram história*, organizado por Andrea D’Atri e Diana Assunção (D’Atri, 2018), que apresenta o perfil de 19 mulheres que lutaram pelos direitos das classes populares, mas raramente são lembradas pela historiografia. A reflexão sobre o tema da mulher na história tem crescido à medida que avança o debate sobre o seu papel em nossa sociedade. Por trás desse tipo de questionamento, existe a ação de diversos movimentos feministas e uma demanda social por uma humanidade mais justa (Pinsky; Pinsky, 2012) que tem estimulado pesquisadoras e pesquisadores a revisar a escrita da história e garantir a presença

de grupos que, por séculos, foram excluídos, como é o caso das mulheres.

Apesar do esforço, ainda é comum, ao estudar as principais transformações da história nas escolas e universidades ou por meio dos livros, os agentes serem fundamentalmente masculinos. Às mulheres, são reservadas as “notas de rodapé”. São eles os grandes heróis e senhores da História, enquanto as mulheres seguem invisíveis devido à ausência de registros.

O silêncio sobre o feminino não é por acaso, trata-se do resultado de um esforço muito antigo em nossa sociedade. Historicamente, as mulheres conviveram com a opressão masculina que, por meio das diversas religiões, dos sistemas políticos e dos manuais de comportamento, afastaram-nas do espaço público (Perrot, 2005). O ideal feminino esteve fundamentalmente atrelado à maternidade e à organização da casa, e, mesmo com a importância dessas atividades, elas foram subestimadas, preteridas pela História.

Evidentemente, nem todas as mulheres se adequaram ao espaço que o mundo lhes reservara. Com muita habilidade e engenhosidade, atravessaram as barreiras e ocuparam lugares predominantemente masculinos (Perrot, 2005). Mulheres como Cleópatra, Joana D’Arc, Elizabeth I, Marie Gouze, Frida Kahlo, Chiquinha Gonzaga, Lélia Gonzáles, Simone de Beauvoir, Angela Davis são algumas dentre tantas outras que atuaram no campo das artes, do conhecimento e da política, rompendo, dessa maneira, com o papel social que lhes era imposto. No entanto, ainda existe um longo

caminho a percorrer no avanço da memória que temos sobre as mulheres e o seu papel no desenvolvimento da História.

Michelle Perrot, historiadora francesa que se dedica ao estudo da História das mulheres, aponta para a carência de registros sobre elas, além do fato de que a maioria das fontes foi produzida por homens e, por consequência, vêm carregadas do imaginário masculino sobre o feminino. Justamente por isso, muitas descrições reforçam estereótipos preconceituosos sobre as mulheres, especialmente quando se trata daquelas que fugiam ao ideal de comportamento estabelecido por eles. Frágeis, tagarelas, vociferantes, histéricas, malucas e, até mesmo, libertinas são alguns dos adjetivos injuriosos que, historicamente, foram sendo atribuídos às mulheres, sobretudo àquelas que desafiavam a ordem instituída em suas épocas. Por esse motivo, a historiadora francesa aponta para a necessidade de trabalhos que analisem esses registros seriamente, refletindo sobre eles de forma crítica, em vez de reproduzi-los como absolutamente verdadeiros (Perrot, 2005).

Como resultado dessa “deficiência na memória”, nossa sociedade convive com a falta de precisão quanto à dimensão da participação das mulheres nas transformações que ocorreram no decorrer da História, mesmo que a importância de vários papéis desempenhados por elas seja inegável. Essa indeterminação acerca do papel feminino, infelizmente, não atinge apenas os grupos mais conservadores e retrógrados da nossa sociedade, mas também está presente nos seus segmentos mais contestadores. Ao observar a história dos diversos movimentos populares de trabalhadores socialis-

tas e anarquistas, é vasta a informação sobre Karl Marx, Friedrich Engels, Mikhail Bakunin, Lenin, Trotsky, entre outros. Mas quantos sabem quem foram Louise Michel, Rosa Luxemburgo, Natalia Sedova, Carmelia Jeria? No Brasil, quantas pessoas conhecem algo sobre Pagu? Entre as ações de todas as mulheres, é importante resgatar, particularmente, o papel daquelas com ação e pensamento revolucionários. Essas mulheres desafiaram a exploração do capital e a opressão do patriarcado, servindo de inspiração para o avanço na construção de um mundo mais justo, livre da exploração do ser humano pelo seu próximo (D'Atri, 2018).

Este texto traz o perfil de Michèle Mattelart, teórica da Comunicação que, além de pioneira em suas ideias, foi uma revolucionária, porque jamais abdicou de lutar pela transformação social na América Latina. Consciente do papel fundamental dos meios de comunicação na sociedade de massa, Michèle¹ fez parte do governo socialista da União Popular de Salvador Allende, atuando nos veículos estatais de comunicação, e sabia que refletir sobre o funcionamento das mídias era, sobretudo, refletir sobre a construção de uma sociedade menos exploradora de sua gente e menos desigual (Mattelart, 1982).

O desenvolvimento da Teoria da Comunicação na América Latina tem como um de seus componentes fundamentais a diver-

1 A opção pelo uso do primeiro nome, Michèle, em vez do sobrenome “Mattelart”, tem o intuito de ressaltar o gênero da pensadora. Especialmente no caso da pensadora francesa, a citação por meio do sobrenome remete à figura de seu companheiro, Armand Mattelart, gerando confusão e constituindo obstáculo no propósito de destacar a presença feminina no pensamento em Comunicação na América Latina.

cidade cultural do continente, que tanto contribuiu com a elaboração de suas ideias. Essa diversidade também é de gênero. Existem mulheres muito importantes que participaram da sua construção e que, contudo, são pouco lembradas pela Academia. Maria Cristina Gobbi (2021, p. 164), estudiosa do pensamento comunicacional latino-americano, ressalta a “falta de atenção à produção realizada por elas” e critica a ideia de “pais fundadores”, bastante difundida no continente, por reforçar o silenciamento feminino, reproduzindo a desigualdade de gênero de nossa sociedade no ambiente acadêmico. Essa situação tem mudado dentro do campo da pesquisa em comunicação, contudo lentamente. É com o intuito de dar voz ao pensamento comunicacional feminino, contribuindo para a reparação dessa injustiça, que este texto foi escrito.

Michèle Mattelart é uma figura ímpar no desenvolvimento do pensamento comunicacional latino-americano. Nascida na França, mudou-se para o Chile na década de 1960, vivendo no continente por aproximadamente 10 anos até ser deportada pelo governo ditatorial do general Augusto Pinochet, em 1973. Além das obras escritas com seu companheiro Armand, ela produziu alguns trabalhos sozinha, e com sua colega de pesquisas Mabel Piccini, que marcaram o pensamento comunicacional no continente, trabalhando, de forma pioneira, temas como recepção e a relação entre gênero e comunicação (Heram; Gándara, 2020).

Este texto busca apresentar uma síntese do seu pensamento, delineando as etapas principais e alguns temas fundamentais do seu trabalho. Além disso, ressaltar o caráter revolucionário de sua obra,

decorrente de seu olhar atento para as classes populares e do seu pensamento crítico apoiado em bases teóricas marxistas que denunciavam as mazelas produzidas pelo sistema capitalista em nossa sociedade.

Divulgar a trajetória de Michèle tem uma importância dupla: destacar a participação dessa pesquisadora no desenvolvimento da comunicação na América Latina, contribuindo para o registro da participação das mulheres dentro do campo, e refletir, a partir de seu exemplo, sobre o papel do pensamento crítico para o pesquisador da comunicação na atualidade, com o intuito de contribuir, de alguma maneira, para o debate sobre o papel da comunicação na construção de uma sociedade mais justa.

A elaboração desse perfil está dividida em três partes. A primeira traz um breve relato sobre o contexto do desenvolvimento da pesquisa em comunicação na América Latina. Assim como acontece com outros pesquisadores, algumas das características do pensamento de Michèle são decorrentes dos elementos que constituíram o ambiente de concepção da Teoria da Comunicação no continente, sendo fundamental a sua apresentação para a compreensão do pensamento da autora. A segunda parte dedica-se a elaborar um perfil de Michèle e sua obra, destacando alguns aspectos de sua biografia, suas principais produções e os temas que as nortearam. Na parte final, uma conclusão que reflete sobre a importância da obra de Michèle para pensar e fazer comunicação na atualidade. Apesar de iniciada há mais de 50 anos, a produção de Michèle contém questões importantes para a nossa sociedade e pode contribuir mui-

to para a formação e o trabalho dos comunicadores e pesquisadores da comunicação no presente².

1 AMBIENTE DE PRODUÇÃO DA TEORIA DA COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Existem muitos estudos que tratam do desenvolvimento da pesquisa em Comunicação na América Latina e, de modo geral, todos eles atribuem o seu início às décadas de 1960 e 1970³. Evidentemente, existiram reflexões sobre o tema da comunicação antes dessas datas, porém tais trabalhos eram produzidos de maneira dispersa, tratando de alguns textos sobre a atividade jornalística e sua relação com a liberdade de expressão e a democracia, de modo que não possuíam unidade temática ou teórica nem experimentaram o trânsito de ideias que foi característico da produção da segunda metade do século XX (Berger, 2015). Nesse período, a produção tornou-se mais regular, fomentada por institutos nacionais e internacionais, e adquiriu maior unidade teórica. Uma perspectiva difu-

2 Para a elaboração desse perfil sobre Michèle Mattelart, foram utilizadas análises de outros autores, além de entrevistas e algumas obras de Michèle. Existe uma dificuldade enorme, no Brasil, de acessar os trabalhos mais antigos da autora, devido à falta de edições. Essa situação aponta um problema que envolve a dificuldade de encontrar títulos mais antigos sobre Teoria da Comunicação com edições atualizadas no país, visto que o mesmo acontece com outras autoras e autores, especialmente latino-americanos. Contudo, uma análise mais apurada sobre o assunto seria necessária para se chegar a conclusões menos precipitadas e, por isso, mais precisas.

3 Luis Ramiro Beltrán, Raul Fuentes Navarro, José Marques de Melo são alguns entre tantos outros pesquisadores que tratam do desenvolvimento da Teoria da Comunicação na América Latina.

sionista acerca da comunicação orientou a maioria dos trabalhos, e, baseada em conceitos marxistas, a crítica política e social tornou-se um componente muito importante de seus trabalhos (Berger, 2015).

O ano de 1959 pode ser considerado marco importante para entender o processo de desenvolvimento dos estudos de comunicação na América Latina, haja vista que, nessa data, ocorreram dois acontecimentos que marcariam profundamente a produção científica da área. O primeiro deles foi a criação do *Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina* (CIESPAL)⁴, instituição que estimulou a produção acadêmica, a formação de profissionais da área e o intercâmbio entre os pesquisadores dos diferentes países ao redor do continente, naquela época⁵. O segundo foi a Revolução Cubana, que instituiu um governo socialista no pequeno país insular do Caribe, fato que marcaria a geopolítica do continente, afetando o contexto político-social de diversos países e, conseqüentemente, a produção científica do continente como um todo.

4 Atualmente chamado *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina*.

5 Posteriormente, surgiriam outros institutos que também foram importantes para o desenvolvimento da produção teórica em Comunicação no continente. Ao reconstituir o percurso na América Latina, Maria Cristina Gobbi (2021, p. 162) cita alguns exemplos, tais como: o Instituto de Ciências da Informação no Brasil (Icinform) em 1963; o *Centro de Estudios de la Realidad Nacional* (Ceren) em 1969, no Chile; o *Consejo Nacional para Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación* (Coneicc) no México, em 1976; a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intecom) no Brasil, em 1977; e a *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (Alaic) em 1978.

A conjuntura econômica da segunda metade do século XX foi marcada pela expansão do capital por meio de empresas multinacionais, em congruência com o desenvolvimento da globalização. As alterações no sistema de produção associadas ao toyotismo expandiram o número dos lugares que compunham as linhas de produção e abasteciam os mercados ao redor do mundo (Harvey, 2001). Na América Latina, isso significou o aumento da industrialização e, por conseguinte, da urbanização. Mesmo que lentamente, e sucedendo de maneira irregular nos diferentes países e suas regiões, esse era um processo em curso que aumentou a circulação de mercadorias e a presença de empresas estrangeiras no continente.

A consolidação de uma sociedade de massa no continente trouxe consigo a necessidade de implantação e aprimoramento dos veículos de comunicação que ainda eram precários na maioria das regiões latino-americanas. Essa demanda por mais qualidade foi estimuladora do desenvolvimento das atividades de comunicação no continente. As buscas pelo melhoramento das práticas e produções no rádio e, principalmente, na televisão motivaram o interesse pela área. Para os governos e entidades internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a modernização dos meios de comunicação era uma forma de avançar com o desenvolvimento da sociedade e com a sua cidadania. Além disso, estava alinhada ao interesse econômico das grandes empresas estrangeiras que adentravam a região.

Para favorecer o desenvolvimento das atividades relacionadas à comunicação no continente, foi criado o CIESPAL.

O Ciespal foi fundado em 9 de outubro de 1959, na cidade de Quito, Equador. Tratou-se de uma iniciativa do governo equatoriano, da UNESCO e da *Organización de los Estados Americanos* (OEA), para abrigar as necessidades de criar centros destinados a desenvolver atividades de ensino, privilegiando a formação de profissionais para atuar nas indústrias culturais da região, inicialmente na área de jornalismo (Gobbi, 2021, p. 166).

Como é possível observar, a criação do CIESPAL possuía o objetivo principal de preparação dos profissionais da área de comunicação para servir ao propósito de inserção dos países latino-americanos no capitalismo global. Entretanto, ao criar canais de produção e difusão de conhecimentos, o instituto se tornava cada vez mais orgânico, afastando-se dos interesses internacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e adotando uma postura mais regionalista e crítica do imperialismo cultural exercido pelas grandes potências no continente por meio dos seus governos, das grandes empresas e, até mesmo, de órgãos internacionais, como é o caso da própria ONU (Navarro, 2015).

Os outros institutos que foram criados posteriormente seguiram o mesmo caminho, utilizando cada vez mais pesquisadores e professores nacionais em seus trabalhos e assumindo uma postura bastante crítica quanto ao papel da comunicação na sociedade e à concepção de progresso oriunda das grandes potências. A Teoria da Dependência constituiria fundamento para os intelectuais que apontavam como causas dos problemas sociais latino-americanos

não o seu atraso tecnológico, mas as relações desiguais de exploração que ocorriam dentro do capitalismo global. Apesar dessa “mudança subversiva” no interior dos institutos, é impossível pensar a produção de Teoria da Comunicação sem ressaltar o seu papel, já que eles foram o ambiente de florescimento da pesquisa em Comunicação na América Latina.

Outro componente fundamental da composição dos anos 1960 e 1970 no continente latino-americano e que afetou a sua produção intelectual como um todo foi a Guerra Fria. O conflito ideológico entre as potências dos EUA capitalista e da URSS socialista abalou governos por todo o mundo, e, na América Latina, não foi diferente. Com um passado de exploração colonial por parte das nações europeias e um presente marcado por graves problemas sociais, o território foi palco da ascensão de grupos de esquerda alinhados, em alguma medida, ao socialismo soviético, e o ideário marxista estava presente no pensamento social que era produzido nos países. Por outro lado, as elites conservadoras detinham a riqueza e o poder e, cooptadas pelos EUA, mantinham o continente unido ao bloco capitalista.

Foi a Revolução Cubana de 1959 que desestruturou radicalmente essa forma de equilíbrio. O movimento liderado por Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara serviu de inspiração em todo o continente, animando a esperança daqueles que sonhavam com a superação dos problemas sociais pela via socialista. Seu impacto sobre a produção científica foi o aumento da aproximação dos intelectuais em relação às ideias marxistas. Nos estudos da Comu-

nicação, não foi diferente. Christa Berger (2015, p. 245) comenta a atuação do *Centro de Estudios de la Realidad Nacional* (CEREN) no Chile:

[...] este centro terá uma importância fundamental na região por realizar pesquisas sobre o domínio das multinacionais na comunicação latino-americana, desde uma perspectiva marxista, introduzindo conceitos como ideologia, relações de poder, conflitos de classe.

A comunicação passa a ser pensada sob o conceito marxista de hegemonia e, dessa forma, assume um papel político. Em outro trecho do texto citado, Berger (2015, p. 247) acrescenta: “[...] a efervescência libertadora que tomou conta do continente (não de forma homogênea, é claro) passava tanto pelas propostas dos movimentos guerrilheiros como pelas revisões do que se entendia por cultura, educação, vida política”. A revisão feita por muitos estudiosos e, citada pela autora, teve como consequência a produção de estudos que pensavam a comunicação a partir das mídias como uma ferramenta de manutenção da dominação das massas. Alguns nomes que se tornaram referência nesse período são Armand Mattelart e Mabel Piccini no Chile, Matilde Perez Palacios no Peru, Antonio Pasquali e Marta Colomina de Rivera na Venezuela, Luis Ramiro Beltrán na Colômbia, Eliseo Verón na Argentina, e Paulo Freire no Brasil, entre tantos outros.

A trajetória de Michèle Matellart esteve intimamente ligada a esse movimento da produção de pesquisa em Comunicação no continente latino-americano, de modo que seus trabalhos também

foram influenciados pelo contexto descrito anteriormente. Seus primeiros escritos datam da década de 1960 e foram produzidos no Chile, país que experimentava intensas mobilizações populares e viria a ser pioneiro na região por eleger democraticamente um governante socialista. A reflexão sobre a cultura e os meios de comunicação de massa a partir de uma perspectiva crítica, acusando o imperialismo das grandes potências mundiais presentes na produção dos intelectuais do período, também constituiu umas das marcas do seu pensamento.

2 MICHÈLE MATTELART: “UMA INTELLECTUAL LUTADORA”

Michèle Mattelart nasceu em 1941, na cidade de Plérin, interior da França. Na juventude, foi estudar Literatura Comparada na Universidade de Sorbonne, em Paris, e, ali, na Cidade Internacional Universitária, conheceu Armand, jovem pesquisador belga com quem viria a se casar. Isso foi no ano de 1962, data na qual Armand estava comprometido com um cargo na Universidade Católica do Chile, em Santiago. Michèle permaneceu em Paris para concluir seus estudos; após um ano, em 1963, os dois se casaram e, juntos, mudaram-se para o país latino-americano.

Em Santiago, Michèle lecionou em um colégio ligado à Aliança Francesa, porém logo começou a dar aulas de Literatura Francesa na Universidade Católica do Chile. Em 1967, juntamente com seu companheiro Armand e a pesquisadora argentina Mabel

Piccini, inaugura um grupo de estudos sobre ideologia, cultura e sociedade de massas no *Centro de Estudios de la Realidad Social* (CEREN), uma unidade acadêmica ligada à Universidade Católica do Chile que tinha por objetivo desenvolver investigações interdisciplinares e críticas acerca da sociedade chilena. Ali teria os primeiros contatos com o estudo da mulher, temática que acompanharia toda a sua trajetória.

Com a ascensão de Salvador Allende ao governo chileno em 1970, a “via chilena para o socialismo”, Michèle participou como colaboradora na *Empresa Editora Nacional Quimantú*, atuando na redação da revista *Onda*, uma publicação quinzenal de variedades para o público jovem. Também integrou o departamento de roteiro da *Televisión Nacional de Chile*, rede pública pertencente ao governo do país. Sobre esse período, Michèle comenta que surgiram algumas questões que refletiriam em seus trabalhos posteriormente.

A tarefa de produzir conteúdo engajado com a mudança da sociedade, a partir da transição democrática para o socialismo, esbarrava nas dificuldades de aceitação por parte das classes populares, adeptas dos veículos hegemônicos burgueses. Essa experiência permitiu à intelectual francesa repensar as teorias que fundamentavam sua compreensão acerca do fenômeno da comunicação. A abordagem difusionista baseada nas ideias marxistas e no conceito de indústria cultural atribuía ao receptor um caráter demasiadamente passivo que não condizia com a realidade enfrentada nos poucos anos em que trabalhou na rede estatal (Kaplún, 2020).

Com o golpe de Estado de Augusto Pinochet em 1973, Michèle e seu esposo Armand foram deportados do Chile e retornaram à Europa. Foi um momento doloroso para a comunicóloga, que, ao lembrar o ocorrido, comenta sobre a ampliação da ideia de exílio, se referindo à dor de “deixar um lugar que não se nasceu” (Escosteguy, 2020, p. 74). O Chile era a terra em que nasceram seus dois filhos, e, além disso, no tempo em que viveu em Santiago, o casal participou ativamente da cultura e transformações ocorridas no país.

De volta à Europa, a trajetória vivida em uma década no Chile viria a acompanhar suas reflexões. A experiência no país latino-americano com os estudos sobre as classes populares transformaria suas bases teóricas, seja do estruturalismo de Roland Barthes, seja da teoria crítica da Escola de Frankfurt. A reflexão sobre os conceitos de classe, cultura e recepção permitiu uma espécie de avanço em seu pensamento; para muitos teóricos, uma ruptura; segundo a própria autora, uma continuidade, visto que os problemas seguiam os mesmos, a saber, uma forma de pensar criticamente a cultura e o papel da comunicação nos processos de dominação e emancipação dos povos (Kaplún, 2020). Nesse período, atuou profissionalmente lecionando em diversas universidades na Europa e em outros continentes, além de participar do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) da França.

Ao Chile retornou apenas em 1991, dois meses após ter sido retirada a sua proibição de entrar no país. Para Michèle, a visita foi uma experiência triste. Ao jornal equatoriano *El Telégrafo*, teria dito,

em uma entrevista sobre o assunto, que “[...] já não era o Chile que havíamos conhecido. O povo já não tinha voz, era uma nação que tinha sobre si um céu cinzento. Muita gente havia morrido e tudo estava diferente” (Fonseca, 2016).

É difícil mensurar o tamanho da obra de Michèle na América Latina. Seu trabalho se mistura ao de Armand, já que muitos de seus textos foram escritos a quatro mãos. Nesses casos, geralmente, cabe a ela a posição de coautora, coadjuvante, algo que não lhe incomodava (Fonseca, 2016), mas que diz muito sobre o caminho a se percorrer em busca da igualdade no ambiente das universidades. Seu lugar entre os principais pensadores da Comunicação é, contudo, incontestável. Michèle recebeu diversos prêmios⁶ e títulos, como Doutorado Honoris Causa pela Universidade de Málaga (2014, Espanha) e Universidade de Valladolid (2016, Espanha); homenagem na IX Bienal Interamericana de Comunicación (2013, Chile), entre tantas outras (Heram; Gándara, 2020, p. 56). Além disso, seus trabalhos sem Armand também constam entre os mais citados do continente, sendo a única mulher na lista dos 15 autores mais referidos (Navarro, 2020).

A investigação da obra de Michèle Mattelart permite a identificação de três etapas fundamentais (Heram; Gándara, 2020, p. 55). A primeira trata dos 10 anos de permanência da pesquisadora no Chile, entre 1963 e 1973. Essa época foi marcada pelos estudos do CEREN sobre as classes populares chilenas, particularmente as

6 Os prêmios citados nesse parágrafo foram recebidos juntamente com seu esposo Armand.

mulheres. Também foi o período em que Michèle trabalhou nos veículos de comunicação estatais do governo Allende. Algumas das obras escritas por Michèle nesse período foram: *La mujer chilena en una nueva sociedad* (1968), escrita juntamente com Armand; *El nivel mítico de la prensa pseudo amorosa* (1968); *Apuntes sobre lo moderno: una manera de leer el magazine* (1971); *Comunicación y cultura: la televisión y los sectores populares* (1974), escrita com Mabel Piccini; e *La prensa burguesa ¿No será más que un tigre de papel? Los medios de comunicación de la oposición durante la crisis de octubre de 1972* (1973), também escrita com Mabel Piccini.

A segunda etapa ocorreu em seu retorno à Europa, entre os anos de 1974 e meados dos anos 80. Foi um período de reflexão sobre a experiência chilena. A participação na produção de comunicação em um governo que buscava a transição socialista impactaria bastante os seus trabalhos. Algumas bases teóricas da autora, como o Estruturalismo e a Teoria Crítica, foram reorganizados, e suas definições acerca do processo de comunicação transformadas. Destacam-se as produções: *Cuandolas mujeres de la burguesia sellen a la calle* (1975), *La cultura de la opresión femenina* (1977) e *Mujeres y industrias culturales* (1982).

Por último, a terceira etapa, que reflete sobre a comunicação confrontando o pensamento acumulado em sua trajetória com as novas teorias decorrentes das rupturas epistemológicas que marcaram os anos 80. O principal trabalho dessa fase é *Pensar los medios: comunicación y critica social* (1987). Nesse livro, Michèle, juntamente com Armand, discutem permanências e rupturas no campo da Co-

municação diante dos novos paradigmas epistemológicos do pensamento contemporâneo, bastante ligado ao pós-modernismo. Suas reflexões sobre a comunicação destacam o papel da interdisciplinaridade para o avanço dos estudos acerca das mídias e confrontam as perspectivas de análise que partem de concepções lineares, relacionadas ao marxismo e sua compreensão sobre a revolução com aquelas chamadas não lineares, ligadas ao pensamento pós-moderno. O resultado é a defesa de uma postura madura que tensiona os paradigmas diante dessa nova conjuntura.

A análise minuciosa de cada período constitui um trabalho bastante rico, mas que extrapola as limitações propostas por este texto, cujo objetivo é introduzir o estudante ao pensamento da autora. Por isso, o recorte de análise escolhido busca apresentar três temas fundamentais presentes na obra de Michèle. Trata-se dos conceitos de “transformação social”, “mulher” e “recepção” (Heram; Gándara, 2021).

Inserida no contexto latino-americano de crítica ao imperialismo, Michèle reflete sobre a construção das concepções de desenvolvimento e modernização que nortearam os debates econômico-políticos sobre transformação social. Naquela época, tais ideias constituíram pilares que orientavam as ações governamentais na busca pelo progresso, mas, na realidade, contribuíam para a manutenção da condição de dependência e exploração dos territórios. Um exemplo dessa contradição era a abertura dada pelos países latino-americanos às empresas estrangeiras que produziam uma riqueza que não era percebida pela maioria da população. Para

Michèle (*apud* Heram; Gándara, 2020, p. 58), “[...] a modernidade e suas promessas de bem-estar se tornaram a ideologia do novo imperialismo e de uma nova burguesia”. Na prática, essa forma colonizadora de desenvolvimento reafirmava as visões eurocêntricas sobre a América Latina e escondia os interesses exploratórios das grandes potências que contavam com a conivência dos governos e das elites locais.

Os meios de comunicação constituíam um importante instrumento de organização dessa forma de pensar a realidade latino-americana, atuando nos momentos em que as classes populares se afastavam dessa ideologia, questionando, reivindicando e forçando um debate crítico sobre suas ideias.

Em *La Prensa Burguesa, ¿No Será más que un Tígre de Papel? Los Medios de Comunicación de la Oposición Durante la Crisis de Octubre de 1972* (Mattelart; Piccini, 1973), artigo escrito em conjunto com Mabel Piccini, a tese central é que em momentos de crise ou intensificação da luta de classes a mídia abandona seus princípios: objetividade, transparência informacional, independência de poderes, representação da opinião pública (Heram; Gándara, 2020, p. 59).

De acordo com o trecho transcrito de Yamila Heran e Santiago Gándara, o estudo sobre o papel da imprensa, no período dos golpes militares que ocorreram nos países do Cone Sul, evidencia o modo como a mídia da época atuou deixando de lado seus princípios éticos de trabalho, para assumir uma postura parcial e subserviente aos interesses dos grupos estrangeiros, especialmente dos EUA, além de suas elites conservadoras.

Afastando-se dessa concepção de desenvolvimento, mas comprometida com a transformação social, Michèle discute, em sua obra, o papel da cultura e da comunicação na transição socialista (Navarro, 2020). Seu pensamento parte do ideário marxista, da concepção de luta de classes como motor da história, porém a experiência vivida no governo socialista de Allende contribuiu para a reorganização de suas ideias. Ao refletir sobre o assunto, em entrevista ao educador Mario Kaplún (2020, p. 36), a própria Michèle diz:

Ela muda – e muda profundamente – a forma de abordar não só a comunicação de massa, mas também a cultura popular. Porque aquela cultura política que se apoia apenas na noção de classe, parte de uma representação redutora do popular, de uma matriz racional e iluminista que a leva a traçar um perfil heroico dessa classe trabalhadora. Para ela, o emblema do popular é a classe trabalhadora, inserida no mundo da produção e dotada de uma capacidade ilimitada de dedicação e luta. Enquanto isso, a visão do movimento se articula com outra representação do popular: uma representação mais ampla, que transborda o mundo da produção e que não se esgota na dimensão do racional e naquela visão do trabalhador-produtor heroico, mas que está ligado a todo esse outro mundo da vida cotidiana das pessoas que incorpora a vertente do sensível, do afetivo, do sentir. Aí vejo a mudança na abordagem da comunicação e da cultura: o povo já não é visto apenas no sentido de classe, de classe de vanguarda da História. É um povo mais assumido nas suas múltiplas facetas, o que o enriquece com uma caracterização muito mais complexa e cotidiana da noção de popular.

O amadurecimento e a ampliação da concepção marxista de classe, ao tratar da transformação social, revelam um importante exercício de autocritica em relação à própria trajetória e, também, ao movimento socialista na América Latina. Em muitos momentos, a fidelidade irrefletida aos conceitos de Marx atrapalhou a leitura produzida pela esquerda acerca das contradições sociais vividas no continente, sobretudo no que se refere aos agentes e caminhos para a revolução. Ao submeter o conceito à realidade concreta com que se defronta, Michèle apropria-se do materialismo dialético e, dessa forma, avança na reflexão sobre os caminhos possíveis para a transformação da sociedade.

Outra temática fundamental na obra da intelectual francesa, a investigação sobre a mulher figura nos trabalhos de Michèle desde os seus primeiros estudos sociais no CEREN, de modo que a pesquisadora é considerada pioneira nas pesquisas que relacionam gênero e comunicação no continente. Duas ideias gerais caracterizam sua produção sobre o assunto. A primeira é sobre o lugar estratégico ocupado pela mulher na manutenção da ideologia imperialista que predomina sobre a cultura latino-americana, logo, a multiplicidade de produtos das mídias destinados ao público feminino.

[...] as mulheres estão destinadas, em virtude de uma combinação de mecanismos ideológicos e culturais, a cumprir “uma função reguladora” na sociedade e a ser “o eixo do consumo e agente determinante da socialização das crianças, responsável por transmitir códigos de autoridade, assimilar as imagens e os pa-

péis masculinos e femininos estabelecidos”. Por isso, as mulheres – destaca a autora – estão no centro de uma estratégia de ação dos meios. Nesse sentido, a análise de fotonovelas e revistas ilustradas revela-se uma forma privilegiada de abordar um sistema de significados, estereótipos, operações ideológicas ou mitificantes (Heram; Gándara, 2020, p. 60).

Por exercerem o papel de cuidar do lar e dos filhos, as mulheres estão mais presentes em casa. Por isso, atribui-se à mulher maior responsabilidade sobre a educação das crianças. Suas concepções de mundo são mais difundidas no ambiente familiar e, portanto, o controle sobre elas é tão importante no esforço pelo controle da sociedade como um todo.

A segunda ideia provém da noção de mitologias, de Roland Barthes. Trata-se da difusão de um ideal feminino que é movido pela ordem do coração. Decorre disso a formação de diversos estereótipos sobre a mulher que a afastam do mundo material, perpetuando a imagem da figura inocente e sonhadora que só será completa se viver um amor verdadeiro. Ao reiterar a figura de um feminino universal, que é caracterizado pelo domínio das emoções, os veículos de comunicação ignoram outros componentes que compõem os interesses das mulheres, como sua posição de classes, por exemplo. A propagação dessa concepção mitológica acerca da mulher é identificada nos protestos das mulheres burguesas contra o governo de Salvador Allende. Apesar das críticas com relação à economia-política, o ideal feminino difundido funcionou como estimulador da organização das mulheres, que também se fundamentava em valores familiares conservadores (Heram; Gándara, 2020).

Vale ressaltar que algumas dessas ideias surgiram em obras de coautoria de Michèle com seu companheiro Armand Mattelart e com a socióloga argentina Mabel Piccini, sendo que, depois, seguiram em sua trajetória individual. O pioneirismo desses trabalhos extrapola a simples escolha da mulher como objeto de estudo, mas diz respeito também à abordagem que se faz acerca do feminino, identificando na mulher um sujeito complexo, participante da história e agente importante nos processos de manutenção e transformação sociais (Escosteguy, 2020).

Por fim, o tema da recepção. Os primeiros trabalhos de Michèle buscavam uma análise da cultura e da sociedade chilenas a partir da observação dos veículos de comunicação. Essas pesquisas estavam muito vinculadas à compreensão difusionista acerca do fenômeno comunicação tão em alta nos trabalhos latino-americanos daquele período. A desconfiança quanto à capacidade desse ideário de abarcar positivamente o fenômeno da comunicação começou a partir da sua participação no governo socialista de Salvador Allende, mais especificamente em seu trabalho na redação da revista *Onda* e no departamento de roteiro da Televisión Nacional de Chile. As dificuldades de adesão do público em relação aos “conteúdos libertários”, ou seja, comprometidos com a emancipação da população por meio do seu desenvolvimento crítico, chamaram a atenção para a força do receptor no processo comunicacional na sociedade de massa. Nas palavras de Michèle (*apud* Keplum, 2020, p. 39):

O desafio está exatamente aí. Para o pesquisador que tem uma postura crítica em relação ao mode-

lo de sociedade em que estamos imersos e em que vivem e padecem tantos países latino-americanos, o grande desafio é assumir em sua proposta de pesquisa uma tensão que, a meu ver, é fundamental: a tensão entre essa nova episteme do retorno ao receptor, do reconhecimento do receptor como sujeito dotado de certa *liberdade*, e todos os esforços para cercar essa liberdade que se tornam evidentes quando são analisadas.

A compreensão do receptor como agente que produz sentido no processo comunicacional constitui um importante avanço para os estudos do campo. Contudo, a postura de Michèle opta por destacar a realidade da tensão existente entre a liberdade do sujeito e os grandes dispositivos de poder em seu esforço pela dominação da opinião (Mattelart; Mattelart, 2004). Afinal, as grandes corporações da comunicação continuam agindo em prol de uma cultura norteadada pela hegemonia da reprodução do capital aliada a uma organização social voltada exclusivamente para o consumo.

Para a intelectual francesa, é fundamental entender que a liberdade do receptor não constitui a sua emancipação completa e irrestrita. Essa é uma conclusão enganosa. Resgatando a historicidade do fenômeno, deve-se compreender o receptor como um sujeito que está inserido em uma formação social determinada e, por isso, possui limitações quanto à compreensão que pode ter das mensagens elaboradas pelos dispositivos. Cabe ao intelectual a maturidade de equilibrar, em seus estudos, os dois lados do debate, em um exercício delicado, com o intuito de se aproximar mais da complexidade que constitui a realidade (Mattelart; Mattelart, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michèle Mattelart foi uma mulher que fez história dentro dos estudos de Comunicação na América Latina, e seu papel vai muito além de companheira de Armand ou coautora de seus livros. Resgatar o seu percurso e refletir sobre os seus trabalhos é um esforço que contribui muito para a formação dentro do campo. Uma das marcas do nosso atraso é a dificuldade de valorizar a produção teórica realizada no continente, citando exageradamente o pensamento estrangeiro produzido por intelectuais que conhecem apenas de longe as particularidades e especificidades do nosso povo. O conhecimento é produção social; conseqüentemente, apenas aqueles que integraram a realidade latino-americana estão aptos a dizer algo sobre a nossa sociedade, evitando grandes distorções. Ademais, a recuperação da trajetória intelectual de uma mulher consiste em um importante exercício em prol do fortalecimento dos valores democráticos em nossa sociedade, afinal, a exclusão que ocorre nos ambientes de produção do conhecimento por meio do ocultamento dessas trajetórias femininas reforça a exclusão em outros campos da sociedade e do governo.

Sendo Michèle uma lutadora, para adotar a expressão de Andrea D'Atri, citada no início desse texto, seu pensamento está intimamente ligado ao espírito revolucionário de sua época. O pensamento crítico é uma marca de sua obra tanto quanto é uma marca das teorias da comunicação latino-americanas. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre (2010), em um artigo que abre a

revista *Chasqui*, homenageia o casal Mattelart e fala em um “espírito revolucionário lúcido”. O compromisso com a transformação da humanidade e o combate à exploração do ser humano por seu próximo sempre caminharam juntos com um apurado compromisso ético, teórico e metodológico (La Torre, 2010).

São valiosas as contribuições da autora sobre os estudos de gênero e recepção dentro da Comunicação, mas é quando fala sobre transformação social, sobre revolução, que Michèle traz elementos um tanto esquecidos em nosso contexto acadêmico atual. Particularmente, nos estudos de Comunicação, as grandes empresas e o desenvolvimento tecnológico pautam, muitas vezes, o debate e a produção de conteúdo dentro da área, mas a comunicação é um processo social, e cabe ao pesquisador olhar para a sociedade buscando nela as questões do seu trabalho comprometido também com o desenvolvimento social.

As novas tecnologias da informação, especialmente a *internet*, a comunicação e seus dispositivos adquiriram um papel fundamental em nossas vidas, tornando-se muito importantes para a organização social. Nesse sentido, resgatar a trajetória de Michèle, a aproximação entre comunicação e sociedade em sua obra, entre comunicação e transformação social, pode inspirar trabalhos que extrapolem o campo da reflexão acerca dos dispositivos e tratem também do tema como uma forma de contribuir para a superação das mazelas de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AYALA MARÍN, A.; HERRERA, C. Comunicación, interculturalidad y género: debate sobre el futuro de la humanidad: entrevista a Michèle Mattelart. **Chasqui**, Quito, n. 116, dez. 2011.

BERGER, C. De la experiência chilena a la teoria critica de la comunicación. **Chasquí**, Quito, n. 110, jun. 2010.

BERGER, C. A pesquisa em comunicação na América Latina. *In*: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (org.). **Teorias da comunicação: conceitos escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 241-278.

D'ATRI, A.; ASSUNÇÃO, D. (org.). **Lutadoras: histórias de mulheres que fizeram história**. São Paulo: Iskra, 2018.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Michèle Mattelart e as veias abertas da comunicação e gênero na América Latina. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 3, set./dez. 2020.

FONSECA, L. F. Michèle Mattelart, la maestra a quien no le preocupa el anonimato. **El Telégrafo**, Quito, 17 jul. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3g6C2zC>. Acesso em: 15 jan. 2022.

GOBBI, M. C. A supressão da voz feminina nos estudos comunicativos-midiáticos da América Latina: a ideia introdutória de 'mães' fundadoras do pensamento comunicacional. *In*: MALDONADO, A.; CASTRO, E. (org.). **Pensamiento crítico en co-**

municación: realizaciones transdisciplinares y transmetodológicas mattelartianas. Quito, Ecuador: CIESPAL, 2021.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2001.

HERAM, Y.; GÁNDARA, S. Pioneira: as contribuições de Michèle Mattelart para o campo da comunicação. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 3, set./dez. 2020.

HERAM, Y.; GÁNDARA, S. **Pioneras en los estudios latino-americanos de comunicación.** Buenos Aires: Teseo Press, 2021.

KAPLÚN, M. Os Mattelart hoje: entre a continuidade e a ruptura. Uma visão desmistificadora dos “novos paradigmas”. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 3, set./dez. 2020.

LA TORRE, A. E. Michele y Armand Mattelart. **Chasqui**, Quito, n. 110, jun. 2010.

LA TORRE, A.; FIGARO, R. A vertente Mattelart como pensamento comunicacional crítico. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 3, set./dez. 2020.

MATTELART, M. **Mujeres e indústria culturales:** memorias de um pensamento crítico. Barcelona: Anagrama, 1982.

MATTELART, M. Género, comunicación e investigación desarrollada por mujeres. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 1, n. 2, 2014.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

NAVARRO, R. F. Teoría y metodología de la investigación en comunicación en América Latina: ALAIC y el desafío de la fragmentación. *In*: BOLAÑO, C.; DRUETTA, D. C.; CIMADEVILLA, G. (org.). **La contribución de América Latina al campo de la comunicación**: historia, enfoques teóricos, epistemológicos y tendencias de la investigación. Buenos Aires: Prometeo, 2015.

NAVARRO, R. F. Ler a biblioteca mattelartiana. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 3, set./dez. 2020.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, M. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PINSKY, J.; PINSKY, C. (org.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2012.



CAPÍTULO 8

OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO LATINO-AMERICANOS E AS CONTRIBUIÇÕES DE NILDA JACKS PARA A COMPREENSÃO DO CENÁRIO NO BRASIL

Gabriela Ribeiro Amorin

INTRODUÇÃO

Assim como alguns estudiosos da recepção latino-americana, Jesus Martín Barbero (2013), um dos maiores nomes dentro desses estudos, fala sobre a prática cotidiana da recepção dos meios de comunicação, que envolvem uma complexidade de processos com diversos meios e fatores, como a cultura nacional, as culturas regionais, entre outras. Mais adiante, trataremos das mediações culturais, que possuem uma forte influência no entendimento desses estudos.

O certo pioneirismo de Barbero em querer tratar essas questões despertou a atenção de outros pesquisadores para estudar a recepção dentro da América Latina, já que os estudos culturais, até então, estavam envolvidos e se desenvolvendo em um cenário euro-

peu. A professora Nilda Jacks, enquanto mulher pesquisadora que também teve um olhar voltado para a recepção, decidiu considerar o Brasil como objeto para o desenvolvimento de diversos trabalhos.

No artigo “Teorias latino-americanas e os estudos de recepção e consumo midiático brasileiros” (2019), Nilda trabalhou o enfoque proposto por parte da produção brasileira na área dos estudos de recepção, em suas características, desenvolvimento e avanços, com o objetivo de avaliar a apropriação das teorias conhecidas como latino-americanas.

O recorte do objeto justifica-se pela importância do Brasil nesse cenário latino-americano dos estudos de recepção (Jacks; Toaldo, 2014), com relevância inclusa em termos quantitativos e o esforço de contribuir também nos qualitativos. Os pesquisadores de recepção têm tido o desafio de assumir a tarefa de experimentar diferentes metodologias e enfoques teóricos para “desvendar” e enfrentar a complexidade existente na relação entre os receptores com os meios de comunicação, sobretudo após a chegada da convergência midiática.

De acordo com Jacks e Schmitz (2019), essa diversidade de enfoques aponta para o vigor dos estudos brasileiros enquanto perspectiva de pesquisa para entender a complexa relação entre mídia e receptores, o que vai ao encontro também de uma crítica que não vê nessa área de estudos a capacidade de explicar os fenômenos contemporâneos. De acordo com a pesquisadora, isso se dá, em

grande medida, pela expressiva produção de pesquisa brasileira no nível da pós-graduação.

Apesar dos desafios, Jacks é uma referência importante até para os que resistem à compreensão desses fenômenos, o que, de certa maneira, contribui para que pesquisadores que trabalham com recepção continuem encorajados para ampliar o seu desenvolvimento. No período de pesquisa do projeto de minha autoria: “Mulher, gênero e esporte na televisão aberta: os processos de recepção dos telespectadores brasileiros no Jogo Aberto da Band”, busca-se trazer essa perspectiva, colaborando, ainda, para as pesquisas da área e gerando mais entendimento dos estudos de recepção dentro da América Latina.

1 PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES, AVANÇOS E ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Quando se observa dentro de um panorama embrionário, já esboçado por Jacks *et al.* (2011), obtemos alguns esforços isolados e individualizados em pesquisas de audiência no país, situados em outras áreas, como a Sociologia e a Antropologia. Podemos considerar o estudo inaugural nesse campo ainda na década de 1980, quando Carlos Eduardo Lins da Silva, escritor, jornalista e professor brasileiro, funda uma nova tendência nos estudos de comunicação que expressa uma articulação dos sujeitos-receptores com o âmbito mais amplo da cultura. Em *Muito além do Jardim Botânico* (Lins da Silva, 1985), o autor trabalha com a recepção de um tele-

jornal entre trabalhadores de duas regiões do país, por meio de uma pesquisa-ação¹, embora ainda não em diálogo com a pesquisa em emergência no continente.

A partir de 1990, a perspectiva das pesquisas de recepção começou a trilhar, em passos lentos, o caminho proposto pelo que, posteriormente, se convencionou teorias latino-americanas. Entretanto, o foco ainda estava direcionado para uma visão dualista, ou seja, a resistência/reelaboração aos conteúdos culturais das classes populares ou a centralização nos aspectos ideológicos das classes dominantes inscritos nos mesmos conteúdos. A partir disso, nessa divisão, o pensamento crítico da cultura, que pode ser abordado e entendido dentro dos estudos das mediações, ainda não era incorporado de maneira teórico-metodológica na prática de pesquisa, o que se dá de forma gradual no cenário mapeado a partir dos anos 1990.

Conforme já introduzido anteriormente, a filiação teórica das pesquisas sobre audiência e recepção está centrada nos Estudos Culturais, e, na América Latina, ganharam espaço com estudiosos como Martín-Barbero, Nestor García Canclini, Guillermo Orozco Gómez, assim como com Stuart Hall no cenário britânico. Jacks e

1 Antes disso, a pesquisa era destinada a professores, líderes comunitários e de movimentos populares – e desenvolvida sob inspiração da Pedagogia do oprimido (1972) de Paulo Freire –, e o programa Leitura Crítica em Comunicação (LCC), liderado pela União Católica Brasileira de Comunicação Social (UCBC) em conjunto com a Igreja Católica. A partir de 1979, foi dado início à coleção *Para uma Leitura Crítica* (Editora Paulinas), preparada por teóricos da área e composta de manuais para leitura de televisão, jornal, história em quadrinhos, publicidade etc.

Toaldo (2014) aponta que a incorporação de pesquisadores brasileiros nessa perspectiva deu-se de forma um pouco mais lenta. Não existia muito diálogo entre os autores internacionais e nacionais. Enquanto isso, na América Latina de Martín-Barbero, Canclini e Orozco, havia um avanço nas discussões que inauguraram a corrente latino-americana, principalmente do pouco investimento do estado da arte dos objetos e problemáticas investigadas por parte das pesquisas.

Por outro lado, as reflexões teóricas com apropriação de contribuições de outros campos, como a sociologia e a antropologia, por exemplo, também são bastante pontuais. Entende-se que o escasso investimento neste tipo de articulação para a proposição da temática de pesquisa e para a construção do objeto de estudo, no avanço dos resultados de pesquisas prévias ou mesmo na realização de estudos comparativos, ajudariam a “desessencializar” conceitos e percepções e dar vigor aos estudos (Jacks; Schmitz, 2019).

Jacks e Schmitz (2019) apontam que, na década de 1990, surgem as aproximações realizadas entre a proposta desenvolvida por Martín-Barbero, conhecida como Teoria das Mediações, e o modelo das multimediações proposto por Orozco, na tentativa de operacionalizar alguns conceitos apresentados pelo primeiro autor. Essa conjugação mostrou-se produtiva e foi explorada no desenvolvimento de muitos estudos brasileiros, auxiliando a estruturar o desenho da investigação e fornecer parâmetros para criar categorias que emergiam do próprio objeto de estudo.

Na obra *Dos meios às mediações*, Jesús Martín-Barbero (2013) disserta sobre o deslocamento das atenções da análise dos meios de comunicação para as mediações culturais no processo de recepção, por entender a recepção como um momento de fruição e interpretação para além dos estudos funcionalistas, que compreendiam o emissor como o controlador supremo do processo comunicacional.

Orozco Gomes (2005) centralizava seus estudos nos processos de mediação envolvidos na recepção televisiva, e isso no momento em que esse meio de comunicação era o principal instrumento de consumo de informação e entretenimento. No caso deste trabalho, as mediações serão adaptadas para o contexto das mídias digitais. Para Orozco (2005), as mediações videotecnológica, cognitiva, situacional, institucional e de referência consistiam em importantes categorias de análise para investigar a recepção.

Ainda de acordo com Jacks e Schmitz (2019), outro avanço que se destaca durante os anos 2000 é um movimento para caracterizar os processos que são estudados juntamente às audiências. No início, foram registrados alguns esforços teórico-metodológicos para diferenciar os estudos de recepção do consumo midiático, como o trabalho de Jacks e Toaldo (2014) sobre a juventude e o consumo midiático. Os autores filiam os primeiros “rastros” do trabalho ao viés de Martín Barbero, e os outros, ao de García Canclini, encontrando pesquisas que tratam de processos distintos e outras que aproximam e vinculam uma corrente à outra.

Dentro da perspectiva da tensão com o social, as práticas dos sujeitos deveriam ser orientadores das problemáticas, objetos e técnicas utilizados. Entretanto, a compreensão dos fenômenos relacionados à recepção e ao consumo midiático caminha a passos lentos, em cenários que são expandidos para além da televisão, como o caso do projeto “Mulher, gênero e esporte na televisão aberta: os processos de recepção dos telespectadores brasileiros no Jogo Aberto da Band”, em que serão analisados no ambiente digital. Os estudos de televisão são válidos, porém fazem parte de uma lacuna de execução de pesquisas que empreendam a articulação de técnicas com o objetivo de coletar e analisar dados dos ambientes *online* e *offline* de forma complementar.

Aspectos como interação, convergência midiática, múltiplas telas, participação, entre outros, são todos destacados como pontos de atenção para a análise do objeto nos estudos de recepção.

2 TÉCNICAS E EVOLUÇÕES NOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO

Tratando ainda sobre o âmbito metodológico, na pesquisa de Jacks (1998), observou-se que, diante da evolução das ferramentas digitais e do uso das técnicas de coleta e análise de dados informatizadas, o cenário é animador devido ao reforço que alguns desses recursos oferecem em termos de automatização, seja na captura, no salvamento, na organização, no cruzamento ou na análise. Dessa forma, o volume de dados gerado é radicalmente superior

àquele usualmente encontrado pelos investigadores do campo da recepção, por meio das técnicas de entrevista, por exemplo, complementada ou não com questionários e outros procedimentos de levantamento e construção de dados. O investimento no enfoque quantitativo que as análises de plataformas digitais permitem e, também, demandam, cria situações em que é possível compreender as experiências, as práticas e os rituais de um grupo maior de pessoas.

As mediações são fundamentais para entender como a recepção dos telespectadores está inserida no processo comunicacional. É importante enfatizar a importância das características dos receptores – nesse caso, dos telespectadores – quanto à recepção e ao consumo de informações.

Além disso, para o processo de estética de recepção, constitui-se a fundamentação teórica de Maria Tereza Cruz (1986), com as obras *A estética da recepção* e *A crítica da razão impura*, que ressaltam a estética de recepção, no sentido que resulta da obra a cada leitura, tanto como a sua verdade quanto como a verdade do seu receptor. “Um sentido onde obra e autor se implicam, ou seja, uma representação em que o dualismo/objeto se dilui [...] Este é o sujeito que uma estética da recepção põe em cena – o leitor implicado” (Cruz, 1986, p. 23).

Segundo Orozco (2010), atualmente, é possível refazer o ciclo completo de comunicação, não apenas o simbólico, ainda que nem sempre ele ocorra por completo. Assim, ao mesmo tempo que

se amplia o leque de possibilidades enquanto fontes, *locus* e formas de mapear práticas de consumo e recepção midiática com os traços digitais de que se dispõe, tem-se implicações importantes no volume de dados produzidos para compreensão dos processos de comunicação.

Durante a construção do trabalho e na medida do seu desenvolvimento, acompanhando a produção das últimas décadas, com a inclusão do eixo temporal do estado de arte dessa produção, foram flagrados alguns movimentos no campo brasileiro. Um dos principais exercícios que contribuíram para o entendimento da evolução dos estudos de recepção foram os recortes realizados. Esses recortes são frutos de um olhar panorâmico sobre a produção da área de Comunicação, o que permitiu a compreensão das formas e perspectivas em que os estudos da audiência recebiam atenção.

Foi este mesmo movimento que possibilitou a categorização das pesquisas a partir das principais perspectivas latino-americanas, seja pelo viés sociocultural desta vertente ou mesmo pelas noções teóricas de recepção e consumo midiático. Mais adiante, já a partir do cenário de pesquisas em âmbito digital, foi preciso rever a categorização prévia, criando novas formas de agrupar os trabalhos que se dedicavam à compreensão das relações dos sujeitos com os meios. Esse movimento, inclusive, ajudou a entender o quanto a própria categoria “estudos de recepção” deveria ser problematizada, com novas perspectivas para o estudo destas relações (Jacks; Schmitz, 2019).

Jacks e Schmitz (2019) ainda apontam que, na década de 1990, ao identificar a “emergência” dos estudos brasileiros, a gran-

de novidade foram as abordagens socioculturais, sob a égide da perspectiva latino-americana, embora ainda com muitos trabalhos tributários da perspectiva comportamental.

O ponto em que uma estética da recepção rompe com a autonomia do sujeito e da obra é o da constituição do sentido, que nos surge como um processo de troca de ambos, em função de determinantes que nos vêm tanto do lado do texto, com as suas orientações de sentido, como do lado do sujeito historicamente situado, com o seu horizonte de expectativas [...] A obra literária, diz Izer, tem dois polos, a que podemos chamar de artístico e estético: o artístico refere-se ao texto criado pelo autor e o estético a realização levada a cabo pelo leitor (Cruz, 1986, p. 63).

Jacks e Schmitz (2019), dando seguimento à sua investigação, observa que outras áreas de estudo que não se preocupavam sistematicamente com as audiências são compelidas a considerá-las em suas análises, uma vez que não há mais como analisar meios, processos produtivos, gêneros, discursos, mensagens etc. sem considerar a vinculação intrínseca a elas, o que, há muito tempo, é uma questão resolvida para quem trabalha desde a perspectiva de comunicação proposta por Martín-Barbero.

Assim, para além dos resumos que anunciavam tratarem-se de um estudo de recepção e/ ou de consumo midiático, foi necessário incluir os trabalhos que não se vinculavam de uma forma tão clara ao que se convencionou compreender como recepção, como os estudos de jornalismo, organizações, fãs, cinema, publicidade, televisão, rádio, etc., além de redes digitais, internet, blogs, sites, uma vez que todos os meios tradicionais ou não estão condicionados pela

convergência midiática que rompe com a separação entre produção e recepção (Jacks; Schmitz, 2019).

Vale reforçar que esse princípio norteador implicou, muitas vezes, em contrariar a vinculação apontada pelos próprios autores dos estudos analisados, de modo a manter e reforçar a coerência epistemológica almejada para uma reflexão contemporânea, que também é de ordem teórica. Ou seja, de modo tangencial, uma das grandes problematizações que permeiam a análise é, justamente, a de pensar o lugar dos estudos sobre as audiências, as próprias nomenclaturas que implicam muito mais do que um termo, mas toda a perspectiva epistemológica que conduz o fazer das pesquisas.

Com os desafios, o esforço foi, também, o de demarcar o “lugar” dos estudos de recepção e de consumo midiático e os desafios associados ao cenário da convergência, tanto do ponto de vista metodológico quanto do teórico, que envolve, entre outros aspectos, a necessidade de reafirmar o caráter multidisciplinar da Comunicação, em especial a importância do diálogo entre os estudos de recepção e de consumo midiático e os da cibercultura.

3 AS MEDIAÇÕES CULTURAIS COMO NORTEADORAS DO PROCESSO DE RECEPÇÃO

Tendo em vista que a contextualização deste trabalho está inserida no campo digital, a substituição da mediação videotecnológica pela mediação cibertecnológica parece justa, já que ela corresponde às plataformas digitais. Conforme Orozco (2005, p. 36), a produção de sentido que o interlocutor realiza “[...] depende,

então, da combinação particular de mediações em seu processo de recepção”.

A seguir, são listadas as cinco mediações definidas por Barbero e Orozco na obra *Dos meios às mediações*, de 2013.

A *mediação videotecnológica* está vinculada aos artifícios que a televisão escolhe para provocar reações nos telespectadores, isto é, os modos de representar o que está sendo tratado a fim de mobilizar o telespectador. Segundo Orozco (2005, p. 29), “[...] é precisamente essa combinação de possibilidades técnicas do meio televisivo que permite naturalizar seu discurso ‘ante os próprios olhos’ do público telespectador”. É importante enfatizar que, nesta pesquisa, a mediação videotecnológica será substituída pela mediação cibertecnológica, que também possui capacidades técnicas de passar informações com graus de verossimilhança ao espectador e tem um alto grau de distribuição de dados.

A *mediação cognitiva* está ligada às vivências do sujeito, ou seja, aos repertórios/*scripts* vividos pelos espectadores. Os *scripts* são, conforme Orozco (2005, p.32), “[...] sequências relevantes para a sobrevivência cultural que se aprendem na própria interação social. Sua aquisição começa desde muito cedo, idade em que o bebê interage com os que o rodeiam, e continua ao longo da vida”.

Já a *mediação situacional* diz respeito à situação em que o sujeito assiste ao conteúdo, por exemplo, sozinho ou acompanhado.

A *mediação institucional* é o encontro de múltiplas instituições que provocam mediações. Um sujeito pode se apresentar em papéis

diferentes, conforme o pertencimento às instituições. Dependendo do “local” em que ocorre a recepção, pode-se ter interpretações diferentes. Em casa, no trabalho, na universidade, enfim, o ambiente institucional reflete nos modos de ver. Além disso, no caso de informações repassadas pelos aplicativos, dependendo das instituições a que os sujeitos que encaminham as mensagens pertencem, bem como as instituições que afluem em grupos virtuais, a interpretação do receptor pode ser alterada.

Por fim, a *mediação de referência* ou *referencial* está ligada aos estratos sociais, culturais, geográficos e aos aspectos demográficos do receptor, os quais são levados em conta para a produção do conteúdo, são referentes que também se constituem como mediação.

Por outro lado, estão as mudanças nos formatos e nas próprias narrativas, nas formas de contar e os seus impactos nas audiências e usuários, que abrem um ponto de investigação muito amplo, ainda pouco desenvolvido, mas fértil para a produção de conhecimento. Sejam os estudos de recepção transmedia, casos de transmediação, ou investigação participante das interlocuções nas redes sociais em que os participantes têm construído seus discursos e dando significado a sua nova participação. Um dos maiores objetivos é fazer algum sentido da imensidão de interlocuções que a conectividade atual permite frente e a partir de diversas telas (Orozco, 2010, p. 28).

Seguindo a lógica das mediações, Martin-Barbero (2013) apresenta o mapa das mediações que explica como os eixos conhecidos como diacrônicos são representados pelas Matrizes Culturais

para os Formatos Culturais e os sincrônicos, das lógicas de produção para as competências de recepção ou consumo.

FIGURA 1 - Mapa das Mediações



Fonte: Martin-Barbero (2013).

Martin-Barbero (2013) ainda explica uma lógica de exploração dentro do mapa em que a mediação acontece no processo comunicativo, a saber a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Para o autor (Martin-Barbero, 2013, p. 294), “[...] em vez de fazer a pesquisa a partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações”. Dessa forma, existe um roteiro em que as mediações podem ser inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além do que se refere ao mapeamento das principais apropriações das teorias latino-americanas nas pesquisas em recepção e consumo midiático realizadas no Brasil, existem algumas palavras dedicadas às lacunas identificadas no cenário de pesquisas do país e que, de certa forma, podem ser lidas como uma agenda de investigação passível de ser adotada nos outros países da região.

De acordo com Jacks e Schmitz (2019), primeiramente, é preciso considerar que, se há um aumento expressivo das pesquisas na área, em termos relativos dentro da produção de todos os Programas de Pós-Graduação, ele não é tão fecundo. Além do enfrentamento que também é institucional, pela condição marginal que os Estudos Culturais ainda têm, os pesquisadores precisam encarar os desafios de pesquisar objetos em reconfiguração muito acelerada, tanto por envolverem diretamente a internet como por terem o foco em públicos e temas que são afetados por um cenário marcado pela convergência midiática (Jenkins, 2008), pelas culturas da conexão (Jenkins; Green; Ford, 2014) e da participação (Shirky, 2011), entre outras práticas culturais que levam a um consumo midiático cada vez mais individualizado, dispersivo e plural.

Esse cenário se aplica aos estudos que se debruçam sobre as audiências, seja no recorte por meios, gêneros ou em públicos específicos. Ele traz implicações e questionamentos metodológicos de diversas ordens e complexidades: na visão quantitativa e/ou qualitativa, na articulação entre coleta de dados *online* e *offline*, nos

diferentes níveis de institucionalização dos espaços de visibilidade na internet e nas possibilidades que se abrem diante da inclusão digital.

Diante do que foi mapeado nos 25 anos aqui tratados e do contexto sociotécnico e cultural que se desenha, entende-se que o fortalecimento do âmbito metodológico das pesquisas é um dos principais avanços que reforçariam a legitimidade e o capital compreensivo desta área. Sendo assim, sustenta-se que é por onde deveria (re)começar o debate sobre a potência e a capacidade dos estudos de recepção em entender de forma mais complexa os processos de comunicação na contemporaneidade. Isto está demandando um esforço de seus agentes na superação das dificuldades e na conscientização de que o próximo passo na agenda de pesquisa é o fortalecimento dos procedimentos metodológicos, mais do que simplesmente propor o enfrentamento de problemas empíricos, os quais dependem deste ajuste de contas, o qual passa também pelo fortalecimento da teoria (Jacks; Schmitz, 2019).

Estima-se que tal panorama pode ser resultado da inobservância dos critérios de cientificidade que fundam a pesquisa contemporânea e garantem a legitimidade de seus protocolos, que são a verificação, a duplicação, a transparência e a falseabilidade (Appadurai, 2006, p. 9-12), tidos por muitos analistas, inclusive, como elementos éticos da pesquisa.

A dimensão metodológica continua sendo o “calcanhar de Aquiles” no cenário tratado, e entende-se que o fortalecimento dessa dimensão é fundamental para o avanço do conhecimento empírico e para o enriquecimento do debate teórico-metodológico,

especialmente diante dos atuais desafios que a pesquisa em Comunicação enfrenta com a “virada digital” no novo milênio.

Aliado ao investimento nas problematizações e arquiteturas metodológicas das pesquisas, um novo desafio epistemológico se coloca e transcende, inclusive, o enfoque nas audiências: o esquecimento das fronteiras que delimitam espaços midiáticos institucionalizados e a mídia social. Na esteira da “virada digital” dos 2000, tem-se a necessidade de reflexão sobre os níveis de institucionalização do que se entendeu, até hoje, como espaços midiáticos. A visibilidade propiciada facilmente pela internet coloca amadores e profissionais em terrenos próximos; urge, então, enfrentar a problemática da legitimação dos conteúdos expostos por diferentes tipos de emissores e colocados em circulação por diferentes interagentes.

Também se registram alguns apontamentos centrados na necessidade de problematizar a construção dos grupos a serem pesquisados: nos estudos de gênero, sobretudo os dedicados ao público feminino, defender as escolhas e primar pela articulação orgânica entre problemática e grupo pesquisado; já na intersecção identidade e gênero, em primeiro lugar, suprir as lacunas quanto ao baixo número de investigações com esses grupos e ir além do questionamento sobre as representações e identidades construídas nas narrativas, de forma a se produzir uma crítica epistemológica que colabore para a desconstrução dos essencialismos e das binaridades.

Em grupos construídos a partir de recortes de classe ou faixa etária, transcendem-se os dados sociodemográficos que descrevem

tal segmentação. Nos recortes geracionais, o jovem recebe relativo investimento, sendo um dos principais sujeitos das investigações, mas poderiam ser tomados para além da categoria estudante. Por outro lado, os idosos configuram um segmento de progressivo crescimento na sociedade, o que não é, de maneira alguma, seguido pela atenção que recebem nas pesquisas. Já as crianças merecem consideração mais direta na produção de dados, dando-lhes maior espaço de fala, mas com atenção às questões que envolvam o pressuposto de sua vulnerabilidade e aspectos metodológicos.

Para fechar, então, a possível agenda para as pesquisas brasileiras, que podem alcançar o cenário dos demais países da região, outras questões ainda necessitam ser enfrentadas pelos pesquisadores da área, a fim de responder a perguntas já lançadas anteriormente: Como os estudos trabalham a noção de mídia? Como analisam os meios e avaliam as empresas de comunicação? Como pensam o papel dos comunicadores nos processos de recepção? Os produtos midiáticos recebem a atenção necessária nas análises? E os públicos, receptores, consumidores e as audiências seguem sendo tratados da mesma forma? O consumo tem o mesmo estatuto da recepção nesses trabalhos? Como eles foram articulados? E as instituições, como família, escola, religião e política, que parte tomam nos processos de recepção? Que noção de sociedade embasa essas investigações? E a de Estado? E a oferta cultural, para além da midiática, é tematizada? Como os estudos estão retratando as transformações vividas pelos receptores diante do cenário midiático em acelerado processo de convergência? (Jacks; Toaldo, 2014).

Os questionamentos podem ser colocados em roteiros seguindo o Mapa das Mediações de Martin-Barbero (2013). Contudo, Jacks e Schmitz concluem que muitas outras angulações poderão ser exploradas, como os aspectos temáticos relativos à violência, à memória, ao gosto, à aprendizagem, à resistência, às relações de classe, ao imaginário, às urbanidades, às ruralidades, ao consumo, à cotidianidade, ao racismo, à ética/moral, às corporalidades, à participação, à cultura popular, às representações, à religiosidade, à moda, à beleza, aos regionalismos, entre inúmeros outros recortes passíveis de serem investigados do ponto de vista das práticas e dos processos de recepção e consumo midiático.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. La globalización y la imaginación en la investigación. **Academia.edu**. [s. l.], 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/7264561/Appadurai_Arjun_-_La_Globalizacion_Y_La_Imaginacion. Acesso em: 10 set. 2022.

CRUZ, M. T. A estética da recepção e a crítica da razão impura. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, ano 2000-01-01, n. 03, 1986.

JACKS, N. **Mídia nativa**: cultura regional e indústria cultural. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

JACKS, N.; MENEZES, D. B. Estudos de recepção na América Latina: contribuição para atualizar o panorama. **E-Compós**, [s. l.], v. 10, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.192>. Acesso em: 10 set. 2022.

JACKS, N.; SCHMITZ, D. Teorias latino-americanas e os estudos de recepção e consumo midiático brasileiros. **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**, [s. l.], n. 141, p. 177-192, ago./nov. 2019.

JACKS, N.; TOALDO, M. Jovem Brasileiro e consumo midiático em tempos de convergência: panorama preliminar. **ALAIC PUCP**, Lima, 2014. Disponível em: <https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT7-Schmitz-Mazer-Wottrich-Toaldo-Jacks-da-Costa>. Acesso em: 10 set. 2022.

JACKS, N. *et al.* **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito-Ecuador: Editorial “Quipus”, CIESPAL, 2011.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, H.; Green, J.; Ford, S. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

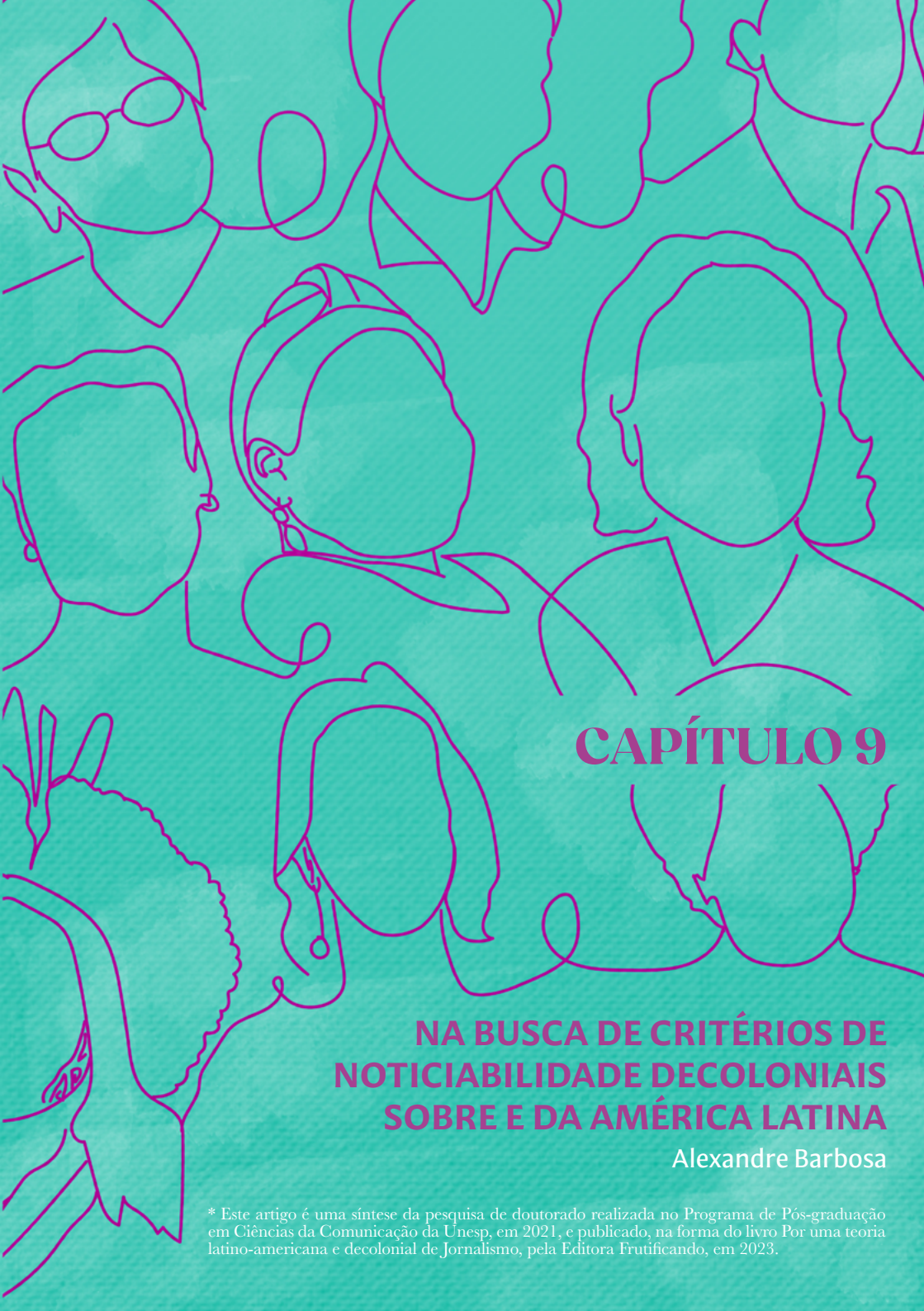
LINS DA SILVA, C. E. **Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

OROZCO GOMES, G. O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo da recepção televisiva. **Communicare**, São Paulo, n. 5.1, jun. 2005.

OROZCO GOMES, G. La investigación de las audiencias “viejas y nuevas”. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, ano 7, n. 13, 2010. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/365/201>. Acesso em: 30 out. 2018.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.



CAPÍTULO 9

NA BUSCA DE CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE DECOLONIAIS SOBRE E DA AMÉRICA LATINA

Alexandre Barbosa

* Este artigo é uma síntese da pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unesp, em 2021, e publicado, na forma do livro *Por uma teoria latino-americana e decolonial de Jornalismo*, pela Editora Frutificando, em 2023.

INTRODUÇÃO

O acompanhamento do noticiário da indústria jornalística sobre a América Latina aponta, nos últimos anos, para dois aspectos que, interligados, a deixam cada vez mais solitária: o modo de produção jornalístico e a influência colonial nessa produção.

O modo de produção jornalístico, por um lado, exclui a América Latina ao adotar uma cobertura centrada nos tradicionais critérios de noticiabilidade de modelo norte-americano, que priorizam fatos considerados mais novos, mais relevantes e mais próximos do ponto de vista do corpo editorial do veículo de comunicação, independentemente do tamanho, desde que tal veículo tenha como princípio aumentar os índices de audiência, como foi demonstrado nas pesquisas de Barbosa (2017, 2022).

Por outro lado, ao se analisar o corpo editorial desses veículos, que consideram fatos relacionados à América Latina menos relevantes e menos próximos do que os que ocorrem em outras regiões geopolíticas, nota-se que há, ainda, como mostram os estudos decoloniais de Walsh (2005, 2017) e Mignolo (2005), influência de aspectos coloniais no processo de seleção e construção de notícias, entre eles, o machismo e, principalmente, o racismo estrutural.

O que este artigo pretende demonstrar é que a solidão da América Latina na indústria jornalística vai além de uma constatação quantitativa – quantos centímetros por coluna, minutos em programas de rádio e TV ou páginas em *html* dadas aos fatos latino-americanos –, caracterizando-se por um processo de desqualificação das suas temáticas.

Na indústria jornalística a América Latina Popular tem uma imagem associada ao atraso, à corrupção, à pobreza. Essa construção negativa foi empreendida pelas elites latino-americanas, aliadas às burguesias europeias e norte-americanas, não só nos veículos de comunicação, mas, também, nos livros de História e nos processos de ensino (Barbosa, 2017, p. 131).

Essa desqualificação se explicita nos veículos de comunicação ou com a nulidade de notícias sobre a região ou com conteúdo noticioso com que as abordagens reforçam o caráter de periferia, mas tem raízes no sistema de educação formal e, sobretudo, nos processos de colonização.

Outro aspecto a ser considerado nessa influência colonial da cobertura jornalística é que o noticiário sobre o atraso e a po-

breza não leva necessariamente ao debate da opinião pública para as demandas latino-americanas. A indústria jornalística na cobertura internacional depende do conteúdo das principais agências de notícias europeias e norte-americanas (AP, EFE, Reuters, AFP, por exemplo), de canais de notícias como CNN e BBC, e, quando consegue manter correspondentes internacionais, coloca-os apenas nos países considerados de importância geopolítica – Inglaterra, Israel, EUA e, por motivos de proximidade econômica e geográfica, Argentina.

Desde o relatório *Mac Bride*, de 1980, que denunciou não só os fluxos de informação vindos do “Norte” para o “Sul”, como também o baixo investimento em tecnologias e iniciativas autóctones, pode-se afirmar que a indústria jornalística latino-americana, de forma geral, se insere na lógica da divisão internacional descrita pelos pesquisadores da Teoria da Dependência, em que

[...] um certo grupo de países tem sua economia condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia à qual sua própria está submetida. A relação de interdependência entre duas ou mais economias, e entre elas e o comércio mundial, assume a forma de dependência, quando alguns países (os dominantes) podem se expandir e autoimpulsar, enquanto outros países (os dependentes) só podem fazer isso como reflexo dessa expansão, que pode agir de positiva ou negativa sobre o seu desenvolvimento imediato. De qualquer forma, a situação básica de dependência leva a uma situação global dos países dependentes, que os coloca em posição de atraso e sob a exploração dos países dominantes (Santos, 1999, p. 379).

Portanto, não se espera, dentro dessas condições, que a cobertura da América Latina sobre a sua indústria jornalística, notadamente a brasileira, aponte soluções para as demandas latino-americanas provocadas pelo colonialismo:

Aqui persiste uma mentalidade e lógica dos latifúndios, cujos senhores viraram os coronéis da Primeira República, parte dos quais ainda se encastelam em seus estados, como caciques políticos e eleitorais. [...] Desde o período colonial, passando pelo império e chegando à República, temos praticado uma cidadania incompleta, muito patrimonialismo, várias formas de racismo, sexismo, discriminação e violência (Schwarcz, 2019).

Uma tentativa de mitigar essa solidão latino-americana na cobertura jornalística passa por um longo processo em que se interligam jornalismo e educação.

1 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE QUE NÃO SÃO LATINO-AMERICANOS

A definição mais pragmática de notícia, do ponto de vista dos critérios que transformam um fato em conteúdo noticioso, é que o acontecimento precisa atender a determinadas categorias para ser classificado como fato noticioso. A um jovem repórter, em seu primeiro dia de redação, o editor poderia passar as seguintes instruções: notícia seria o fato mais novo, mais próximo e mais relevante para o público. Essa simplificação da definição não passa pelo crivo das teorias do jornalismo, conjunto de estudos que, basi-

camente, tentam responder à questão: por que as notícias são como são?

Entre as teorias, existem as que afirmam que ações subjetivas vão interferir na análise do que é novo, próximo ou relevante, como a teoria do *Gatekeeper*, uma das primeiras a serem sistematizadas, contestada logo depois, por se perceber que,

[...] embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo. As normas ocupacionais teriam maior importância do que as preferências pessoais na seleção das notícias (Pena, 2005, p. 129).

Há outras ações que interferem na análise sobre o que torna um fato em uma notícia. O teórico português Jorge Pedro Sousa (2002) afirma que, para compreender o que é notícia, seria preciso analisar a interação das ações.

As notícias são um artefato construído pela interação de várias forças: das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história. Estes fatores, associados à definição que cada um dá aos valores-notícia, mostram por que as notícias são como são (Sousa, 2002, p. 16).

Os valores-notícia fazem parte da ação social e foram categorizados, inicialmente, pelos noruegueses Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge. Depois, ganharam nova sistematização com o português Nelson Traquina. Os valores-notícia novidade, relevância e proximidade são detalhados nas diversas circunstâncias do trabalho

jornalístico e, no caso de Nelson Traquina (2016), subdivididos em critérios de construção e de seleção, e esses, ainda, entre substantivos e contextuais. É uma sistematização interessante e, associada às demais ações descritas por Jorge Pedro Sousa, permitem a análise de diversos fenômenos do jornalismo.

No entanto, no caso da América Latina, pelas características das sociedades em que essas indústrias jornalísticas exercem suas práticas, a análise demanda outras interações. Como já citado anteriormente, para Schwarcz (2019), a lógica colonial persiste em várias formas de violência, machismo e racismo, que interferem em diversas estruturas das sociedades latino-americanas e criam, do ponto de vista dos meios de comunicação, duas necessidades: a de elaborar mecanismos de construção e seleção de notícias que tenham a América Latina como categoria de interesse não só quantitativo, mas também, e principalmente, qualitativo na seleção e abordagem; e a de incrementar pesquisas de pensamento crítico e transdisciplinar voltadas às relações entre cultura, política e economia e às problemáticas locais e globais resultantes do capitalismo tardio e dependente – até como condição para que tais meios possam resistir.

Para Catherine Walsh (2017), as necessidades decorrentes do processo colonial estão presentes em toda a América Latina:

El proyecto capitalista-modernizador-extractivista con destrucción y despojo de La Madre Naturaleza y los modos de vida en relacionalidad, junto con la lógica patriarcal-paternal-colonial en ascenso, la criminalización de la protesta, la creciente violencia y represión a jóvenes y mujeres, además del

silenciamiento de un pensar crítico, ya caracterizan los momentos actuales.

Os meios de comunicação latino-americanos, em geral, estão desconectados das categorias de seleção e construção de notícias de pautas decorrentes dos processos de colonização impostos às sociedades da América Latina e, normalmente, guardam relações mais próximas quando não pertencem diretamente às elites locais, como afirma Dennis de Oliveira (2021, p. 177):

[...] as bandeiras dos movimentos sociais e populares são de caráter democrático: eleições livres (bandeira recorrente nos vários períodos de ditadura na história republicana), reforma agrária, direitos sociais, liberdade de expressão e organização, direitos humanos, entre outros. O próprio jornalismo brasileiro hegemônico, produto dessa experiência de construção deste arranjo institucional distante de uma democracia liberal clássica, sempre foi uma instituição com relações promíscuas com o poder em todas as instâncias.

Para Walsh (2017), as elites latino-americanas, desde a época da Conquista, têm empreendido o processo de submissão, expropriação e eliminação das classes populares.

Vilma Almendra nos recuerda cómo “con la instalación de la Conquista, de los señores de las guerras, de los comerciantes de la palabra, de los mercadores de la vida, de los saqueadores de los bienes comunes y de mucho más» empezaron los procesos y prácticas de sometimiento, desprecio, fragmentación, despojo, violencia, guerra y muerte. Son procesos y prácticas que continúan con las actuales “estrategias del proyecto de muerte: sometimiento con temor y guerra, sometimiento con captación y cooptación de los movimientos”, dice Almendra, y “sometimiento ideológico para colonizar el territorio del imaginario

[...] para garantizar y legitimar el modelo económico del capitalismo al servicio de las transnacionales”. Sometimiento, despojo y eliminación.

Dentro da sociedade mediatizada, em que ocorre o processo de agendamento (tanto das políticas públicas quanto das camadas médias com acesso aos meios de comunicação), o esvaziamento ou, até mesmo, apagamento nos meios de comunicação de movimentos sociais, acontecimentos históricos ou de pautas da sociedade civil pode levar ao esquecimento de demandas outrora consideradas legítimas não só pelo poder público, mas também pela opinião pública que pressionaria esse poder.

Los mexicanos hablan hace más de un año de 150.000 muertos, 50.000 secuestrados. ¿Cuántos son hoy? A yotzinapa ha sido borrado de las noticias, pero la lucha de lxs familiares y amigxs por encontrar rastros de los normalistas sigue sin cesar. Ene solos medios de comunicación sin duda son cómplices: cómplices de hacer desaparecer las luchas de vida. Algo similar ocurre al respecto de lxs zapatistas; el no estar en los medios de comunicación (incluyendo los medios “alternativos”) hace pensar que ya no existen, que su resistencia rebelde, su digna rabia y su práctica de autonomía, libertad y pensamiento crítico ante el sistema capitalista y el mal gobierno mexicano, se ha esfumado (Walsh, 2017).

Na América Latina, em especial no Brasil, de acordo com a Teoria Marxista da Dependência, se constituiu um capitalismo dependente, fruto do sistema escravista colonial que drenava os recursos nacionais, e articulado com a constituição do capitalismo global. De acordo com Souza (2018, p. 76), o latifúndio e o racismo, na América Latina, se perpetuaram porque eram condições inerentes para a reprodução do capital. Por essa razão, Dennis Oliveira

(2021, p. 168) afirma que “[...] não há como falar do capitalismo dependente do Brasil excluindo o racismo como componente estrutural”, ou seja,

[...] as raízes de tal dependência guardam íntimas ligações com estruturas da sociedade escravista. Isso é fundamental, pois **qualquer projeto de emancipação nacional passa, necessariamente, pelo enfrentamento do racismo estrutural.**

[...] e a própria classificação racial foi construída para atender um objetivo político. [...] É fato que a construção dessa situação de exploração do capital necessita de arcabouços políticos e ideológicos de sustentação. [...] Defendo a ideia de que a matriz colonial de poder é o arranjo institucional do capitalismo dependente. Isso porque a classificação e hierarquização racial presente nessa matriz de poder estabelece condições diferenciadas de humanidade (Oliveira, 2021, p. 168-175).

Como mencionado anteriormente, uma prática da indústria jornalística, mais próxima, quando não formada pelas próprias elites, é o apagamento da história e das lutas populares.

A história do negro no Brasil passa pela sua práxis negativa da condição de classe forjada pela escravidão colonial. Objetificado, o negro buscou sua humanidade na negação da condição de escravo, lutando contra a classe senhorial dominante e contra sistema de exploração imposto. Com fugido, quilombola, sua práxis, através das rebeldias e insurreições, foi o elemento negativo fundamental na dinamização do escravismo, na sua dialética. Esse elemento negativo foi amplamente deturpado pela classe dominante da sociedade pós-escravismo. A necessidade de criar uma sociedade coesa, com uma massa de proletariado subordinada, fez com que a

classe dominante buscasse apagar a histórica do negro escravizado, constituindo a ideia de um negro a-histórico, passivo e positivo dentro da sociedade escravista. Ou considerando como meras exceções as atitudes de resistências (Souza, 2018, p. 225).

No Brasil, isso aconteceu com as lutas dos escravizados, e, após constante pressão dos movimentos organizados, algumas ações aconteceram, como a Lei nº 10.639/2003, aprovada em 9 de janeiro de 2003, que fez alterações à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para implantar a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio.

Todavia, outras ações ainda são necessárias. Na América Latina de herança colonial,

[...] as mulheres em geral e especialmente as mulheres jovens, camponesas, indígenas e afrodescendentes não são apenas descartáveis, são também alvos de eliminação, subordinação, captura, silenciamento, banimento e desterritorialização diante do sistema trator-escavadeira-arrastador do capital e sua matriz patriarcal moderna/colonial de poder (Walsh, 2017).

Lélia González (2020, p. 139), em 1988, afirmava: “[...] dentro do movimento de mulheres, as negras e indígenas são testemunho vivo dessa exclusão”.

O feminismo latino-americano perde muito de sua força abstraindo um fato de maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região. Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho, sem articulá-la com a correspondente ao

nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas (González, 2020, p. 142).

Por isso, tirar a América Latina da solidão nos meios de comunicação não significa apenas incluir essas pautas no noticiário, mas passar por um processo de compreensão do que é ser latino-americano na atualidade, uma compreensão que ultrapasse as categorias coloniais de pensamento, que valorize a cultura e a história latino-americanas em todo o conjunto – as lutas populares, os apagados e excluídos do passado e do presente, as temáticas para o bem comum das nações vizinhas; uma compreensão tanto dos produtores das notícias como do público a que elas se destinam.

Nesse caso, entram em cena os estudos decoloniais na formação de jornalistas – em todos os níveis, da formação inicial aos estudos em pós-graduação – e, também, na de cidadãos latino-americanos, conscientes das feridas ainda abertas pela escravidão e pelo capitalismo dependente no desenvolvimento de nações menos excludentes e mais solidárias.

2 ESTUDOS DESCOLONIAIS: PISTAS PARA AMPLIAR OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE LATINO-AMERICANOS NA INDÚSTRIA JORNALÍSTICA

Desde a conquista, a adoção do modelo primário-exportador, baseado no escravismo, produziu estruturas sociais violentas, que formaram um caldo de cultura racista e machista, alimentaram e justificaram as desigualdades sociais, econômicas, políticas, étnicas e de acesso ao Estado. A estrutura social de classes reflete a segregação de indígenas, negros, mulheres e pobres, como mostraram Fanon (1979) e Galeano (1982). Os processos colonial e neocolonial fabricaram, dentro da América Latina, regiões excludentes que não se identificam fisicamente, mas que estão em constante processo de disputa hegemônica nos campos e nas cidades de todo o continente. Uma América Latina marcada profundamente pela herança colonial onde, ainda no século XXI, são percebidas as consequências do latifúndio, da escravidão, do mandonismo, das relações promíscuas entre a esfera pública e as elites dominantes, inserida perifericamente no capitalismo dependente e com sociedades marcadas pelo machismo e pelo racismo estrutural¹.

1 De acordo com Sílvio Almeida (2019, p. 32), “[...] em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas”.

Há também a América Latina oficial e hegemônica, herdeira direta dos privilégios do colonizador e associada ao capital estrangeiro, representante do poder hegemônico, seja por meio do controle do Estado, seja por meio dos aparelhos ideológicos, entre eles a própria indústria jornalística, que, por conta dos processos de seleção e construção das notícias, intensifica uma imagem de América Latina associada ao atraso, à corrupção, à pobreza, à criminalidade

[...] chegaram os jornais, os rádios, os televisores, os satélites, os computadores. As cataratas de notícias, de imagens, tornando o mundo mais próximo. Mas na Pátria Grande com que sonhou Bolívar sabe-se muito pouco das outras nações vizinhas e irmãs. Quase cinco séculos depois da chegada dos europeus ao continente, os povos dos países latino-americanos pouco intercambiam em matéria de informação, de cultura [...]. A integração latino-americana, sonhada, desejada, clamada, só será consolidada quando os povos latino-americanos se conhecerem melhor. E isso só será possível com uma comunicação de massas que sustente esse ideal. Os latino-americanos, por interesses mesquinhos, incompetência, falta de recursos ou de imaginação, cumprimos com muito pouco de nosso papel na melhoria da comunicação social da região (Piernes, 1990, p. 9-10).

De acordo com Piernes (1990, p. 13), depois de refletir sobre a prática do jornalismo no continente, a “[...] América Latina está enxertada num sistema internacional que opera de maneira inevitável a favor dos países de mais alto desenvolvimento”. Esse panorama mostra a dificuldade que a América Latina tem de se reconhecer, se integrar e, principalmente, de difundir conceitos de

identidade e de desenvolvimento que não sejam marcados pelo colonialismo. Não é possível, neste texto, desenvolver o amplo conjunto de questões envolvidas na integração econômica e política na região, desde Bolívar, mas é possível apontar que há relação entre a dificuldade com relação ao sentimento de “latinoamericanidade” – ou de solidariedade latino-americana – e a divulgação e recepção de estudos sobre América Latina que ultrapassem os conceitos coloniais.

Para Walter Mignolo (2005, p. 15-20), outra marca do processo colonial é a colonização do conhecimento:

[...] las estructuras geopolíticas impuestas son constructos imperiales de los últimos 500 años. Si bien es cierto que ya no padecemos la dominación colonial abierta de los modelos español o británico, la lógica de la colonialidad sigue vigente en la ‘idea’ del mundo que se ha construido a través de la modernidad/colonialidad.

As marcas dos impérios coloniais e neocoloniais na América Latina construíram o racismo, o machismo e a violência contra as periferias como forma de apartá-las dos centros. Os racismos desembocaram em preconceitos vários, inclusive no âmbito da cultura e do conhecimento, tendendo a não valorizar a produção cultural e intelectual latino-americana.

Desde Bartolomé de Las Casas en el siglo XVI, hasta Hegel, en el siglo XIX, y desde Marx hasta Toynbee, en el siglo XX, los textos que se han escrito y los mapas que se han trazado sobre el lugar que ocupa América en el orden mundial no se apartan de una perspectiva europea que se presenta como universal. [...] Mientras que la civilización europea se dividió en culturas nacionales, la población del resto del mundo tenía

‘cultura’ pero no civilización. Los ‘latinos’ de América del Sur tenían una cultura, moldeada en parte en complicidad con los ideólogos franceses de la ‘latinidad’, pero no eran civilizados, pues las antiguas civilizaciones azteca, inca y maia ya estaban confinadas a un pasado olvidado. Eso llevó a que los ‘latino-americanos’ fuesen considerados europeos de segunda clase que carecían de la ciencia y la compleja historia de Europa. Durante la Guerra Fría, esa imagen se extendió a todo el Tercer Mundo (Mignolo, 2005, p. 17-22).

Para Catherine Walsh (2005, p. 14-15), os chamados estudos decoloniais têm como objetivo

Buscar y trabajar hacia la configuración de otros espacios de análisis, intervención y producción de conocimientos [...] De hecho, estos procesos han implicado la re-significación de lo que entendemos por “estudios culturales latinoamericanos”. Esta re-significación se diferencia con lo que muchas veces se ha referido como la “primera generación” de los estudios culturales en América Latina reflejada en los trabajos de Néstor García Canclini, Jesús Martín Barbero y Renato Ortiz, entre otros [...] Es abrir un espacio de diálogo desde Latinoamérica [...] sobre la posibilidad de (re)pensar y (re)construir los “estudios culturales” como espacio de encuentro político, crítico y de conocimientos diversos [...] En este sentido, los “estudios culturales” nombran un proyecto intelectual dirigido al (re) pensamiento crítico y transdisciplinar, a las relaciones íntimas entre cultura, política y economía y a las problemáticas a la vez locales y global es reflejo de la actual lógica multicultural del capitalismo transnacional y tardío [...] También representan una fuerza para enfrentar las tendencias dominantes en las universidades latino-americanas [...] para adoptar y reinstalar perspectivas eurocéntricas del saber [...]

Portanto, ainda para Catherine Walsh (2005, p. 15), os estudos decoloniais

Reflejan el interés de articular desde América Latina, pero en conversación con otras regiones del mundo, proyectos intelectuales y políticos que ponen en debate pensamientos críticos con el objetivo de pensar fuera de los límites definidos por el neoliberalismo y la modernidad, y con el propósito de construir mundos y modos de pensar y ser distintos.

Entre os diferentes projetos de caráter decolonial que podem ser citados, este artigo destaca uma proposta de fevereiro de 1972, do escritor, crítico e intelectual uruguaio Ángel Rama. A escolha desse exemplo foi feita devido à relação da temática (integração cultural latino-americana ao nível universitário) com a proposta do artigo de que a conscientização do ser latino-americano e de pertencer à América Latina passa pela formação do jornalista.

O texto de Rama *Dez teses sobre integração cultural na América Latina ao nível universitário*, publicado originalmente em 1972 e reeditado pela Fundação Darcy Ribeiro em 2021, retoma teses anteriores sobre a universidade reformuladas dentro de uma agenda latino-americanista e anti-imperialista. São 10 teses, entre as quais podem ser destacadas:

- 1 – Todo projeto de integração cultural latino-americana terá seu centro de gravidade em uma concepção anti-imperialista;
- 2 – A cultura que serve à integração será a que fomenta a modernização da sociedade latino-americana dentro de estruturas liberadas da dependência externa;
- [...]
- 5 – A integração deverá apoiar-se sobre uma doutrina latino-americanista que reivindique sua cultura como história e como destino, divulgada e explica-

da mediante estudos que traduzam unificadamente seus múltiplos aspectos;

6 – A contribuição universitária para a integração cultura se veria favorecida e acelerada mediante a criação de universidades regionais de onde se propiciarão planos concretos de integração, formando-se novas gerações em tal espírito e exercitando a doutrina integradora;

[...]

10 – A doutrina integradora deve responder a uma cosmovisão cultural latino-americana que tragam imagens complexas e dinâmicas de um continente em ebulição, utilizando a fundo os meios de comunicação de massas em severo enfrentamento com a doutrinação externa (Rama, 2021, p. 84 -141).

O século XXI caminha para a terceira década com tímidas ações de integração nessa área, como as das sociedades de pesquisa. Há também o interessante projeto da Universidade de Integração Latino-americana (Unila), que apresenta propostas curriculares plurais e atividades extensionistas, mas que, assim como outras iniciativas da região, fica à mercê dos investimentos públicos do governo da ocasião.

O combate ao racismo e ao machismo na América Latina, tanto nos meios de comunicação como nas demais instituições, passa por ações de integração como as descritas por Rama (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou demonstrar que os estudos decoloniais, aplicados às teorias do jornalismo, podem possibilitar dar impulso aos estudos que partam da América Latina e que levem

em consideração o pensamento crítico e transdisciplinar entre cultura, política e economia, que envolvam as questões locais – como o machismo e o racismo, por exemplo – e as problemáticas globais resultantes da dependência econômica latino-americana no cenário internacional.

O olhar latino-americano – e decolonial – para os critérios de seleção e construção de notícias – os valores-notícia e as demais ações (pessoal, organizacional, social e ideológica) – tendem a aproximar a produção jornalística de questões historicamente importantes, como a concentração fundiária, as igualdades étnica e de gênero, a valorização da cultura popular e as causas ambientais e dos povos originários, normalmente menosprezadas pela indústria jornalística. A escolha dos critérios de noticiabilidade começaria a ser sensibilizada, no jornalista, na graduação e nas referências bibliográficas do curso de Jornalismo e, no público, a partir de políticas públicas que pretendam mitigar os efeitos perversos dos processos de colonização, como o próprio racismo.

Iniciativas como esta obra, que publiciza e democratiza o conhecimento acumulado e valoriza a cultura latino-americana, especialmente de um conteúdo que não é de pleno conhecimento do público, contribuem para colocar mais um tijolo na construção das pontes que podem tirar o continente sonhado por Bolívar e Martí de sua solidão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BARBOSA, A. **A solidão da América Latina na indústria jornalística brasileira**. Embu das Artes, SP: Alexa Cultural, 2017.

BARBOSA, A. Por uma teoria latino-americana e decolonial do jornalismo — critérios de noticiabilidade para o jornalismo latino-americano: o caso da revista Nossa América 2022. **Revista Alterjor**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 03-19, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/199047>. Acesso em: 21 ago. 2022.

BARBOSA, A. **Por uma teoria latino-americana e decolonial do jornalismo**. Rio de Janeiro: Frutificando, 2023.

FANON, F. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GONZÁLEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MIGNOLO, W. D. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2005.

OLIVEIRA, D. de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara, 2021.

PENA, F. **Teorias do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIERNES, G. **Comunicação e desintegração na América Latina**. Brasília, DF: Ed. da Unb, 1990.

RAMA, A. **América Latina**: um povo em marcha. Organização de Facundo Gómez. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2021. (Coleção Biblioteca Básica Latinoamericana).

SANTOS, T. dos. Subdesenvolvimento e dependência. *In*. LÖWY, Michael (org.). **O marxismo na América Latina**: uma antologia de 1902 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUZA, C. L. S de. **Terra, trabalho e racismo**: veias abertas de uma análise histórico estrutural no Brasil. 2018. Tese (Douto-

rado em Serviço Social) – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.

WALSH, C. (org.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial**: reflexiones latinoamericanas. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Ayla, 2005.

WALSH, C. **Pedagogias decoloniales**: practicas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir: tomo II. Quito, Ecuador: Editorial Abya-Yala, 2017. (Serie Pensamiento Decolonial).



CAPÍTULO 10

**MEMÓRIAS DO CÂRCERE
DE HIPÓLITO DA COSTA**

Jairo Faria Mendes

INTRODUÇÃO

O jornalista Hipólito da Costa é muito estudado por ter criado o primeiro periódico do país, o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, em junho de 1908, em Londres. No entanto, o jornalista tem outras participações em projetos editoriais, escreveu livros, participou de missões diplomáticas e contribuiu para a modernização da agricultura na Colônia das Américas (Brasil).

Hipólito escreveu *Narrativa da perseguição*, *Diário de minha viagem para Filadélfia*, a *Gramática portuguesa e inglesa* e um romance, sem citar as obras sobre técnicas agrícolas que ele escreveu ou traduziu, como *Descrição da árvore açucareira*, *Descrição de uma máquina para tocar a bomba a bordo dos navios sem o trabalho de homens*, *História breve e autêntica do Banco da Inglaterra*, *Memória sobre a Broncocele ou papo da América do Norte*.

Além disso, viveu momentos difíceis, passando três anos preso em Portugal, talvez a experiência decisiva para os rumos que o jornalista iria tomar. A prisão resultou no livro *Narrativa da perseguição*, em que Hipólito descreve seu período no cárcere, com todas as privações e pressões que viveu. O estudo da obra é de grande importância para entender esse personagem e compreender sua principal criação, o *Correio Braziliense*, que foi fundado pouco depois da fuga do jornalista para a Inglaterra.

Este artigo busca resgatar a obra *Narrativa da perseguição* como um importante livro autobiográfico e, de certa forma, jornalístico; um livro que já mostra o espírito combativo de Hipólito e sua capacidade de contar histórias.

1 BREVE BIOGRAFIA

Em 1774, nasceu Hipólito da Costa, na Colônia de Sacramento, que, na época, pertencia ao território brasileiro. A região foi entregue aos espanhóis três anos depois e, hoje, faz parte do Uruguai. Por isso, sua família se mudou para Pelotas, no Rio Grande do Sul. O pai de Hipólito, que era sargento e, posteriormente, alferes, foi transferido, com anexação da Colônia de Sacramento pelos espanhóis.

Em 1792, Hipólito foi estudar na Universidade de Coimbra. A instituição passava por uma reforma na Faculdade de Filosofia, que abandonava o viés jurídico-filosófico para tomar uma orientação científico-naturalista. Isso foi importante para a formação do

jornalista, que participaria de projetos ligados ao desenvolvimento agrícola do Brasil. Como lembra Monteiro (1979), ele seria discípulo de Brotero, um famoso botânico da época.

Em busca de inovações tecnológicas agrícolas que pudessem ser implantadas no Brasil, realizou uma missão diplomática nos EUA, entre 1798 e 1800, onde viveu grandes experiências e pôde desenvolver seu espírito crítico. Foi nessa viagem que entrou para a maçonaria, fato que iria trazer muitos problemas, mas que também seria decisivo para seu projeto mais importante: o *Correio Braziliense*.

Segundo Rizzini (1957), a Coroa Portuguesa considerou a viagem pouco produtiva. Hipólito chegou a obter algumas plantas importantes e conseguir cochonillas – inseto utilizado para a produção de corantes, muito cobiçado –, mas, pela falta de transportes para enviá-los ao Brasil, ou pelo menos a Portugal, as plantas e os insetos acabaram morrendo no inverno da Filadélfia.

Assim que chegou em Portugal, em 1801, foi trabalhar como diretor literário na *Oficina e Casa Literária do Arco do Cego*, um grande e sofisticado projeto editorial cujo objetivo era produzir livros voltados para o desenvolvimento da agricultura no Brasil. O periódico foi sua porta de entrada para o mundo da imprensa, bem como foi a porta de entrada de outros pioneiros da imprensa brasileira. A *Oficina do Arco do Cego* era dirigida por outro brasileiro ilustre, o botânico Frei Veloso, oriundo de Minas Gerais e primo do mártir Tiradentes.

Em abril de 1802, recebeu a tarefa de ir à Inglaterra para adquirir equipamentos e materiais de consumo para a *Imprensa Régia*. De acordo com Rizzini (1957), não há sinais de que ele tenha cumprido a tarefa. Em vez disso, cuidou de questões ligadas à maçonaria, como a filiação de lojas portuguesas. Por essa ligação com a maçonaria, foi preso três dias após retornar, em julho.

Na cadeia, ficou três anos, e, em 1805, conseguiu fugir de forma curiosa e cinematográfica – como relataremos mais adiante. Durante seis meses, viveu escondido em Lisboa até fugir para a Espanha. Lá, foi a Gibraltar e pegou uma embarcação para Londres, onde estaria seguro com a proteção da maçonaria.

Hipólito da Costa chegou a terras inglesas com 31 anos. Sua vida foi cheia de conquistas, aprendizados e sofrimentos. Pouco depois de chegar a Londres, o jornalista escreveu a obra *Narrativas da perseguição*, contando desde o dia de sua prisão até sua fuga do cárcere. Na capital britânica, Hipólito teve uma ótima recepção de seus colegas maçons, também denominados pedreiros livres, e contou com a proteção do Duque de Sussex. No período de 1805 a 1808, fez traduções literárias e comerciais – era fluente em vários idiomas – e outros trabalhos menores, como dar aulas particulares para senhoras da nobreza.

Sua ação mais ousada e conhecida ocorreu em junho de 1808, com a criação do jornal *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, que, apesar de ser produzido em Londres, é considerado o primeiro periódico da história do Brasil, ficando alguns meses à frente da *Ga-*

zeta do Rio de Janeiro, criada quando a família Real chegou ao Brasil. O jornal era escrito na Inglaterra, mas voltado ao público brasileiro, como mostra a epígrafe de Camões, no cabeçalho: “Na quarta parte nova os campos ara/ E se mais mundo houvera, lá chegara” (*Correio Braziliense*, 1808). Como explica Costela (2014), a “quarta parte” era a colônia nas Américas.

O periódico era mensal e circulou por 14 anos e 7 meses, até dezembro de 1822, com um total de 175 edições publicadas. O *Correio Braziliense* defendia os interesses brasileiros, no entanto, não pregava a sua independência, “[...] sempre defendendo os interesses do Brasil, unido a Portugal e nunca inferiorizado” (Monteiro, 1979, p. 11).

Em Londres, no dia 11 de setembro de 1823, o jornalista morreu sem saber que fora nomeado Cônsul do Império Brasileiro. Em 2001, seus restos mortais foram trasladados para o Brasil, sendo sepultados em Brasília. Graças ao *Correio Braziliense*, Hipólito foi reconhecido como patrono da imprensa brasileira, e o Dia da Imprensa é comemorado na data em que começou a circular o jornal no país, em 1º de junho.

2 NARRATIVA DA PERSEGUIÇÃO

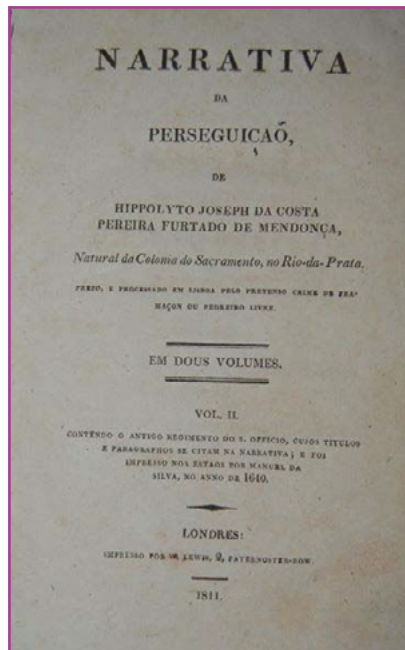
A edição da *Narrativa da perseguição* que será utilizada para a produção deste trabalho foi publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1981. A obra fez parte das

CAPÍTULO 10

comemorações do 10º aniversário da Editora e contêm 159 páginas, em texto corrido e sem divisão de capítulos.

A primeira edição da obra foi lançada em 1811, seis anos após ser escrita, impressa em dois volumes por W. Lewis. Na capa, o autor assim se apresenta: “Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, prezo e processado em Lisboa pelo pretense crime de Framaçom ou Pedreiro Livre”. Nos agradecimentos, Hipólito mostra sua gratidão à nação britânica e à maçonaria. A segunda edição da obra – e a primeira no Brasil – ocorreu no Rio de Janeiro, em 1841, realizada por C. Ogier e Cia.

FIGURA 1 – Capa da primeira edição de *Narrativa da Perseguição*, de 1811



Fonte: Costa (1811).

O livro é um acerto de contas com a Coroa Portuguesa e a Inquisição, como diz o autor em uma carta ao leitor, no início do livro: “[...] a lembrança dos horrores que sofri, será o triunfo da inocência sobre a opressão...” (Costa, 1981, p. 15). Nessa apresentação, o jornalista se mostra bastante indignado com a inquisição:

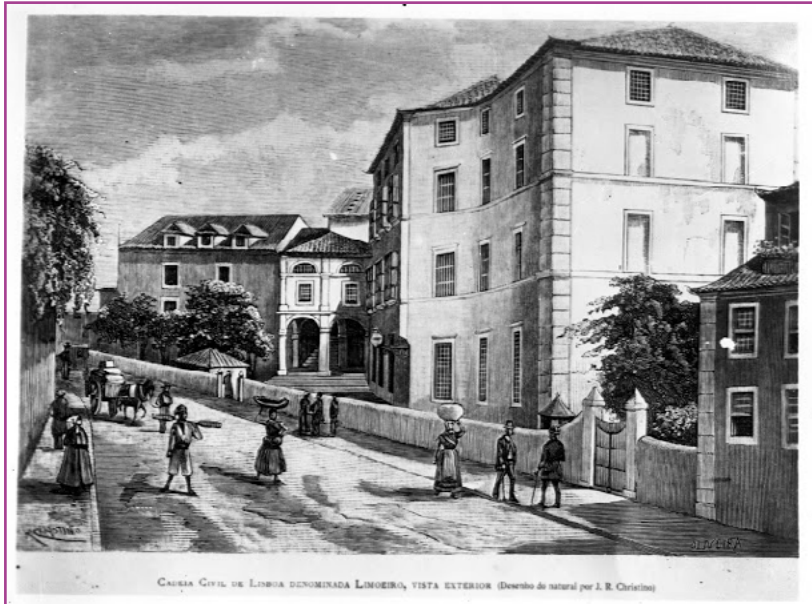
Desde que a minha idade me permitiu o pensar e refletir, sempre me considerei a existência da Inquisição na Europa como uma consequência da ignorância e da superstição e, portanto, sempre a olhei com horror; mas nunca me passou pela imaginação que eu mesmo viria a ser uma das vítimas de sua perseguição (Costa, 1981, p. 15).

A obra inicia com a história sobre a prisão do autor. O texto afirma que, no final de julho de 1802, dois ou três dias após ter chegado a Lisboa de uma viagem à Inglaterra, um corregedor do crime chega à sua casa, apreende vários papéis e leva o jornalista preso. O corregedor justificou a ação mostrando um bilhete do Intendente Geral da Polícia que determinava a prisão, a apreensão e a busca por insígnias maçônicas. De acordo com o bilhete, o motivo da detenção era o fato de Hipólito ter viajado para a Inglaterra sem passaporte. Isso era apenas uma justificativa infundada, como ficaria claro pelo processo. A causa da prisão era a ligação do jornalista com a maçonaria (Rizzini, 1957).

O autor ficou preso e incomunicável na cadeia do Limoeiro. Depois de oito dias, Hipólito foi levado ao corregedor para prestar depoimento, quando solicitou ser “tirado do segredo”, ou seja, deixar de ficar incomunicável. Hipólito alegou que, pelas leis portu-

guesas, ninguém podia ficar nessa situação por mais de cinco dias. Segundo Costa (1981), o magistrado teria respondido que, como havia sido preso pela polícia, não se precisava seguir qualquer lei.

FIGURA 2 – Cadeia do Limoeiro, gravura em madeira, em Lisboa



Fonte: J. R. Cristiano (Cadeia [...]), 2016).

Hipólito descreve seus três anos de cárcere como um exercício de resistência. Em depoimentos, o autor apresenta uma defesa rigorosa de sua inocência, mas o tribunal que o condenou buscava minar suas forças e insistia para que confessasse algum crime. Foram seis meses na Intendência de Polícia e dois anos e meio nos cárceres do Santo Ofício.

Durante todo o período do cárcere, o jornalista ficou sozinho em pequenas celas. Na cadeia do Santo Ofício, onde permaneceu por dois anos e meio, Hipólito ficou em uma cela onde havia um estrado de madeira coberto com um enxergão – um tipo grosseiro de colchão –, uma bilha de água e um vaso para fazer suas necessidades fisiológicas. De semana em semana, quando Hipólito ia à missa, o vaso era esvaziado.

O jornalista reclamava muito da situação desumana em que vivia. O local era muito úmido, com as paredes e grades quase sempre molhadas. No inverno, o frio era intenso, e, além de não contar com cobertores, ficava com a roupa úmida. Ele recebia somente uma refeição diária, servida no jantar.

Vários depoimentos afirmam que o real motivo da prisão de Hipólito foi a sua ligação com a maçonaria. Dentre os papéis apreendidos, estavam cartas patentes de framaçom e documentos relacionados à organização. O autor alegava que, em Portugal, não era crime ser maçom e que, mesmo se fosse, tal acusação não poderia ser aceita, pois sua ligação era com uma loja maçônica de outro país. Porém, independentemente de leis, era costume da polícia e do Santo Ofício perseguir os maçons.

Voltou o Ministro, em outro dia, a perguntas, e instou comigo que eu não podia ignorar que a polícia punia e castigava severamente os framaçons, e que este costume era bastante para eu confessar ser um crime a minha admissão a esta Ordem, e, além disso, que expressa e manifestamente se achava proibida esta sociedade, pelos editais do Santo Ofício (Costa, 1981, p. 37).

Na prisão do Santo Ofício, como era costume, houve momentos em que Hipólito se viu recebendo um tratamento mais humano para conseguir a confissão. O autor afirma que o inquisidor tentou convencê-lo a confessar o crime e, assim, contar com a piedade do tribunal.

Advertiu-me que eu estava no Tribunal mais justo e misericordioso que havia sobre a terra, mas que para obter da sua piedade o perdão dos meus crimes, era necessário que confessasse de motu próprio todos os crimes que tivesse cometido, sem omitir cúmplices, fatores, ou circunstância alguma; que esta confissão devia ser imediatamente feita, porque era aquele o momento mais favorável que tinham os presos da Inquisição, visto que, se para diante confessasse o que ao princípio ocultasse, já não experimentaria a mesma benignidade (Costa, 1981, p. 50).

O jornalista não cedeu à proposta do inquisidor. Seguido a isso, vieram alguns agrados. Depois de ser reconduzido ao cárcere, uma autoridade da cidade lhe disse que a “bondade dos inquisidores” tinha concedido que ele também receberia um copo de café como almoço e um copo de vinho diário, para tratar de seus problemas de saúde. Foram várias as estratégias, de agrados a ameaças, buscando forçar Hipólito a confessar.

[...] um dos maiores tormentos que sofri na Inquisição foi a infinidade de interrogatórios, multiplicados expressamente para me perder com as promessas, carícias, ameaças, tudo em termos vagos, indeterminados, ou falsos, constantes promessas de prontidão em findar o processo, exortações para ter paciência, protestações de caridade, e tudo em palavras ambi-

guas, que davam lugar as mais funestas conjeturas (Costa, 1981, p. 57).

A partir daí, o livro traz os debates do jornalista com os inquisidores sobre a maçonaria. Enquanto seus acusadores queriam definir a organização como um movimento herético, Hipólito defendia a instituição.

Após 14 meses no cárcere do Santo Ofício, um advogado, cujo nome era Antônio Joaquim Torres de Abreu, apresentou-se ao jornalista dizendo ter sido nomeado pelo tribunal do Santo Ofício com o intuito de defendê-lo. A proposta de defesa do advogado trazia, em uma lauda, uma confissão de culpa de Hipólito, com uma súplica para que fosse “castigado com brandura”.

Hipólito não confiou no advogado, pois sabia que os advogados do tribunal do Santo Ofício agiam de acordo com os interesses dos inquisidores e, por isso, estavam prontos a trair seus clientes. Apesar disso, o jornalista assinou a procuração, uma vez que não suportava mais o tormento que sofria no cárcere e nos interrogatórios.

Depois disso, o autor ficou seis meses sem qualquer notícia sobre seu julgamento. Ao final, não foram dados muito esclarecimentos; o inquisidor apenas informou que Hipólito deveria “descansar na piedade e misericórdia daquele Tribunal” (Costa, 1981, p. 95).

Antes de saber de sua sentença, Hipólito fugiu da cadeia. O livro *Narrativa da perseguição* não descreve a fuga, mas diz que o jornalista saiu com uma certa facilidade: “[...] como podia e efetiva-

mente executei, sair sem arrombamento, escalamento ou violência alguma” (Costa, 1981, p. 99). Ele justifica a fuga com a afirmação de que era injustiçado e que não queria morrer no cárcere dando desgosto a pessoas que lhe eram caras.

A obra de Leão (2004) descreve como ocorreu a fuga do jornalista. De acordo com os relatos, um guarda contou para Hipólito que estava sozinho, pois seu chefe havia desertado de seu posto com medo de ser preso por uma dívida de jogo. O jornalista, então, aproveitou a oportunidade e pediu ao carcereiro que lhe buscasse um remédio porque estava muito mal. O guarda saiu, mas deixou as chaves ao alcance do autor, que aproveitou para realizar a fuga. “Assim, logrou o prisioneiro ver de novo a luz da liberdade” (Leão, 2004, p. 25).

No restante do livro, o jornalista faz uma longa defesa a favor da liberdade de pensamento, da importância da razão e faz duras críticas à Inquisição, expondo sua indignação contra seus acusadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Narrativa da perseguição* é de grande importância para a história do jornalismo brasileiro. Hipólito da Costa tem sido muito estudado, mas várias de suas obras são deixadas em segundo plano, como é o caso do livro que traz o relato do período em que esteve no cárcere.

Lendo a obra, é possível entender bem melhor quem era o jornalista, sua maneira de ser e pensar. Era um livre pensador, contrário ao conservadorismo e à superstição que reinava em Portugal; um jovem com formação profunda e muita firmeza em seus propósitos, por isso, resistiu a maus tratos, ao isolamento e à tortura psicológica que viveu durante três anos.

O livro também pode ser considerado como o primeiro trabalho jornalístico de Hipólito da Costa. Narrado em primeira pessoa, com objetividade e boa argumentação, a obra deve ser reconhecida pelo seu valor histórico e jornalístico.

REFERÊNCIAS

CADEIA do Limoeiro: Paço a-par-de São Martinho. **Lisboa de Antigamente**. [s. l.], 27 fev. 2016. Disponível em: <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/02/cadeia-do-limoeiro-paco-par-de-sao.html>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CORREIO BRAZILIENSE OU ARMAZÉM LITERÁRIO. Londres: Acervo da Biblioteca Digital do Brasil, 1808. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/correio_braziliense/volume01.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

COSTA, H. da. **Narrativas da perseguição**. Londres: W. Lewis, 1811. Disponível em: <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/idurl/1/69135>. Acesso em: 17 nov. 2023.

COSTA, H. da. **Narrativa da perseguição**. 4. ed. Porto Alegre: UFRG, 1981.

COSTA, H. da. **Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)**. Brasília, DF: Senado Federal, 2004.

COSTELA, A. F. Jogos de espelhos: os biógrafos de Hipólito da Costa. **Observatório da Imprensa**, [s. l.], 2014. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/alm100620031.htm>. Acesso em: 03 jan. 2014.

LARANGEIRA, A. Mapeamento documental dos anos dourados de Hipólito da Costa com a Coroa Portuguesa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, [s. l.], ano 171, n. 448, p.13-30, 2010.

LEÃO, M. Notícias sobre Hipólito da Costa: esboço de uma biografia. *In*: COSTA, H. da. **Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)**. Brasília, DF: Senado Federal, 2004. p. 23-34.

LIMA, A. A. Introdução. *In*: COSTA, Hipólito da. **Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)**. Brasília, DF: Senado Federal, 2004. p. 11-21.

MACEDO, F. R. de. Apresentação da Terceira Edição. *In*: COSTA, H. da. **Narrativa da perseguição**. 4 ed. Porto Alegre: UFRG, 1981.

MARQUES DE MELO, J. Hipólito da Costa: patrono oficial da imprensa brasileira. *In*: MARQUES DE MELO, J. **Imprensa brasileira**: personagens que fizeram história. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. v. 1. p. 13-24.

MONTEIRO, R. **Hipólito da Costa e a Independência**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

RIZZINI, C. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES

Alexandre Barbosa

Pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Unesp; Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP); Mestre em Jornalismo Comparado (ECA-USP); Especialista em Jornalismo Internacional (PUC-SP); jornalista (UMESP); pesquisador e professor do Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura (Celacc) e da Escola de Comunicação Pública (CRP-ECA-USP). É autor dos livros *Por uma teoria latino-americana e decolonial do Jornalismo* e *A solidão da América Latina na indústria jornalística brasileira* e organizador dos livros *Jornalismo em gêneros* (ECA-USP), volumes I a IV. Foi vencedor do Prêmio Professor Imprensa 2017, na categoria Coordenador de Jornal-Laboratório região Sudeste.

E-mail: prof.alexandrebarbosa@gmail.com

Daniela Borges de Oliveira

Bolsista CAPES no Mestrado em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp); bacharela em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); membro do Grupo de Pesquisa “MÍDIAisthesis - Cultura Mídiatizada e Experiência Estética” da Unesp, certificado pelo CNPq.

E-mail: db.oliveira@unesp.br

Everson Umada Monteiro

Designer gráfico na Editora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e professor de Publicidade e Propaganda no Centro Universitário da Grande Dourados; Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (2017); Especialista em Mídias Digitais Interativas pela Universidade do Oeste Paulista (2015); graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica Dom Bosco (2014) e em Biomedicina pelo Centro Universitário de Maringá (2007).

E-mail: eversonum@gmail.com

Fernanda Pasian

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP); Especialista em Gestão Cultural (Centro Universitário SENAC); graduada em Comunicação e Multimeios pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Participa dos grupos Estudos Culturais e Educação Contemporânea (UNIR-RO) e Transgressões - Gênero, Sexualidades, Corpos e Mídias contemporâneas (UNESP). Trabalha com projetos culturais (Cobogó Estúdio), com planejamento e produção de conteúdo (Grão Comunicação) e pesquisa sobre comunicação e cidade.

E-mail: pasianfernanda@gmail.com

Gabriela Ribeiro Amorin

Mestranda do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Comunicação pela FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp Bauru; pós-graduanda em Jornalismo Investigativo pela Universidade Anhembi Morumbi; graduada em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Suas principais linhas de pesquisa são os estudos de recepção e as mediações culturais, elaboradas pelos estudiosos Martín-Barbero e Orozco Gomes, dos Estudos Culturais latino-americanos.

E-mail: g.amorin@unesp.br

Giselle Xavier d'Ávila Lucena

Doutoranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista (UNESP); Mestre em Comunicação Social - Interações Midiáticas (PUC Minas); Especialista em Produção e Crítica Cultural (PUC Minas); graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Acre (UFAC); professora no curso de bacharelado em Jornalismo da Ufac. Coordena o Grupo Jornalismo, Culturas e Artes na Amazônia (CNPQ, 2019). É autora do livro *Do Chico ao pop: jornalismo e cultura no Acre* (2013).

E-mail: giselle.lucena@unesp.br

Jairo Faria Mendes (Jairo Fará)

Escritor, artista visual, jornalista e professor do curso de Jornalismo da UFSJ, desde 2009; professor da PUCMinas de 2000 a 2008; Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de Coimbra (Portugal) e em Comunicação Social pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP); autor de livros sobre jornalismo, como *O Ombudsman* e *O leitor* (O Lutador, 2001) e *Minas Impresas* (Literíssima, 2023), de obras literárias como *Cidadezinha biruta* (Literatura infantil, Páginas, 2019), *O ovo do minerim* (Poesia, Jararaca Books, 2011), *Livro de bolso* (livro-objeto, 2014), além de peças teatrais, roteiros e participações em inúmeras coletâneas. Realizou várias exposições de poesia visual. É editor assistente da revista literária *Bric a Brac*. Ocupa a cadeira 23 do Instituto Histórico e Geográfico do Sul de Minas.

E-mail: jairo@ufsj.edu.br

Maria Cristina Gobbi

Bolsista de Produtividade do CNPq-nível2; pesquisadora Livre-Docente em História da Comunicação e da Cultura Midiática na América Latina pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); professora no Departamento de Comunicação, dos cursos de graduação e de pós-graduação da Unesp. Concluiu o Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP). É presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCom), gestão (2019-2021 e 2021-2023). Ganhadora do Prêmio Luiz Beltrão - Categoria: Maturidade Acadêmica da Intercom, em 2014.

E-mail: cristina.gobbi@unesp.br

Marcos Roberto Souza Brogna

Especialista em Comunicação Jornalística pela Faculdade Cásper Líbero; graduado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero; mestrando em Comunicação na Universidade Estadual Paulista (UNESP); professor do Centro Universitário Senac.

E-mail: marcos.brogna@unesp.br

Matheus Santiago Gonçalves

Mestrando em Comunicação pela Unesp de Bauru com o trabalho “Empreendedorismo e individualismo: educação financeira no Youtube e a construção da subjetividade neoliberal”. Estuda a produção das ideias neoliberais e das novas direitas no Brasil no ambiente virtual. É graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atua na educação básica das redes pública e privada na região de Araçatuba-SP, lecionando as disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, além de ter integrado o cursinho pré-vestibular gratuito para jovens estudantes da rede pública na cidade de Birigui-SP.

E-mail: goncalvesmatheus86@gmail.com

D **Diálogos comunicacionais na América Latina: produção, vivências e fatos** reflete sobre as contribuições de mulheres latino-americanas para a construção do saber no campo da comunicação. Dividida em 10 capítulos, a obra retrata o cenário do campo pelas perspectivas de importantes pesquisadoras da área, no intuito de possibilitar o avanço na produção do conhecimento e (re)conhecer a natureza do espaço comunicativo-produtivo ocupado por elas.

A obra traz resultados e discussões feitas por discentes e professores durante o segundo semestre letivo de 2021 na disciplina *Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas*, ministrada pela professora doutora Maria Cristina Gobbi e integra o rol de especialidades do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

EDITORA **UEMS**